

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

SÉRGIO ROBERTO PEREIRA DA SILVA

**A DISPUTA POR ESPAÇOS ENTRE O BIOMA PAMPA E O
AGRONEGÓCIO DA SOJA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA**

PORTO ALEGRE

Junho de 2023

SÉRGIO ROBERTO PEREIRA DA SILVA

**A DISPUTA POR ESPAÇOS ENTRE O BIOMA PAMPA E O
AGRONEGÓCIO DA SOJA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientação: Prof^ª Dr^ª Ilza Maria Tourinho Girardi

PORTO ALEGRE

Junho de 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Sérgio Roberto Pereira da
A DISPUTA POR ESPAÇOS ENTRE O BIOMA PAMPA E O
AGRONEGÓCIO DA SOJA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA / Sérgio
Roberto Pereira da Silva. -- 2023.
117 f.
Orientadora: Ilza Maria Tourinho Girardi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Ambiental. 3. Bioma
Pampa. 4. Agronegócio. 5. Agronegócio da soja. I.
Girardi, Ilza Maria Tourinho, orient. II. Título.

SÉRGIO ROBERTO PEREIRA DA SILVA

A DISPUTA POR ESPAÇOS ENTRE O BIOMA PAMPA E O
AGRONEGÓCIO DA SOJA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em 16 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi (UFRGS)

Orientadora

Professor Dr. Marcelo Ruschel Träsel (UFRGS)

Examinador

Professora Dra. Eloisa Beling Loose (UFRGS)

Examinadora

Dra. Eliege Maria Fante (Bolsista CNPq)

Examinadora

Professor Dr. Felipe Moura de Oliveira (UFRGS)

Suplente

AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos não poderia começar de outra forma. Preciso reconhecer a importância de meus pais, Adão e Verena, na minha formação e na pessoa que me tornei. Graças a eles, fui o primeiro de minha família a concluir uma graduação. Meus saudosos pais sempre incentivaram os filhos a estudar. Lembro de ir com meu pai, na década de 1970, buscar minha mãe no curso supletivo noturno. Após trabalhar o dia todo numa fábrica de calçados e cuidar das lides da casa, ela ainda tinha fôlego para frequentar a escola à noite e estudar nos finais de semana. Seu sonho era concluir o primeiro grau, já que a infância na zona rural de Rolante não lhe permitiu seguir as rotinas do ensino. E ela conseguiu. Seu exemplo me dá forças para continuar a busca pelo conhecimento até hoje. De meu pai, trago o respeito pela educação, que ele teve que desistir em função do sustento da família, e o amor pelos jornais. Apesar da pouca instrução, meu pai era um devorador de jornais. Aos finais de semana, lembro dele me entregando o Correio Infantil no antigo formato *standard* do Correio do Povo. Naquelas páginas passava horas, lendo, descobrindo as sete diferenças entre duas ilustrações aparentemente similares, ligando pontos para completar uma figura ou rindo do azarado Sofrenildo, popular personagem do cartunista Sampaolo. Assim nasceu este jornalista.

Quero agradecer também a minha esposa Elisabete e meus filhos Álvaro e Eduardo. Essa dissertação, com certeza, representou horas a menos da presença do marido e pai. Mesmo assim, seus incentivos eram constantes. Ver meus filhos estudando juntos, um colaborando com o outro, também significou importante encorajamento. Vê-los em interação constante, com leituras conjuntas, em videoaulas, trocando áudios ou apenas comentando seus conhecimentos na mesa de jantar foram grandes motivadores para esse velho aluno. Minha esposa, sempre carinhosa e pronta para ajudar, foi combustível fundamental neste processo. Professora, sabe de ofício e por vocação que nunca é tarde para aprender e que conhecimento representa também cidadania. E com seu amor, tudo fica mais fácil para mim.

Minha orientadora, Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi, merece toda gratidão possível. Ela acreditou em mim, mesmo conhecedora das minhas dificuldades e limitações, como a idade, o longo tempo distante da academia e as atividades profissionais e sindicais que me demandam boa parte do meu tempo. Sempre disponível nas dúvidas, sempre didática nas orientações, sempre paciente, sempre afável e respeitosa diante das perguntas de seu orientando. Ilza é a maior responsável por essa porta que se abriu e que me permitiu acesso não apenas a novas

oportunidades acadêmicas, mas também a uma outra visão de vida, a partir dos textos iluminados de Vandana Shiva e Fritjof Capra, entre outros.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, quero deixar meu agradecimento pelos ensinamentos e orientações. Tive a felicidade de ser aluno de Ana Cristina Cypriano Pereira, Fabrício Lopes da Silveira, Felipe Moura de Oliveira, Karla Maria Muller, Lirian Sifuentes dos Santos, Lucrécia D'Alessio Ferrara, Marcelo Ruschel Trasel, Marcia Benetti, Nilda Aparecida Jacks, Nísia Martins do Rosário, Regiane Miranda de Oliveira e Thais Helena Furtado. E não posso deixar de fazer uma menção ao professor Alexandre Rocha da Silva, que ministraria disciplina em que eu estava matriculado, mas que infelizmente não tive a sorte de ser aluno por seu precoce falecimento.

Aos colegas do grupo de pesquisa, cujos exemplos me inspiraram e que tanto contribuíram na elaboração dessa dissertação. Faço questão de nomeá-los neste espaço: Alberto Ferreira, Ângela Camana, Carine Massierer, Claudia Herte de Moraes, Débora Gallas Steigleder, Eliege Fante, Eloisa Beling Loose, Eutalita Bezerra da Silva, Heverton Lacerda, Janaína Capeletti, Mathias Lengert, Mateus Cervo, Patrícia Kolling, Reges Toni Schwaab, e Roberto Vilar Belmonte. Um agradecimento especial para Eloisa Loose, que coordenou meu estágio docente e me deu importantes sugestões, principalmente na qualificação de minha dissertação, e para Eliege Fante, que me encaminhou uma série de recomendações fundamentais para essa dissertação.

Também não posso esquecer de alguns amigos que foram importantes catalisadores para minha volta aos estudos. Relaciono os nomes de André Carlos Moraes, Beatriz Sallet, Daiane Pires, Demétrio de Azeredo Soster, Eduardo Zilles Borba, Juan Domingues, Lisiane Mossmann, Luís Marcelo Miranda, Madalena Klein, Marcos Emílio Santuário, Ricardo (Rico) Machado, Sílvio Luiz Melatti e Simone Schmidt. Todos, com seus apoios ou apenas com suas histórias pessoais, levaram-me a compreender que a busca pelo conhecimento deve ser persistente, constante, infinita. Seus exemplos me nutriram com a inspiração que me faltava para dar o primeiro passo neste processo.

Por fim, faço menção a dois grandes amigos que partiram recentemente e que, apesar de não estarem diretamente relacionados à produção dessa dissertação, de alguma forma marcaram a minha vida. Henrique Erni Grawer, meu amigo de infância, colega de escola e que tive a felicidade de reencontrar profissionalmente no início da década de 1990 na redação de ZH. Erni faleceu repentinamente em 2021, dentro da redação do jornal, acometido por um mal súbito. Uma grande perda. O outro amigo é meu quase irmão Gilmar Luiz Tatsch, o Tacho, conhecido

por suas charges nos jornais do Grupo Editorial Sinos e do Correio do Povo. Tacho faleceu também em 2021, vencido por um câncer. Após uma convivência de muitos anos com o Gilmar, como costumava chamá-lo, a falta do amigo ainda é muito sentida. Tacho é merecedor de todas as homenagens que está recebendo postumamente. Tenho certeza de que ambos ficariam orgulhosos pelas minhas conquistas.

A todos os relacionados aqui, meu muito obrigado!

*"Aquele que não está se ocupando em nascer,
está se ocupando em morrer."*

Bob Dylan (It's Alright, Ma)

RESUMO

Esta dissertação tem como propósito analisar o conteúdo do jornal gaúcho Zero Hora (ZH) no que se refere à preservação do bioma Pampa em comparação com os espaços concedidos ao tema agronegócio. Em especial, as informações relacionadas ao cultivo da soja, cultura que vem aumentando gradativamente no território semeado no Estado e ocupando cada vez mais áreas do bioma. A base da análise de conteúdo está sedimentada nos princípios do Jornalismo Ambiental (GIRARDI *et al.*, 2012), com ênfase na contextualização, pluralidade de vozes, cobertura sistêmica, responsabilidade com a mudança de pensamento. E também a partir dos elementos do jornalismo relacionados por Kovach e Rosenstiel (2003). Entre outros autores utilizados destacam-se Brum (1988), Bueno (2007), Garcia (2004), Belmonte (2015) e Frome (2008). A pesquisa empírica abrange a cobertura de ZH durante os doze meses de 2021, ano em que o Mapbiomas revelou que o Pampa foi dos seis biomas brasileiros o mais prejudicado pela ação humana nos últimos 36 anos. Para a análise será utilizada a Análise de Conteúdo baseada em Bardin (1977), Fonseca (2006), Richardson (1999), Martinez e Pessoni (2012). O corpus compreende 56 textos publicados por ZH em 2021 agrupados em Pampa, agronegócio da soja e demais matérias sobre agronegócio. A pesquisa concluiu que o jornal gaúcho prioriza a cobertura da soja sob viés econômico, dando voz às principais entidades representativas deste setor. Se este diário não segue os pressupostos do Jornalismo Ambiental, por não se tratar de um veículo especializado, por outro lado não cumpre as principais premissas do jornalismo, como defender os interesses da cidadania, evidenciando ao público a contextualização, multiplicidade de vozes e complexidade dos fatos.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental; Pampa; agronegócio da soja.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the content of the Zero Hora (ZH) newspaper in Rio Grande do Sul with regard to the preservation of the Pampa biome in comparison with the spaces granted to the agribusiness theme. In particular, information related to soybean cultivation, a crop that has been gradually increasing in the sown territory in the State and occupying more and more areas of the biome. The basis of content analysis is based on the principles of Environmental Journalism (GIRARDI et al., 2012), with an emphasis on contextualization, plurality of voices, systemic coverage, responsibility for changing thinking. And also from the elements of journalism listed by Kovach and Rosenstiel (2003). Among other authors used, Brum (1988), Bueno (2007), Garcia (2004), Belmonte (2015) and Frome (2008) stand out. The empirical research covers the coverage of ZH during the twelve months of 2021, the year in which Mapbiomas revealed that the Pampa was, of the six Brazilian biomes, the most affected by human action in the last 36 years. For the analysis, Content Analysis based on Bardin (1977), Fonseca (2006), Richardson (1999), Martinez and Pessoni (2012) will be used. The corpus comprises 56 texts published by ZH in 2021 grouped in Pampa, soy agribusiness and other articles on agribusiness. The research concluded that the newspaper from Rio Grande do Sul prioritizes the coverage of soy from an economic perspective, giving voice to the main representative entities of this sector. If this diary does not follow the assumptions of Environmental Journalism, as it is not a specialized vehicle, on the other hand it does not fulfill the main premises of journalism, such as defending the interests of citizenship, showing the public the contextualization, multiplicity of voices and complexity of facts.

Keywords: Environmental Journalism; Pampa; soy agribusiness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Traçado do bioma Pampa no RS	26
Figura 2 – Bioma Pampa 1985	29
Figura 3 – Bioma Pampa 2020	30
Figura 4 – Zero Hora de 23 de setembro de 2021 – p. 19	62
Figura 5 – Zero Hora de 23 de setembro de 2021 – p. 24	64
Figura 6 – Zero Hora de 09 e 10 de novembro de 2021 – p. 20 e 21	66
Figura 7 – Zero Hora de 31/12/20 e 1º/01/21 – p. 12	70
Figura 8 – Zero Hora de 10 de dezembro de 2021 – p. 14	72
Figura 9 – Zero Hora de 26 de março de 2021 – p. 01, 20 e 21	73
Figura 10 – Zero Hora de 10 e 11 de abril de 2021 – p. 01, 22, 23 e 24	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção x exportação da soja no Brasil – Safra 2011/12 a 2020/21	35
Gráfico 2 – Plantio de soja em áreas de arroz no RS em dez anos	37
Gráfico 3 – Plantio da soja no RS de 2011 a 2020	39
Gráfico 4 – Plantio da soja no Pampa do RS de 1985 a 2020	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diretrizes da Carta Aberta à Sociedade Gaúcha pela proteção do Pampa	31
Quadro 2 – Publicações sobre o Pampa em ZH – janeiro a dezembro de 2021	59
Quadro 3 – Publicações sobre o agronegócio em ZH – janeiro a dezembro de 2021	68
Quadro 4 – Publicações sobre soja em ZH – janeiro a dezembro de 2021	75
Quadro 5 – Tabulação de espaços em ZH por tema – janeiro a dezembro de 2021	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Biomas brasileiros	24
Tabela 2 – Comparação bioma Pampa 1985-2020	27
Tabela 3 – Maiores compradores de soja do Brasil em 2020	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Análise de Conteúdo

a.C. - Antes de Cristo

Aprosoja - Associação Brasileira dos Produtores de Soja

BP - Bioma Pampa

Conab - Companhia Nacional de Abastecimento

Emater-RS - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul

Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EUA - Estados Unidos da América

Farsul - Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul

Fecoagro - Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul

Fecomércio - Federação do Comércio de Bens e Serviços do Estado

Fepam - Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

GZH – Gaúcha Zero Hora

Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Irga - Instituto Rio Grandense do Arroz

ISAAA - Serviço Internacional para Aquisição de Aplicações de Agrobiotecnologia

IVC - Instituto Verificador de Comunicação

JÁ - Jornalismo Ambiental

Mapa - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Mapbiomas - Projeto de Mapeamento Anual do Uso e Cobertura da Terra do Brasil

ME - Ministério da Economia

MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts

MMA - Ministério do Meio Ambiente

ONU - Organização das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Bruto

RBS - Rede Brasil Sul de Comunicação

RS - Rio Grande do Sul

Seap RS - Secretaria da Agricultura e Pecuária do Rio Grande do Sul

Secex - Secretaria do Comércio Exterior

Sema - Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura

UCS - Union of Concerned Scientists

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Unesco - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

ZH - Zero Hora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 TERRA PLANA DO SUL	23
2.1 Patrimônio natural	23
2.2 As explorações dos espaços	26
3 O AGRO NÃO POUPA NINGUÉM	33
3.1 Agricultura em expansão no RS	33
3.2 Avanço sobre o Pampa	38
4 JORNALISMO E JORNALISMO AMBIENTAL	42
4.1 Além do relato frio	42
4.2 O ser humano e a natureza	44
4.3 Combate à desinformação	46
5 METODOLOGIA	51
5.1 Análise de Conteúdo	51
5.2 A escolha por Zero Hora	53
6 O PAMPA X A SOJA NA IMPRENSA	58
6.1 O espaço no jornalismo	58
6.2 O Pampa, a soja e o agronegócio em ZH	59
6.2.1 O Pampa	59
6.2.2 O agronegócio	68
6.2.3 A soja	72
6.2.4 Prioridades	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	88

APÊNDICE A - Análise de conteúdo – cobertura de ZH - bioma Pampa x soja ... 96

ANEXO A - Mapeamento Anual da Cobertura e Uso da Terra no Brasil 98

1 INTRODUÇÃO

Em 2014, ingressei profissionalmente em um segmento que pouco conhecia: o jornalismo rural. Em muitos anos de atividade, já havia passado por muitas editorias, mas a cobertura no setor agrícola era uma desconhecida até então. A partir daquele ano, no entanto, meus textos passaram a ter uma protagonista, a *Oryza sativa*. Ou na linguagem popular, o arroz. Ou ainda mais especificamente, o arroz semeado e colhido no Rio Grande do Sul.

A *Oryza sativa*, inevitavelmente, levou-me a uma outra cultura, a soja (*Glycine max*). Isso porque os produtores orizícolas do Estado, em número considerável, também plantam soja. A própria instituição em que trabalho, o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), apesar do nome, passou a fazer pesquisa também com manejo e sementes de soja para atender a esse público interessado. E o Irga também recomenda aos produtores que pratiquem a técnica da “rotação de culturas”, um sistema que envolve semear arroz em determinada época do ano e nos demais meses plantar outra(s) cultura(s). Na safra 2020/2021, 39,3% da área semeada com arroz foi em algum momento ocupada por soja, totalizando 372.014 hectares (IRGA, 2021). A oleaginosa segue ocupando cada vez mais espaços no RS.

Conforme estudo do Projeto de Mapeamento Anual da Cobertura e Uso da Terra do Brasil - Mapbiomas (2021), o maior problema do bioma Pampa hoje é a ocupação agrícola, principalmente por lavouras de soja. O Pampa foi o bioma brasileiro mais degradado nos últimos 36 anos, aponta o levantamento. Entre 1985 e 2020, imagens de satélites revelaram uma perda de área de 21,4%. E 47,8% do Pampa está ocupado hoje por áreas semeadas. Nesse período de 36 anos, o Pampa perdeu 2,5 milhões de hectares, o que, a título de comparação, equivale a 50 vezes a área do município de Porto Alegre (Anexo A). Entendo que o papel da imprensa é fundamental para uma mudança de pensamento e para que esse processo de devastação seja interrompido o quanto antes.

Entre as finalidades do jornalismo listadas por Reginato (2019) há pelo menos quatro itens que podem ser relacionados à questão ambiental: ajudar o sujeito a entender e viver a sua época; estimular o engajamento e mobilizar a participação; esclarecer, orientar e educar; e defender o cidadão. O jornalismo funciona como um instrumento que permite ao leitor tomar consciência do seu tempo e de seu lugar no mundo. Ou, como define Gomis (1991, p. 175), contribuir para “formar um presente social de referência”.

Estamos tratando aqui de um jornalismo focado no cidadão e no esclarecimento, apontando erros e soluções, buscando uma atitude pró-sociedade e a favor do planeta. Por isso a minha escolha pelo Jornalismo Ambiental (que também identificarei com a sigla JA nesta pesquisa). Para Wilson Bueno, o Jornalismo Ambiental precisa ir além do jornalismo:

O jornalismo ambiental deve construir o seu próprio “ethos”, ainda que compartilhe parcela significativa de seu DNA com todos os jornalismo (especializados ou não) que se praticam por aí. Simplesmente porque comprometido com a qualidade de vida e com o efetivo exercício da cidadania, ele não pode reduzir-se à sedução do progresso tecnológico, do esforço quase sempre socialmente injusto pelo aumento do PIB e da produção de grãos, ou espelhar-se no egoísmo desmobilizado da intelectualidade brasileira. (2007, p. 29)

Essa pesquisa procura destacar a importância do Jornalismo e do Jornalismo Ambiental para a construção de uma sociedade consciente. Por isso, a dissertação buscará descrever as principais características do JA (GIRARDI et al, 2012; BUENO, 2007), com foco em suas práticas e princípios. Nesse sentido, a pergunta que norteia a pesquisa é: a cobertura do Jornal ZH sobre o avanço do agronegócio, em especial a soja, sobre o bioma Pampa contém informações para que os leitores percebam os danos desse processo para o meio ambiente e como isso pode impactar a sociobiodiversidade?

O objetivo geral da dissertação é compreender como o ZH tratou da destruição do Pampa nas matérias sobre o avanço do agronegócio e, em especial, o agronegócio da soja sobre o bioma.

Os objetivos específicos, por sua vez, são: (1) identificar as fontes utilizadas nas notícias sobre o bioma Pampa e o avanço do agronegócio da soja; (2) observar qual o conteúdo com maior predominância, o da preservação ambiental ou o do agronegócio; (3) verificar os argumentos empregados em defesa da preservação ambiental e do agronegócio; e (4) averiguar se as matérias publicadas contribuem para ampliar a consciência ambiental do leitor em relação aos problemas enfrentados pelo bioma Pampa.

O propósito é comparar os espaços concedidos à questão da preservação do Pampa em contraposição à centimetragem e enfoque que esse veículo concedeu ao cultivo da soja no RS. É sabido que o discurso do agronegócio prevalece na grande imprensa, principalmente pelos altos valores envolvidos na comercialização da soja cultivada como commodity.

A primeira fase do trabalho de pesquisa envolve a seleção das notícias publicadas pelo jornal Zero Hora sobre os temas bioma Pampa e agronegócio. Nesta verificação, as palavras-chaves foram: Jornalismo Ambiental, Pampa, agronegócio da soja. O trabalho é realizado a partir das versões impressas digitalizadas do veículo disponíveis em GaúchaZH (GZH), que é

o site e aplicativo de notícias do Grupo RBS criado para unificar as notícias do impresso Zero Hora e da Rádio Gaúcha (Coletiva.net, 2017).

Após a seleção das notícias de ZH em 2021, é utilizada a Análise de Conteúdo (AC) como metodologia. Bardin (1977) define AC como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. A AC é utilizada em várias pesquisas de comunicação, em especial na área do jornalismo.

O período escolhido para análise se inicia em janeiro e vai até dezembro de 2021, ano em que o Mapbiomas divulgou dados sobre a situação dos seis biomas brasileiros nos últimos 36 anos. O Formulário de Codificação (Apêndice 2) foi utilizado durante o trabalho de levantamento das publicações do jornal.

Após o levantamento de reportagens e notícias, o trabalho consiste na codificação, composto por três fases: “(a) o recorte – escolha das unidades de registro e de contexto; (b) a enumeração – escolha das regras de enumeração; (c) a classificação e agregação – escolha das categorias” (FONSECA, 2006, p. 294). Foram analisados itens como editoriais, espaço na página, título e fontes. A pesquisa envolve também a quantificação do material selecionado.

No capítulo 2, apresento, primeiramente, o Pampa, sua origem, características e atual realidade. A cena de degeneração do bioma gaúcho nos últimos 36 anos será analisada a partir dos dados do levantamento do Mapbiomas. Principalmente no crescimento do plantio da soja e na redução das áreas do Pampa.

O agronegócio brasileiro e o cultivo da soja enquanto commodity são os pontos principais do capítulo seguinte. Entre as questões levantadas, a substituição de culturas tradicionais, mas principalmente, do manejo pastoril através da pecuária familiar que conserva a vegetação campestre predominante no Pampa, pela soja e a ideia difundida de que o agronegócio alimenta o Brasil. Até mesmo outras commodities vêm perdendo espaço para a soja, como o arroz semeado no Estado, conforme estudo do Irga (2021).

No capítulo 4, o foco é o Jornalismo (KOVACH E ROSENSTIEL, 2004) e o Jornalismo Ambiental (GIRARDI *et al.*, 2012), seus elementos e princípios, principalmente focado na função social da atividade profissional. O capítulo 5 explica o percurso metodológico e discorrer sobre a justificativa pela escolha do jornal Zero Hora como objeto da análise.

E, por fim, a pesquisa empírica é abordada no capítulo 6, com a análise do material publicado pelo jornal gaúcho em 2021 no que se refere ao Pampa, ao agronegócio e à soja, identificando as prioridades de ZH e se o jornal segue as melhores práticas jornalísticas quando o assunto envolve meio ambiente. No capítulo 7 estão as considerações finais.

2 TERRA PLANA DO SUL

O bioma Pampa, sua história, suas características geográficas, sua área, a diversidade de sua fauna e flora são informações abordadas neste capítulo. Aqui também é apresentada uma radiografia dos últimos 35 anos do bioma, a partir de dados catalogados pelo Mapbiomas, o que comprova a destruição do Pampa pela atividade humana. Relaciona ainda as Diretrizes da Carta Aberta à Sociedade Gaúcha elaborada pelo movimento Coalização pelo Pampa.

2.1 Patrimônio natural

A palavra “pampa” é de origem indígena. Os povos originários que habitavam o Sul do Brasil usavam a expressão para designar a grande área plana que marca mais de 60% do território que hoje conhecemos como o Estado do Rio Grande do Sul. Pampa na língua Quéchuá significa exatamente “região plana”, ou ainda “planície, área extensa, sem limites” (MAZURANA; DIAS; LAUREANO, 2017). Quando os primeiros europeus chegaram ao território que hoje se chama Rio Grande do Sul encontraram cerca de 500 mil indígenas, conforme Brum (1988). Tupis-guaranis, gês e pampeanos viviam, até 1600, em “perfeita integração e equilíbrio com a natureza”:

Os tupis-guaranis habitavam principalmente o litoral e as margens dos grandes rios navegáveis e das lagoas; os gês viviam nas matas tropicais e subtropicais das serras do Sudeste e do Alto Uruguai; e os pampeanos ocupavam a região do campo, sobretudo ao sul do rio Ibicuí, o atual território da República Oriental do Uruguai e o pampa argentino. (BRUM, 1988, p. 17)

Os anos que decorreram entre a chegada dos primeiros colonizadores europeus até os tempos atuais contribuíram para reduzir drasticamente o povoamento originário. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informa que a população autodeclarada indígena era de 32.989 em 2010 (IBGE, 2010), data do último Censo realizado pelo instituto. Isso representava, naquele ano, 0,3% da população gaúcha e 4% da população indígena total do Brasil.

O termo “bioma” é definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como “grande conjunto de vida vegetal e animal caracterizado pelo tipo de vegetação dominante”. O Brasil tem seis biomas reconhecidos. O Pampa é um deles. Os demais são a Mata Atlântica, o Cerrado, o Pantanal, a Caatinga e a Amazônia.

O Rio Grande do Sul, portanto, é beneficiado por dois biomas, como informam Lemos e Rizzi (2020): a Mata Atlântica, dividida pelos portões norte e centro-leste do Estado e que, desde 1970, concentram o cultivo da soja; e o Pampa, que totaliza 68,8% (IBGE, 2019) do território do RS, com uma vegetação campestre e algumas formações florestais (PILLAR e LANGE, 2015).

O Pampa foi oficializado como bioma apenas no início dos anos 2000, como observam Bencke, Chomenko e Sant’Anna:

No Brasil, o Pampa foi oficialmente reconhecido como bioma apenas em 2004, alcançando status equivalente ao da Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal, Cerrado e Amazônia. Até então, estava vinculado aos chamados Campos Sulinos, como parte do Bioma Mata Atlântica. Essa distinção inseriu formalmente o Pampa na agenda ambiental nacional, contribuindo para a conservação do rico patrimônio natural e cultural da região e permitindo destacar, inclusive no âmbito da legislação, a importância, a singularidade e as potencialidades desse ambiente campestre único no mundo. (2016, p. 61-75)

O Pampa é o segundo menor entre os biomas brasileiros (IBGE, 2019), conforme detalha a Tabela 1.

Tabela 1 – Biomas brasileiros

BIOMA	ÁREA	%
Amazônia	4.212.742 km ²	49,5%
Cerrado	1.983.017 km ²	23,3%
Mata Atlântica	1.107.419 km ²	13,0%
Caatinga	862.818 km ²	10,1%
Pampa	193.836 km²	2,3%
Pantanal	150.988 km ²	1,8%
TOTAL	8.510.821 km²	100%

Fonte: IBGE (2019)

Bencke, Chomenko e Sant’Anna também apresentam um relato sobre a fauna e a flora do bioma do Rio Grande do Sul:

O Pampa sustenta uma vida silvestre peculiar e diversificada, composta em grande parte por organismos adaptados ao ambiente campestre. Há várias espécies de plantas e animais endêmicas do Pampa, ou seja, que não existem em qualquer outra região do planeta. Essa biodiversidade, em seus diversos níveis de organização, é responsável pelo provimento de inúmeros serviços ecossistêmicos que contribuem para o sustento e o bem-estar humano, como a purificação das águas, o controle de pragas agrícolas, a estocagem de carbono (que contribui para a regulação do clima do planeta), o controle da erosão e a reposição da fertilidade do solo, além de ser uma importante fonte

de recursos genéticos, principalmente de plantas forrageiras e ornamentais. O Pampa também proporciona paisagens de grande beleza cênica e alto valor para o turismo e o lazer. (2016, p. 61-75)

A rica biodiversidade da Região Sul ainda é descrita por Peixoto, Pujol e Brito (2016, p. 36):

Nas áreas campestres dos Campos Sulinos são encontradas, somente no Rio Grande do Sul, cerca de 2.600 espécies de plantas, muitas delas endêmicas. A fauna também é diversificada, ainda que muitas espécies não sejam exclusivamente campestres. São conhecidas 92 espécies de mamíferos, das quais 29 são exclusivamente campestres, e cerca de 95 espécies de aves campestres. Já foram registradas 158 espécies de répteis e 84 de anfíbios.

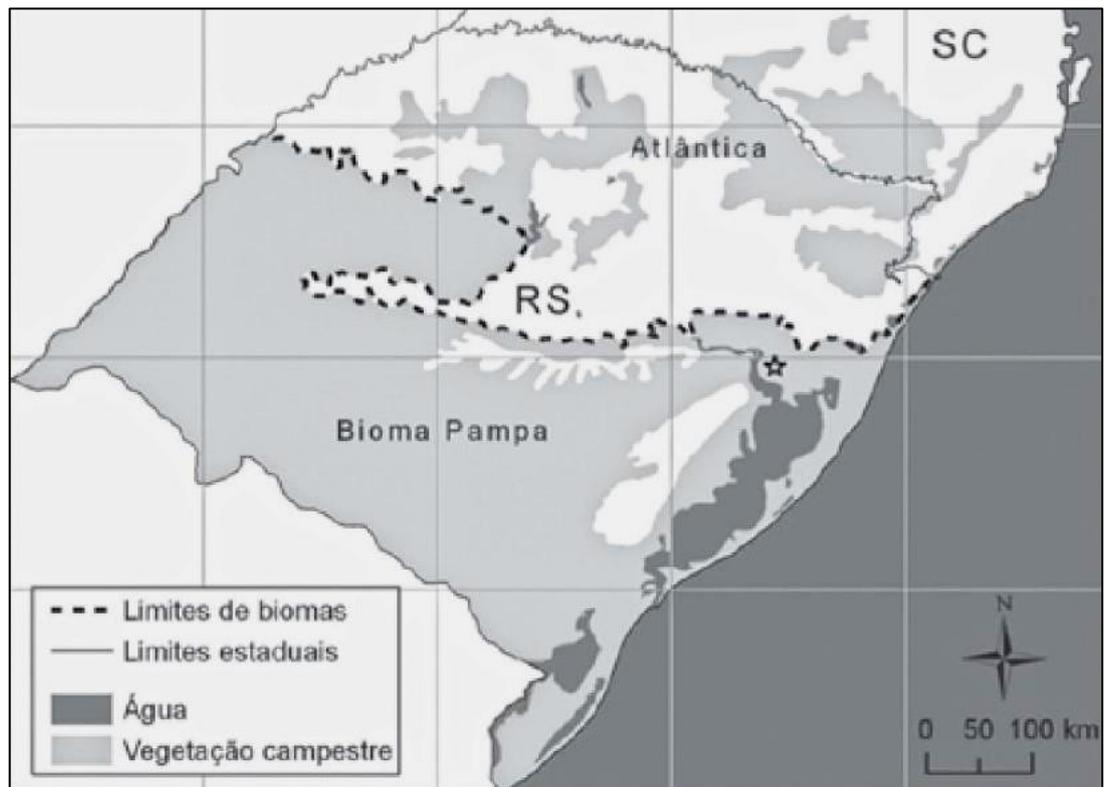
Lemos e Rizzi realizaram recente pesquisa e que foi transformada em artigo sobre a expansão da soja sobre o bioma Pampa. Para tanto, selecionaram o município de Bagé (RS) para analisar imagens de satélite nas safras de 2005, 2008 e 2014. Os autores explicam que o monitoramento é fundamental para constatar modificações no uso da terra, que “podem causar alterações no balanço de carbono no solo, na evapotranspiração, no escoamento superficial da água e promover a degradação do solo” (2020, p. 10). Os autores advertem que:

Apesar da inegável importância econômica e social da atividade agrícola, estudos utilizando imagens de sensoriamento remoto demonstram que a expansão dos cultivos no Brasil tem ocorrido em áreas de grande importância ambiental, como os biomas Amazônia (DOMINGUES; BERMAN, 2012), Cerrado (GRECCHI et al., 2016) e Pampa (et al., 2017). De acordo com Galford et al. (2008), determinar os padrões físicos e temporais da expansão e intensificação agrícola é o primeiro passo para entender suas implicações, como a produção agrícola de longo prazo e a sustentabilidade ambiental, agrícola e econômica. (2020, p. 10)

O bioma que predomina no território gaúcho possui atualmente uma área calculada de 193,8 mil quilômetros quadrados (cerca de 2,3% do território nacional), conforme o IBGE. Parte do BP também está localizado em porções dos vizinhos Argentina e Uruguai. No Brasil, o Pampa compreende grande parte do Rio Grande do Sul, ou mais precisamente, 68,8% da área total do Estado, apontam dados do IBGE (2019).

No mapa da Figura 1, é possível identificar a área do bioma Pampa no Rio Grande do Sul, os seus limites, as áreas com vegetação campestre e ocupada por água (PILLAR-LANGE, 2015).

Figura 1 – Traçado do bioma Pampa no RS



Fonte: Laboratório de Geoprocessamentos/UFRGS, 2015

2.2 As explorações dos espaços

O Brasil não para de semear e colher soja. Conforme levantamento do Mapbiomas (2021), essa cultura ocupava sozinha 4,3% do território brasileiro em 2020. São 36 milhões de hectares, o equivalente a áreas inteiras de países como Itália, Vietnã, Malásia ou República do Congo.

Não à toa, a Rede Globo já divulgou três vídeos da já referida campanha “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo” sobre o cultivo da soja até 2021: “Brasil deve ter safra recorde de soja neste ano” (1º/03/2017), “Brasil fatura R\$ 140 bilhões por ano com produção de soja” (16/02/2019) e “Ciência brasileira conseguiu adaptar a soja e outras culturas para o clima quente” (1º/03/2021).

Entre os seis biomas nacionais, o Pampa é o que está com a maior parcela do território ocupado pela agricultura, registrando 31% em 2020. Já a área ocupada por floresta natural do

BP passou de 2.183.932 hectares em 1985 para 2.227.452 ha em 2020, conforme o Mapbiomas Tabela 2). Uma redução de 43.520 ha, o que, a título de comparação, corresponde à área maior que a cidade de Erechim, o 142º maior entre os 497 municípios gaúchos.

O Mapbiomas informa ainda que a área reservada à agropecuária no Pampa cresceu de 5.281.690 ha (Tabela 2) para 8.133.985 ha. No que se refere ao plantio da soja, em 1985 o Pampa possuía 447.210 hectares semeados. Em 2020, essa mesma cultura passou a ocupar 5.534.901 ha. A área está 12,37 vezes maior, o que equivale a um crescimento de mais de 1.100% nestes 36 anos.

Tabela 2 – Comparação bioma Pampa 1985-2020

ÁREA (ha) \ ANO	1985	2020	Diferença
Floresta	2.183.932	2.227.452	+43.520 (+1,9%)
Formação natural sem floresta	9.707.533	6.857.302	-2.850.231 (-29,3%)
Agropecuária	5.281.690	8.133.985	+2.852.295 (+54%)
Soja	447.210	5.534.901	+5.087.691 (+1.137,6%)
Área não vegetada	388.993	330.372	-58.621 (-15%)
Corpo d'água	1.830.520	1.843.902	+13.382 (+0,73%)

Fonte: Mapbiomas, 2021

Especificações das áreas

- **Floresta:** compreende formação florestal, formação savânica, mangue e restinga arborizada;
- **Formação natural sem floresta:** campo alagado e área pantanosa, formação campestre, apicum (áreas de estuário de rios próximas do mar), afloramento rochoso, restinga herbácea/arbustiva; outras formações não florestais;
- **Agropecuária:** pastagem, agricultura (a soja está dentro deste item), silvicultura (monocultura) e mosaicos de usos;
- **Área não vegetada:** praia, duna e areal, área urbanizada, mineração e outras áreas não vegetadas;
- **Corpo d'água:** rio, lago, oceano e aquicultura.

O pesquisador Heinrich Hasenack, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e uma das cabeças à frente do Mapbiomas, alerta sobre os perigos da ofensiva agrícola sobre o Pampa:

O avanço exagerado da agricultura, especialmente da soja, sobre as áreas de vegetação campestre deve servir de alerta sobre qual será o futuro do bioma. Estamos deixando de lado a pecuária sustentável, que é a vocação natural do bioma - e que permite produzir e ao mesmo tempo conservar a natureza, e apostando tudo em poucas commodities, como a soja e a silvicultura. (SITE EXAME, 2022)

O relatório do Mapbiomas intitulado “Mapeamento Anual da Cobertura e Uso da Terra no Brasil (1985-2020)” analisa 36 anos do bioma Pampa (Anexo 1). O documento, divulgado em setembro de 2021, revela “profundas transformações” no Rio Grande do Sul. Mais de 44% da vegetação nativa do bioma foi suprimida por uso antrópico, informa o documento. A área destinada à agricultura cresceu mais de 1.000% em 36 anos, com uma redução de quase 30% da vegetação campestre do Pampa. Neste período, foram perdidos 2,5 milhões de hectares dessa vegetação nativa.

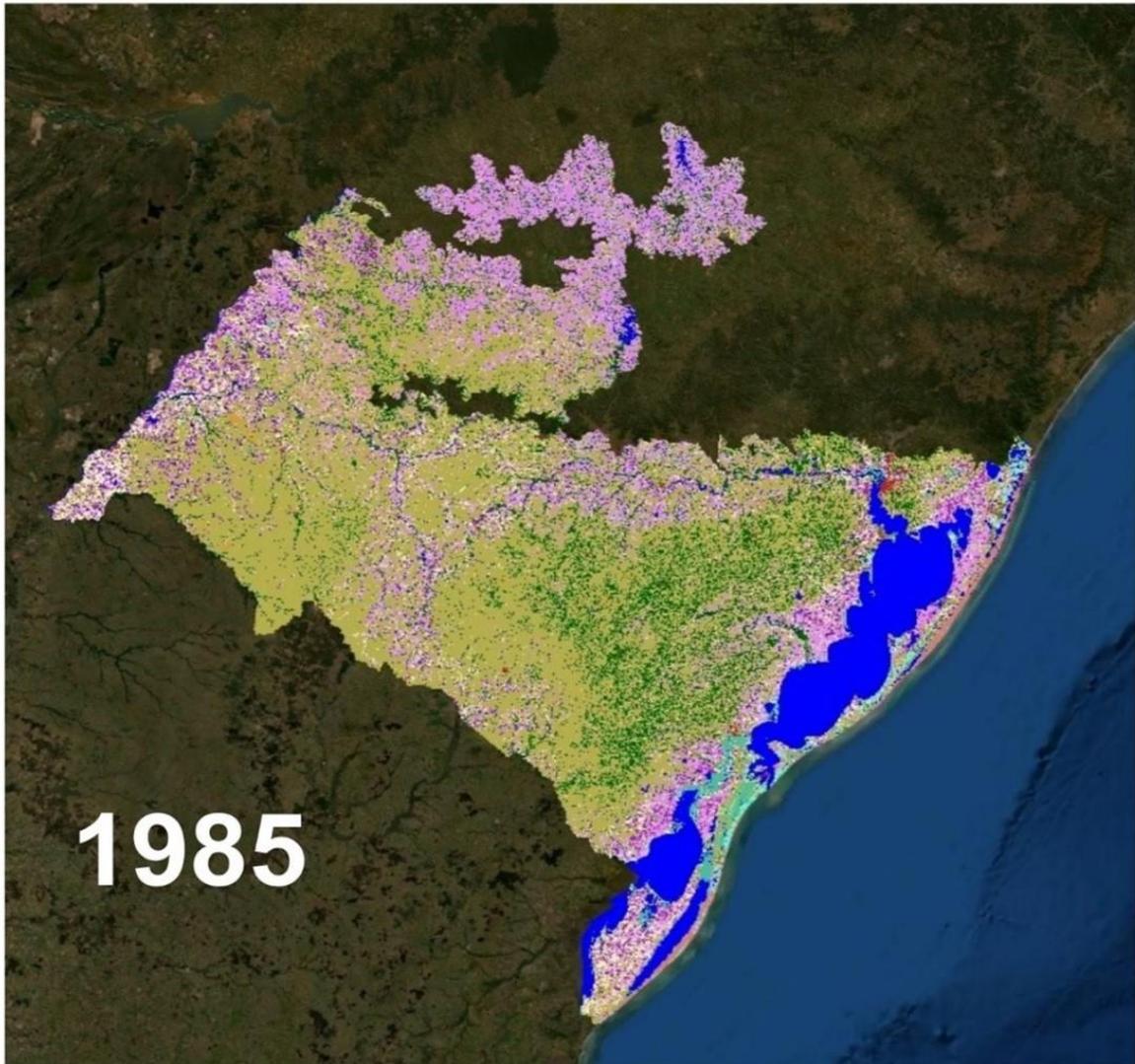
O mapeamento revela ainda a redução de 21,4% da vegetação nativa no BP nesses 36 anos monitorados. Informa também que o Pampa é o bioma brasileiro com a menor proporção de unidades de conservação (parques, reservas). Apenas 3% da área total está protegida pela fiscalização, o que contribui para a invasão ilegal de terras para exploração agrícola e outras atividades devastadoras (Anexo 1).

Outra informação preocupante do relatório é que o Pampa é o bioma brasileiro com a menor proporção de unidades de conservação (parques, reservas etc.). Apenas 3% da área é protegida por meio de unidades de conservação municipais, estaduais ou federais, o que contribuiu para a sua destruição nos últimos 36 anos.

Conforme levantamento do Mapbiomas¹, os campos nativos do Pampa foram os mais prejudicados nos últimos 36 anos (entre 1985 e 2020) na relação com os demais biomas brasileiros. A partir de imagens de satélites, foi possível comprovar uma perda de 21,4%. O Cerrado registrou -19,8%; o Pantanal aparece com -12,3%; e a Amazônia com -11,6%.

¹ O Projeto de Mapeamento Anual do Uso e Cobertura da Terra no Brasil é uma iniciativa que envolve uma rede colaborativa com especialistas nos biomas, usos da terra, sensoriamento remoto, SIG e ciência da computação que utiliza processamento em nuvem e classificadores automatizados desenvolvidos e operados a partir da plataforma Google Earth Engine para gerar uma série histórica de mapas anuais de uso e cobertura da terra do Brasil.

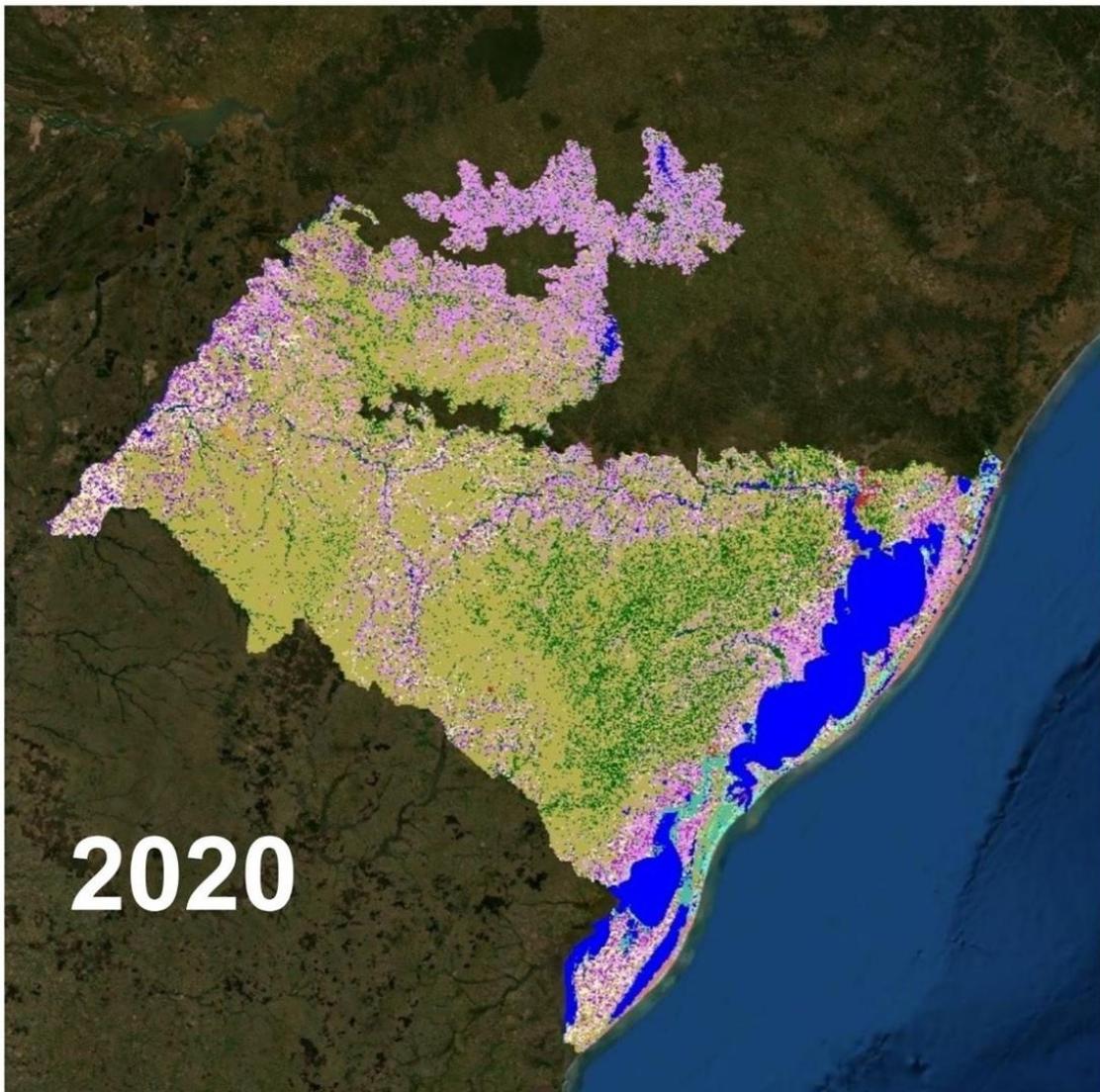
Figura 2 – Bioma Pampa 1985



Floresta	Formação natural sem floresta	Agropecuária	Soja	Área não vegetada	Corpo d'água
2.183.932	9.707.533	5.281.690	447.210	388.993	1.830.520

Fonte: Mapbiomas, 2021

Figura 3 – Bioma Pampa 2020



Floresta	Formação natural sem floresta	Agropecuária	Soja	Área não vegetada	Corpo d'água
2.227.452	6.857.302	8.133.985	5.534.901	330.372	1.843.902

Fonte: Mapbiomas - 2021

Conforme o estudo, o principal problema do Pampa hoje é a ocupação agropecuária, com destaque para o agronegócio da soja, cultura que tem avançado com força sobre os campos sulinos nos últimos anos. O levantamento do Mapbiomas revela que apenas 12,5% do território é composto por florestas nativas, sendo que 47,8% são ocupados atualmente por áreas semeadas.

Em dezembro de 2021, surgiu o movimento Coalizão pelo Pampa, composto por 19 associações e grupos de atuação socioambiental no RS. Preocupada com a situação do bioma, em 2022, a Coalizão elaborou a “Carta Aberta à Sociedade Gaúcha pela Proteção do Pampa”², apontando dez diretrizes para garantir a proteção do Pampa.

Quadro 1 – Diretrizes da Carta Aberta à Sociedade Gaúcha pela proteção do Pampa

1. Cumprimento e regulamentação da legislação ambiental vigente para a proteção do bioma Pampa (como o próprio Código Florestal), o que inclui o estabelecimento de mecanismos para reposição campestre obrigatória para a supressão dos campos nativos do Pampa e a implementação do Programa de Pagamentos por Serviços Ambientais.
2. Valorização das cadeias produtivas sustentáveis do Pampa.
3. Planejamento da ocupação e uso do solo do bioma, com a definição de percentuais mínimos de conservação do Pampa em todas as suas fisionomias e a ampliação das áreas protegidas do bioma.
4. Participação de diferentes atores sociais do Pampa na construção de políticas públicas e projetos estratégicos junto ao centro de governo.
5. Promoção do turismo sustentável como ferramenta de valorização dos territórios tradicionais do bioma Pampa.
6. Efetivação dos processos de regularização e proteção dos territórios tradicionais.
7. Desenvolvimento de ações de fortalecimento da autonomia das comunidades em relação à sustentabilidade de seus territórios.
8. Implementação de políticas públicas de comunicação sobre os campos nativos.
9. Melhoria da qualidade de suas águas, com medidas como a implantação de uma rede de monitoramento de agrotóxicos nas águas superficiais e subterrâneas e políticas de redução do uso de agrotóxicos.
10. Adoção de ações de fiscalização da supressão ilegal de campos nativos pelos órgãos competentes, o que inclui o estabelecimento de mecanismos de rastreamento e controle da origem dos grãos oriundos de áreas ilegalmente convertidas e/ou com embargos ambientais, trabalhistas e outras ilegalidades.

Fonte: Elaborado pelo autor

² Documento completo está disponível em: <https://oeco.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Carta-Aberta-Coalizacao-Pampa.pdf>

Esse avanço do agronegócio da soja sobre o Pampa e outros biomas se agravou no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), com sua política predadora contra o meio ambiente. Órgãos de fiscalização ambiental foram sucateados em seu governo. O jornalista André Trigueiro denuncia que o governo de Jair Bolsonaro promoveu o desmantelamento da política climática que vinha sendo construída por sucessivos governos nos últimos 27 anos. Conforme Trigueiro, de janeiro a maio de 2019, o número de multas aplicadas pelo Ibama por desmatamento ilegal foi o mais baixo em 11 anos, registrando uma queda de 34% (2019).

3 O AGRO NÃO POUPA NINGUÉM

Neste capítulo são apresentados dados sobre o desenvolvimento da agricultura nacional e gaúcha, com destaque para o crescimento da soja, o que ganha força com a adoção de novas tecnologias a partir das décadas de 1940/1950. Tabelas e gráficos comprovam o avanço da oleaginosa brasileira, inclusive sobre as áreas do bioma Pampa. A chegada da oleaginosa no país, os principais países importadores e a conquista de áreas sobre outras culturas, como o arroz, também são enfocados.

3.1 Agricultura em expansão no RS

A agricultura passou por grandes transformações tecnológicas após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) no Brasil e no mundo. Brum destaca que o processo de modernização da agricultura brasileira está relacionado com as mudanças econômicas que ocorreram no mundo a partir da década de 1940. “Essas mudanças se refletiram no Brasil, desencadeando a modernização da economia brasileira, de cujo conjunto a agricultura é parte integrante”. (BRUM, 1988, p. 31) Conforme o autor, as principais ocorrências no campo econômico foram:

- a) Extraordinária expansão da economia mundial, principalmente nos países altamente industrializados;
- b) Crescente controle e comando da economia mundial pelas grandes corporações transnacionais ou multinacionais, cada vez mais poderosas;
- c) Grande avanço tecnológico e científico, com o lançamento no mercado de uma infinidade de novos produtos cada vez mais sofisticados;
- d) Avanço e consolidação do capitalismo monopolista internacional (monopólios multinacionais), através da crescente concentração do capital e da fusão entre o capital bancário e o capital industrial, fortalecendo o capital financeiro e a oligarquia financeira e possibilitando a algumas dezenas de grandes grupos o controle da economia e do próprio poder político;
- e) Instalação crescente de subsidiárias (filiais) das grandes corporações transnacionais nos países subdesenvolvidos com o objetivo de expandirem seus negócios e controlarem os mercados, influenciando na orientação do consumo;
- f) Integração crescente das economias e das nações dependentes no mercado mundial, em função dos interesses e das necessidades dos países centrais – os subdesenvolvidos como fornecedores de bens primários e matérias-primas baratas e importadores de produtos industrializados, tecnologia e capitais;
- g) Concessão de empréstimos aos governos e aos empresários dos países periféricos, aprofundando o endividamento e a dependência;
- h) Ampliação das desigualdades entre nações e economias (ricas e pobres);
- i) Controle político dos países dependentes, colocando e mantendo no poder governos que aceitem e facilitem o avanço da estratégia das corporações transnacionais. (BRUM, 1988, p. 31-32)

A soja começou a ser cultivada no mundo ocidental pouco antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a substituição da proteína vegetal pela proteína animal da alimentação humana. Antes do grande conflito mundial, a soja era conhecida na Ásia, principalmente na China e no Japão. Nos Estados Unidos, o plantio da *Glycine max* começou na década de 1920, quando apareceram os primeiros levantamentos estatísticos (BRUM, 1988, p. 34).

No Brasil, a soja foi introduzida a partir do Rio Grande do Sul. “De uma lavoura insignificante sua importância foi crescendo lentamente até atingir uma posição secundária em fins da década de 50 e primeira metade dos anos 60”, lembra Brum (1988, p. 76).

Barcelos e Bonetti (2019, p.6) relatam que as primeiras sementes de soja chegaram ao Rio Grande do Sul pelas mãos do pastor evangélico Albert Ernest Henry Lehenbauer em 1923. Nascido nos Estados Unidos, o pastor distribuiu as sementes entre os seus paroquianos do município de Santa Rosa. Lehenbauer sugeriu aos produtores que, após a colheita, cozinhassem a soja e misturassem à lavagem usada na alimentação dos suínos. Pouco se sabia sobre a oleaginosa naquela época.

A expansão do ciclo da soja se deu a partir da década de 1970, principalmente impulsionado pelas cooperativas agrícolas que se instrumentalizaram para atender às demandas dos produtores. Entre as décadas de 1970 e 2012, a produção dessa cultura aumentou 54,7 vezes no Brasil, passando de 1,5 milhão de para 82 milhões de toneladas. No RS, no mesmo período, o crescimento foi 13 vezes maior, aumentando de 968 mil toneladas para 12,6 milhões de toneladas (BRUM, 2013, p. 78-79).

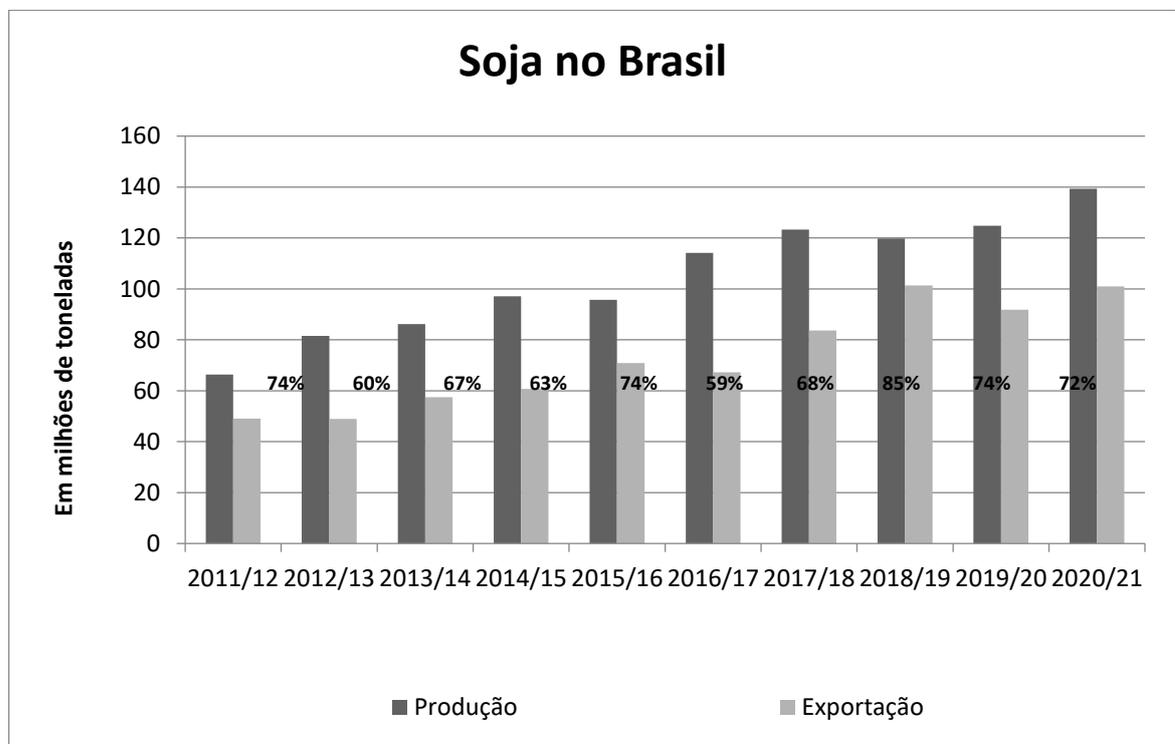
Em 1973, conforme Brum, um fenômeno registrado no Peru mudou completamente a importância da soja para o Brasil. Naquele ano, as anchovetas simplesmente desapareceram do litoral peruano. É dessa espécie que é extraída a farinha de peixe, considerado o alimento mais rico em proteínas que se conhece, utilizado abundantemente para a alimentação do gado na Europa (BRUM, 1988, p. 41). Quem precisava da farinha de peixe saiu em busca do segundo produto mais rico em proteínas: a soja. Os produtores brasileiros não perderam tempo, como relata Brum:

A cotação da soja, que até fins do primeiro semestre de 1973 estava em cerca de 110 dólares a tonelada, na Bolsa de Chicago, disparou rapidamente para cima alcançando mais de 300 dólares em agosto daquele ano, enquanto no mercado negro o preço chegou a ultrapassar os 500 dólares a tonelada. A crise peruana, provocada pelo afastamento das anchovetas, teve reflexos diretos na Balança de Pagamentos do Brasil, com um influxo adicional de divisas, em 1973, no montante de cerca de 800 milhões de dólares. A receita brasileira obtida com exportação de soja em grão e farelo passou de

52,6 milhões de dólares em 1969 para 1 bilhão e 100 milhões de dólares em 1973; continuando a aumentar nos anos subsequentes. (1988, p. 41)

A partir da década de 1980, a soja se transformou no principal item de exportação do Brasil, que, por sua vez, tornou-se o maior produtor da oleaginosa do mundo. O motivo: a alta valorização do produto no mercado internacional. O Gráfico 1 expõe o crescimento da oleaginosa nas últimas dez safras no Brasil e o quanto dessa produção vai parar no exterior. Dados da Conab e do Mapa mostram que mais de 70%, em média, da soja produzida no Brasil é comercializada com outros países. Cerca de 85% da safra 2018/19 foi exportada (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Produção x exportação da soja no Brasil – Safra 2011/12 a 2020/21



Fonte: Conab/Mapa, 2022

A soja deixou de ser alimento e passou a ser commodities para o agronegócio brasileiro, como alertam Oliveira e Hecht:

A soja tornou-se uma das commodities agroindustriais mais importantes do mundo - servindo como o elo para a produção de alimentos, ração animal, combustível e centenas de produtos industriais - e a América do Sul tornou-se atualmente sua principal região produtora (2016, p. 251, tradução nossa).

Pereira (2009) busca uma conceituação de commodity a partir de Kaldor (1939:3), Copeland e Weston (1988:302) e Geman (2005:1): “Commodity pode ser definida como um ativo físico que possui características padronizadas, de ampla negociação em diversas localidades, que pode ser transportado e armazenado por um longo período de tempo” (p. 16).

Também pode ser definida, ainda conforme Pereira (2009), como um tipo de produto no qual não há diferenças qualitativas entre os mercados onde é negociado, ou seja, entre negócios de um mesmo produto em mercados diferentes, não existe preferência, em termos de qualidade, por parte dos compradores do produto. O autor acrescenta:

[..] o termo commodity pode ser atribuído a um bem de consumo cuja escassez, na forma de exaustão na extração, ou na redução de estoques globais, causará um impacto no preço em âmbito mundial. [...] dadas as volatilidades das diferentes moedas no mundo, uma commodity terá o mesmo valor em termos relativos, nas diferentes moedas, podendo ser utilizada como referência de valor. É comum que a terminologia commodity seja atribuída aos insumos, ou matérias-primas. (2009, p. 16)

Em outras palavras, a soja deixa a categoria de alimento para humanos ou ração animal para assumir um conceito de mercadoria, um ativo a ser negociado. Por sinal, um produto cada vez mais valorizado no mercado internacional e que ocupa cada vez mais as áreas agrícolas do Brasil. A soja brasileira, em sua grande parte, vai para o mercado chinês (Gov.br, 2022), como mostra a Tabela 3.

Tabela 3 – Maiores compradores de soja do Brasil em 2020

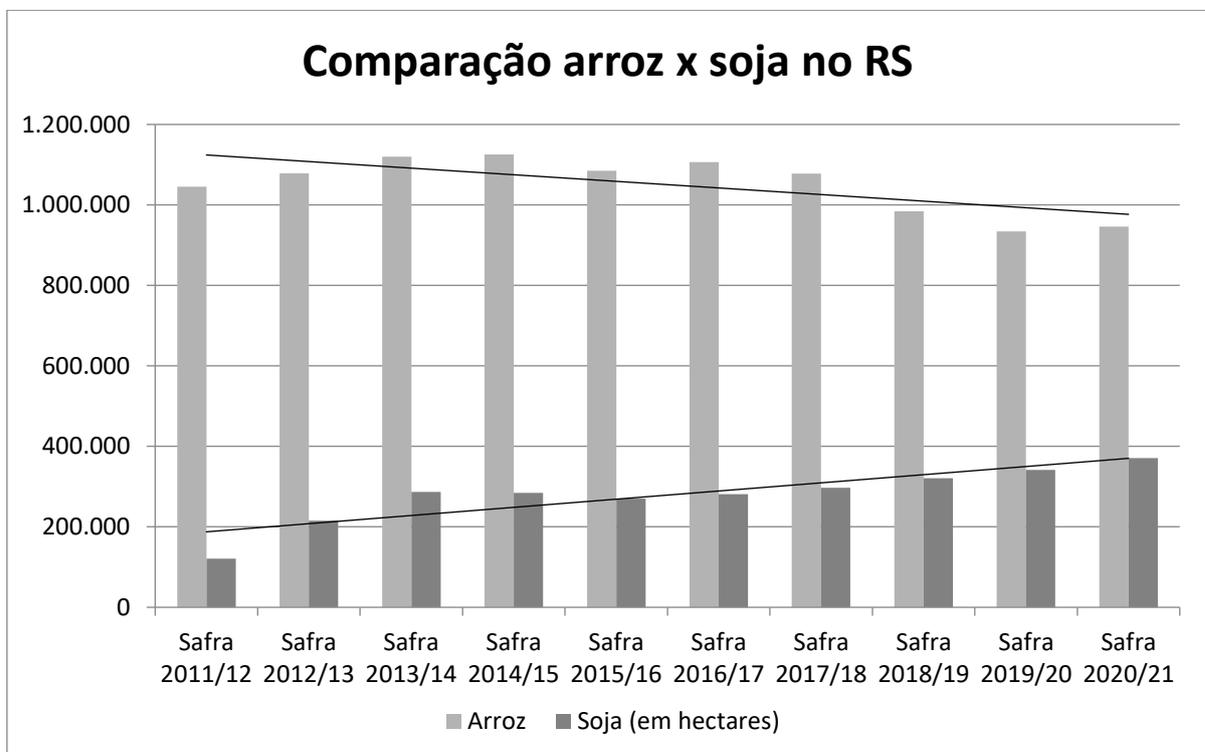
País importador	Em milhões de toneladas	% de participação
China	60,601	73,03
Holanda	3,250	3,92
Espanha	2,918	3,52
Tailândia	2,632	3,17
Turquia	2,137	2,57
Rússia	1,071	1,29
Demais países	10,369	12,50
TOTAL	82,978	100

Fonte: Secex/ME, 2021

Apenas 6% da soja produzida no mundo é usada na alimentação humana, conforme estudo da *Union of Concerned Scientists* (2015), vinculada ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Não podemos considerar, então, que a soja seja um alimento produzido com o intuito de alimentar a humanidade. Sua produção está voltada basicamente em servir de ração para a indústria pecuária.

Outro ponto negativo do cultivo da soja diz respeito à substituição dessa cultura por outras. É o caso do arroz no Rio Grande do Sul. Nas últimas safras, a oleaginosa tem ocupado cada vez mais o espaço do cereal no RS (Gráfico 2). Uma das consequências disso é a elevação do preço do cereal nas gôndolas. Em 2011, era possível comprar um quilo de arroz por R\$ 1,80 no supermercado. Em 2020, o mesmo pacote custava R\$ 4,23, um aumento de 135% em dez anos, enquanto a inflação acumulada neste mesmo período foi de 73,99%, conforme o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). O preço ao arroz não disparou mais graças à produtividade (relação entre a área plantada e o que foi colhido) do cereal, que atingiu números recordes nos últimos três anos.

Gráfico 2 – Plantio de soja em áreas de arroz no RS em dez anos



Fonte: IRGA, 2022

O lobby das empresas do agronegócio fez, em 2016, a Rede Globo de Televisão lançar a campanha “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, em defesa da produção agrícola brasileira, sem deixar claro ao expectador quem estava bancando financeiramente essa publicidade. Santos, Silva e Maciel (2018) alertam sobre o caráter ambíguo da campanha:

A duração de cada peça publicitária é de 50 segundos a um minuto. No caso das campanhas de um minuto, os dez segundos a mais são dedicados aos patrocinadores: Seara, marca do Grupo JBS, e Ford, que publicita o veículo Ford Ranger. Esse elemento pode gerar dúvidas se a peça é uma publicidade de determinado produto rural retratado, pelas temáticas diferentes e pelo logotipo da Rede Globo ao final, ou um material de propaganda travestido de jornalismo, já que possui patrocinadores a parte, em um modelo mais próximo ao publeditorial. (SANTOS; SILVA; MACIEL, 2018, p. 46-61)

Bueno (2007) observa, no entanto, que se a pressão dos grandes interesses econômicos cresce, a resistência também se fortalece e ocorre o que chama de “contaminação que se irradia em defesa do planeta ameaçado”. Pois há um crescente interesse do cidadão pela defesa da natureza e surge um novo nicho de consumidores por informações ambientais.

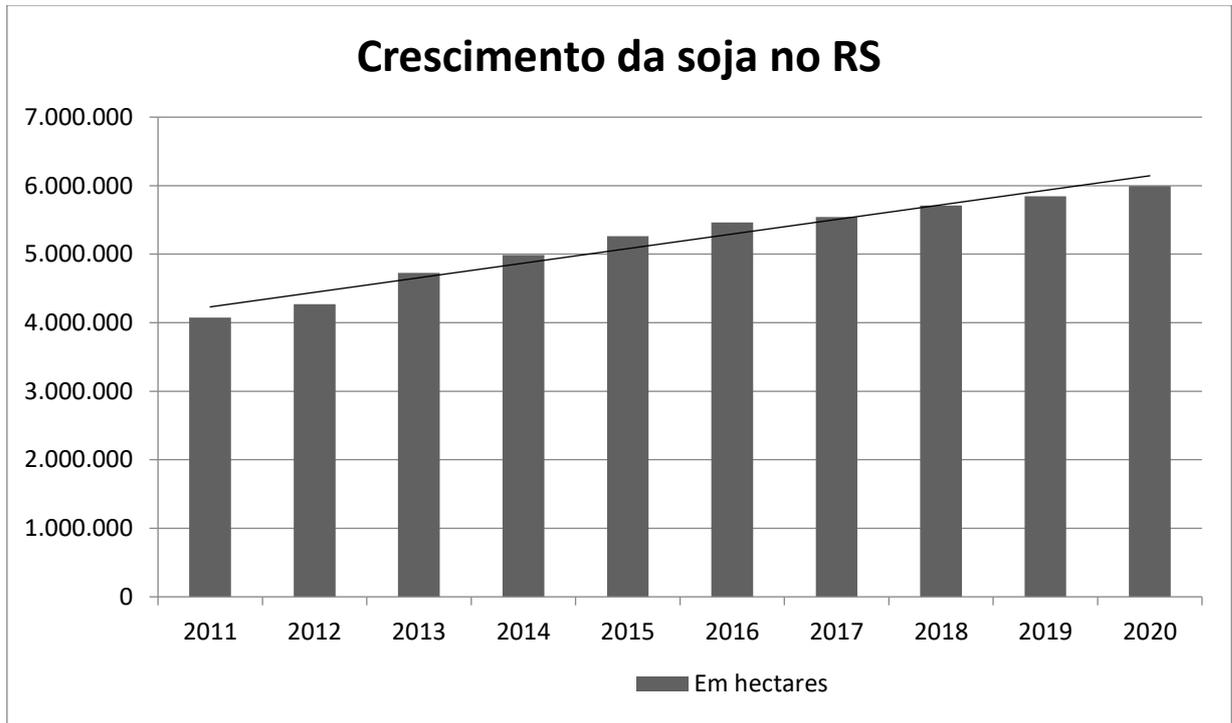
E o autor também descreve que os meios de comunicação, apesar da pressão comercial, seguem prestando importante trabalho:

Embora algumas publicações de caráter comercial possam, pela interferência mesma dos grandes interesses em jogo, afrontar, às vezes, os limites (que devem ser sempre respeitados) entre a informação e o marketing, elas têm cumprido papel importante na circulação de perspectivas ou temas (água, biotecnologia, energia, agroecologia, saneamento etc). Na prática, serão cada vez mais respeitadas à medida em que estiverem comprometidas com uma visão moderna, abrangente e adequada das questões que afetam o meio ambiente. (BUENO, 2007, p.26)

3.2 Avanço sobre o Pampa

O Rio Grande do Sul foi transformado no terceiro estado em produção de soja no Brasil, conforme levantamento da Embrapa (2021). Mato Grosso é o primeiro colocado, seguido do Paraná. Conforme a Emater-RS, de 2011 a 2020, a evolução das áreas com soja aumenta a cada ano, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Plantio da soja no RS de 2011 a 2020

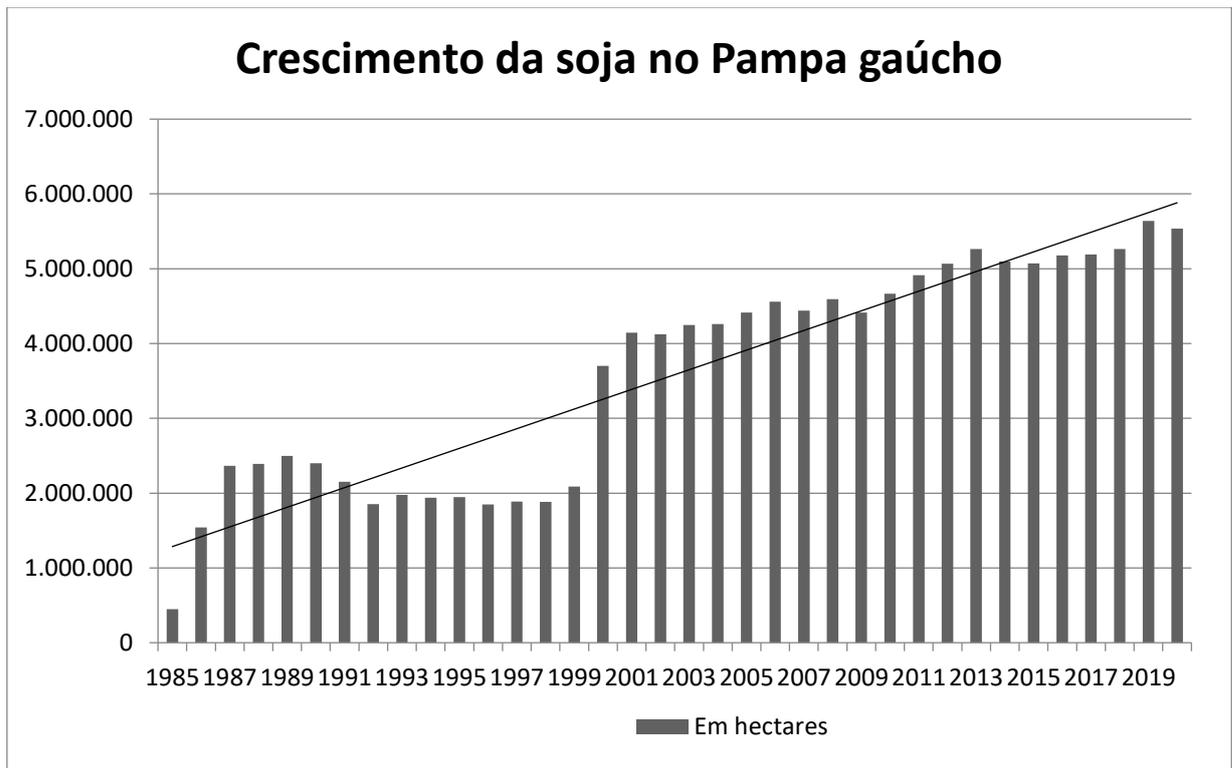


Fonte: Emater-RS /IBGE, 2021

Sobre as áreas do bioma Pampa, as informações são do Mapbiomas, que faz o monitoramento de todo o território brasileiro via satélite. Pelo sistema, pode-se verificar o crescimento das áreas cultivadas com a oleaginosa de 1985 a 2020. No Gráfico 4, é possível constatar que a área reservada à soja não para de aumentar no Pampa gaúcho. De 447.210 hectares em 1985, em 2020 já ocupava uma área 12,38 vezes maior, atingindo 5.534.901 hectares.

O sistema Mapbiomas permite a seleção por bioma, país, estado, município, região hidrográfica, bacia hidrográfica, territórios especiais, reserva da biosfera ou geoparques. Em cada recorte territorial, as informações são detalhadas pelos seguintes níveis: Floresta, Formação natural sem floresta, Agropecuária, Área não vegetada e Corpo d'água. Dentro de cada nível é possível selecionar outros itens. No nível Agropecuária, por exemplo, o usuário pode selecionar a opção "soja", verificando no mapa as áreas cultivadas com a oleaginosa na região selecionada.

Gráfico 4 – Plantio da soja no Pampa do RS de 1985 a 2020



Fonte: Elaborado pelo autor

O professor Marcelo Dutra da Silva, do Instituto de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), alertava em 2017 para o risco do crescimento do agronegócio da soja sobre as áreas do bioma Pampa:

Sem medo de errar, hoje a maior ameaça ao Pampa vem dos cultivos de soja. Há pouco tempo, era a expansão do eucalipto, mas a soja está batendo recordes. Basta sair por aí para perceber que os antigos campos de coxilha, tradicionalmente utilizados para a criação de gado, remanescentes de um modelo econômico em extinção, pelo menos em solo gaúcho, estão sendo rapidamente convertidos em lavouras de soja. Na minha região, onde o arroz é muito forte, a soja vem substituindo, inclusive, as lavouras de arroz e as pastagens próximas. (SILVA, 2017)

À soja podemos associar ainda outras questões, como o uso descontrolado de agrotóxicos e a transgenia, temas que não serão aprofundados nesta dissertação. Em 2016, levantamento do Mapa (2017) revelava que as lavouras de soja respondiam por 56% do consumo de agrotóxicos do País e ocupavam o primeiro lugar neste ranking. Os produtores de soja brasileiros, naquele ano, pagaram R\$ 18,533 milhões na compra de pesticidas, superando em muito os R\$ 3,460 milhões do segundo colocado, o milho, com 10% do consumo (MORAES, 2019).

Outro problema que se agrava a cada safra está relacionado à deriva, que tem afetado produtores de outras culturas e comunidades lindeiras e próximas. Laudos da Secretaria da Agricultura e Pecuária do Rio Grande do Sul (Seap RS) apontavam, em 2019, que o herbicida 2,4-D, usado na soja brasileira apesar de banido de vários países, como Canadá e Austrália, foi encontrado em lavouras de maçã e uvas de três municípios diferentes da Serra gaúcha (GZH, 2019), provocando prejuízos aos produtores dessas duas culturas. No ano seguinte, levantamento da Seap RS (2020) constatava contaminação por deriva do mesmo agrotóxico em 87,13% das 171 amostras coletadas em lavouras de 54 cidades do Estado.

Para o professor Marcelo Silva, o impacto sobre a natureza ultrapassa a substituição dos campos nativos por lavouras. Ele lembra que a soja é dependente de insumos perigosos, que contaminam o solo, a água e os alimentos. O uso do pesticida glifosato, muito usado no Rio Grande do Sul, também é um risco para as águas subterrâneas, sem um estudo que nos dê a exata dimensão dos seus prejuízos (SILVA, 2017).

Já sobre a questão da produção de geneticamente modificados, preocupante saber que o Brasil tem a maior área de soja transgênica do mundo. Estudo do Serviço Internacional para Aquisição de Aplicações de Agrobiotecnologia (ISAAA) mostrou que, em 2018, o Brasil havia superado os EUA em área plantada com soja transgênica, registrando 34,88 milhões de hectares. Os produtos transgênicos estão cada vez mais presentes na alimentação dos brasileiros.

4 JORNALISMO E JORNALISMO AMBIENTAL

O objetivo desse capítulo é apresentar a fundamentação teórica sobre o jornalismo e o Jornalismo Ambiental. No primeiro caso, os elementos relacionados por Kovach e Rosenstiel (2004) são enfocados. Já sobre JA, Girardi e Bueno são os principais autores citados. Também fazemos uma reflexão, a partir de autores de referência, sobre a relação dos seres humanos com o meio ambiente do qual são parte integrante. Os pressupostos que caracterizam o JA são apresentados e fundamentados, conforme os principais autores.

4.1 Além do relato frio

Em 1962, a ecologista norte-americana Rachel Carson lançou “Primavera Silenciosa”, um documento histórico valioso, uma das primeiras obras a alertar sobre o uso desenfreado de agrotóxicos pelos agricultores dos Estados Unidos. O livro virou um imediato sucesso de vendas e motivou discussões nos EUA sobre o uso de pesticidas e suas consequências. Um dos principais motivos para tamanha repercussão foi a publicação por parte da revista New Yorker de trechos da obra da ambientalista em três edições seguidas. Não fosse isso, talvez o estudo da autora não tivesse o mesmo efeito de alerta. A obra de Rachel Carson se transformou em um marco ambientalista:

Primeiramente, Primavera Silenciosa é relido com ênfase em como trouxe para a esfera pública uma multidão de sentimentos pessoais e até então privados, reunidos em torno de uma política de proteção. Carson escreveu Primavera Silenciosa para perfurar “a barreira da indiferença pública” para degradação ambiental (Carson citado em BROOKS, 1989, p. 258). Sua intenção era conseguir isso por transformar sentimentos privados localizados em uma voz pública coletiva, e empregar isso para “tornar o caso de mudança” (GARTNER, 2000, p.109). Ao fazer isso, Carson começou a girar a “virada afetiva” no natural e ciências sociais pelas quais os públicos agora se envolvem com ciência, tecnologia e meio ambiente por meio de intencionalidades de fato e sentimento. (LOCKWOOD, 2012, p. 124, tradução nossa)

Apesar da obra conter importante advertência, não há como ignorar o relevante papel desempenhado pela New Yorker ao enfrentar o lobby das indústrias químicas e divulgar os primeiros capítulos da obra de Carson. Conforme Bonzi (2013), a publicação do primeiro trecho, em 16 de junho de 1962, foi bombástica: a New Yorker recebeu uma quantidade de cartas muito maior do que qualquer outro artigo até então. E o livro tornou-se um best-seller assim que foi lançado. A grande repercussão de Rachel Carson se deve muito a sua coragem, pelo ineditismo, e pela forma como relatou o processo de envenenamento dos campos estadunidenses. A New Yorker, por sua vez, teve o mérito de reconhecer o valor do documento e enfrentar,

ao lado da autora, a reação da indústria química dos EUA, que tentou de todas as formas desacreditar a ambientalista. A revista compreendeu o seu papel como veículo de comunicação, como destacam Kovach e Rosenstiel (2004):

Todos os anos, milhões de dólares são gastos na tentativa de atrair a opinião pública, quase sempre empregando meias-verdades e às vezes puras mentiras. Como resultado, é crucial, hoje, que ao mesmo tempo em que difunde a discussão pública, a imprensa faça o papel de juiz honesto. Nesta nova era da mídia cabe aos jornalistas desmascarar as invenções e mentiras da argumentação comercializada, do *lobby* e da propaganda política. As páginas editoriais dos jornais, a opinião de colunistas, o *talk show* e o ponto de vista do ensaio da revista, todos podem ser opinativos. É sua missão. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 207)

A partir dessa premissa, acredito que a imprensa gaúcha (como toda imprensa) deve levar a sociedade a refletir e debater sobre o seu principal bioma, em estado evolutivo de destruição. Para tanto, cabe aos jornalistas alertar o seu público sobre o atual momento, seus efeitos negativos e debater estratégias para interromper esse processo de devastação e as alternativas de recuperação.

A ideia de colocar o leitor na ponta das decisões exige do jornalista muito mais do que apenas relatar fatos em determinada ordem. Para Luiz Costa Pereira Junior, o jornalista, por princípio, não é só testemunha daquilo que o leitor não pode ter acesso. É mais do que isso. “É um processador das camadas verificáveis da realidade, não raro limitado à posição de verificador de fatos inacessíveis de forma direta, como o 11 de setembro o foi para as redações brasileiras.” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 71)

Um dos pressupostos do Jornalismo Ambiental é justamente a responsabilidade com a mudança de pensamento, conforme Girardi et al. (2020). O JA assume seu papel junto à sociedade na missão de contribuir para uma mudança de consciência. Esse caráter transformador é descrito por Girardi e outros:

O jornalismo ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada. Fundem-se, desta forma, a natureza do jornalismo especializado com as demandas socioambientais que acabam por compor o horizonte de reflexão dos paradigmas emergentes. (2012, p. 131-152)

O Jornalismo Ambiental nos ensina que o repórter não deve ficar apenas no relato frio dos fatos. É preciso ir além. “A necessidade de um Jornalismo engajado já é levada em

consideração até nos Estados Unidos, onde sempre predominou a ideia de que os profissionais devem ser neutros, como se isso fosse humanamente possível”, defende Belmonte (2015, p. 11).

Em tempos de Fake News, é preciso destacar a importância dos meios de comunicação tradicional como instrumento balizador. Esse papel ganhou ainda mais importância na contemporaneidade, a partir dos “fatos alternativos”, termo cunhado pelo governo Donald Trump, mais precisamente por Kellyanne Conway, então porta-voz da Casa Branca, para tentar desmentir informação de fácil comprovação que desfavorecia o ex-presidente republicano (EL PAÍS, 2017). Por isso a citação de Bueno contribui ao ressaltar que pior do que uma imprensa consolidada que assume um lado é não ter imprensa.

4.2 O ser humano e a natureza

A relação entre ser humano e natureza tem sido estudada por diversos pensadores. Como nos lembra Nancy Mangabeira Unger, por volta do século VI a.C., pré-socráticos já refletiam sobre a origem de todas as coisas, ou a *arché* da *physis* (a fonte do mundo físico):

Outro conceito importante para compreender o pensamento pré-socrático é *ethos*, de onde provém ética, e que significa originariamente morada. Esta morada se refere à ambiência que é própria ao ser humano, ao modo em que este ser realiza sua humanidade. Nesta acepção, a ética não é a convenção; é uma força de realização, um modo de ser e de habitar. Como todo ser humano precisa realizar aquilo que lhe é constitutivo. Neste empenho de realização, ele estabelece uma tessitura de relações nos múltiplos níveis de sua existência: com o tempo, com a vida, com o movimento, com a morte, com a natureza, com os outros seres humanos, consigo mesmo. (UNGER, 2009, p. 27).

Entre outros pensadores que olharam para o meio ambiente estão Santo Agostinho (a natureza como “uma livre criação de Deus no tempo”), São Tomás de Aquino (“a natureza é a razão do entendimento humano, e, de algum modo, a sua medida”), Francis Bacon (“dominar a Natureza pelo saber, a fim de converter nosso conhecimento em algo útil e proveitoso para a vida dos homens”), René Descartes (o homem como dono e senhor da natureza), Espinosa (“o homem perturba a ordem da natureza mais que a segue”), Rousseau (“é portanto empresa tão vã quão ridícula querer destruí-las; é controlar a natureza, é reformar a obra de Deus”) e Immanuel Kant (a felicidade como “a globalidade de todos os fins possíveis do homem mediante a natureza”). (CARVALHO et al, 2009, p. 43-123)

Marx (1844), um dos mais influentes pensadores dos últimos séculos, já escrevia em “Manuscritos econômico-filosóficos” sobre a necessidade de uma visão mais homogênea entre natureza e o homem:

A Natureza é o corpo inorgânico do homem, ou seja, a natureza na medida em que não é o próprio corpo humano. O homem vive da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesmo, já que o homem é uma parte da natureza. (MARX, 1844, p. 116).

Portanto, propor uma mudança de pensamento, como defendido pelo JA, passa pela compreensão geral sobre a necessidade de uma outra mentalidade na relação entre humanidade e natureza. Como alerta Morin (1995), o ser humano tem sua origem na natureza viva e física. E acrescenta:

Para Morin, devemos pensar em termos planetários a política, a economia, a demografia, a ecologia, a salvaguarda dos tesouros biológicos, ecológicos e culturais regionais por exemplo, na Amazônia, ao mesmo tempo as culturas indígenas e a floresta –, das diversidades ecológicas etc. “Mas não basta inscrever todas as coisas e os acontecimentos num ‘quadro’ ou no ‘horizonte’ planetário. Trata-se de buscar sempre a relação de inseparabilidade e de inter-retro-ação entre todo fenômeno e seu contexto, e de todo contexto com o contexto planetário.” (1995, p. 167)

Morin (1995) acredita que precisamos de um pensamento que ligue o que está separado e compartimentado, que respeite o diverso enquanto reconhece o uno. E que tente discernir as interdependências:

- de um pensamento radical (que vá à raiz dos problemas);
- de um pensamento multidimensional;
- de um pensamento organizador ou sistêmico que conceba a relação
todo ► ◄ partes
tal como começou a se desenvolver nas ciências ecológicas e nas ciências da Terra;
- de um pensamento ecologizado que, em vez de isolar o objeto de estudo, o considere em e por sua relação auto-eco-organizadora com seu ambiente-cultural, social, econômico, político, natural;
- de um pensamento que conceba a ecologia da ação e a dialética da ação, e seja capaz de uma estratégia que permita modificar e até mesmo anular a ação empreendida;
- de um pensamento que reconheça seu inacabamento e negocie com a incerteza, sobretudo na ação, pois só há ação no incerto. (1995, p. 167-168)

A visão tradicional da *natureza-objeto versus homem-sujeito*, argumenta Porto-Gonçalves, parece ignorar que a palavra sujeito comporta mais de um significado: ser sujeito quase sempre é ser ativo, ser dono do seu destino (2005). O autor, no entanto, lembra que sabemos que nem todos os homens são proprietários da natureza e alguns poucos verdadeiramente dela se apropriam (2005).

Outros pensadores também acreditam em uma outra forma de sociedade. Vandana Shiva prega a democratização do saber e condena o que denomina de monocultura da mente. Para a autora, vivemos uma cultura “dominadora e colonizadora”, o que não nos permite conhecer outras formas de pensar mais diversa (2003).

As lições de Fritjof Capra também nos ajudam a compreender essa nova mentalidade. O autor nos apresenta uma nova visão sistêmica da vida que nos leva à proposta de alfabetização ecológica. Capra propõe o reconhecimento de que as redes constituem o padrão básico de organização de todos os sistemas vivos. Precisamos nos realfabetizar no aprendizado da vida em sociedade (2003).

Cabe à imprensa contribuir para dar destaque a essas ideias, retirando o homem dessa superioridade em relação à natureza. A visão antropocêntrica nos direcionou para a destruição do planeta e precisamos fazer a sociedade refletir sobre essas novas propostas e encontrar outros caminhos.

4.3 Combate à desinformação

Em 2019 a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) editou uma publicação intitulada “Jornalismo, Fake News & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo”, organizado por Ireton e Posetti. O documento levanta três pontos sobre a necessidade de enfrentamento à desinformação:

1. conhecimento de que as notícias – produzidas por protagonistas transparentes e verificáveis – são essenciais para a democracia, o desenvolvimento, a ciência, a saúde e o progresso humano;
2. reconhecimento de que a desinformação não é uma atividade secundária e que combatê-la é missão crítica para os meios de comunicação;

3. compromisso com o aprimoramento das habilidades jornalísticas profissionais como atividade primordial para que o jornalismo inclusivo e apurado possa competir como alternativa verossímil ao conteúdo falsificado. (2019, p. 13)

O papel do profissional de imprensa neste enfrentamento é fundamental, pois, alerta o manual, o jornalismo enfrenta o risco de ser abafado pela cacofonia; os jornalistas correm o risco de serem manipulados por atores que vão além da ética das relações públicas, tentando enganar ou corromper jornalistas para disseminar a desinformação; e os jornalistas na qualidade de comunicadores que trabalham a serviço da verdade, incluindo “verdades inconvenientes”, podem se tornar alvo de mentiras, boatos e rumores destinados a intimidá-los e difamá-los e ao seu jornalismo, especialmente quando seu trabalho ameaça expor aqueles que estão incumbindo ou cometendo a desinformação. (IRETON E POSETTI, 2019, p. 9)

Os nove elementos relacionados por Kovach e Rosenstiel (2003) reconhecidos como fundamentais para serem seguidos pelos jornalistas e manter o jornalismo vivo e respeitado pela sociedade são: “1) A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade; 2) Sua primeira lealdade é com os cidadãos; 3) Sua essência é a disciplina da verificação; 4) Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem; 5) O jornalismo deve ser um monitor independente do poder; 6) O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público; 7) O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante; 8) O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional; 9) Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência.” (p. 22)

Para os dois autores, “precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, identificar amigos e inimigos” (2003, p. 18). E prosseguem:

O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias. Por isso nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos: influenciam a qualidade de nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura. (2003, p. 18)

Diante da superoferta de informação, Kovach e Rosenstiel (2003) se perguntam se a imprensa livre conseguirá sobreviver aos tempos atuais. Tudo dependerá dos jornalistas e de sua lucidez e convicção para articular o significado de uma imprensa livre e de como, no papel de cidadãos, nos preocupamos com isso. Para os autores, jornalismo é contar uma história com uma finalidade. Essa finalidade é fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo. “O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas

vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente” (2003, p. 226).

Em estudos anteriores já se verificou que ZH não segue os preceitos do Jornalismo Ambiental. Como observa Girardi et al, “o exercício do jornalismo, que auxilia as pessoas a agirem como cidadãs, está longe de ser realizado nas redações de jornalismo diário que não são dedicadas exclusivamente ao tema meio ambiente” (2011, p. 116). Mas em relação aos elementos elencados por Kovach e Rosenstiel, ZH segue esses nove princípios? Mais adiante nesta dissertação tentaremos responder a essa pergunta.

Ao analisar textos publicados por ZH já podemos constatar que a publicação valoriza pouco a ideia de preservação do meio ambiente e se coloca ao lado do viés econômico e do agronegócio. Teixeira (2011) observa que “a estrutura de produção da informação da Zero Hora está completamente atravessada por lógicas econômicas e políticas que condicionam, através de múltiplos fatores, o trabalho dos jornalistas e direcionam o foco do leitor”. Prossegue a autora sobre ZH:

Como empresa, precisa preservar o interesse de grupos econômicos aos quais está ligada, e o faz, omitindo da sociedade determinadas informações. Com seus colaboradores, precisa fazer com que eles sigam a cultura da empresa, e o faz, exercendo o poder, ou seja, quem não se adapta à cultura da empresa é demitido. Precisa ouvir as fontes, e o faz, mas seleciona somente aquelas que apresentam pontos de vista compatíveis ao seu posicionamento – mesmo assim não é transparente em relação a essas vozes, ao escrever expressões como “segundo especialistas” ou “cientistas estão prevendo”. (2011, p. 36-37)

A pauta ambiental para ZH, como escreve Massierer, é tratada como assunto factual, “disputando com outros temas abordados pela seção Geral” (2011, p.17). O discurso da grande imprensa a favor do agronegócio em contraposição à defesa ambiental tem suas raízes em fatores econômicos. Jornais lucram com as vendas nas bancas, com as assinaturas e, principalmente, com os anúncios. Para Bueno,

O compromisso da mídia de massa no Brasil com o modelo agroexportador, apoiado na “big science”, a tem colocado num dilema: seguir o que indicam os olhos e a razão ou ceder à lógica do capital, que sugere (ordena?) apostar, cegamente, no lucro. Invariavelmente, ela tem preferido a segunda opção, mais cômoda e mais rentável, buscando enxergar os problemas ambientais a partir escritórios refrigerados e de fontes que não escondem os seus vínculos com as multinacionais das sementes, agroquímicas, de biotecnologia ou aquelas que patrocinam o chamado “deserto verde”. (2007, p. 27, aspas do autor)

Jornalismo Ambiental também é jornalismo, como afirma Bueno (2007). Essa atividade, como qualquer outra, implica questões como ética, moral, honestidade. Mas também envolve compromissos, seja com os fatos, com a verdade, com a sociedade ou com a cidadania. Belmonte define assim o Jornalismo Ambiental, tomando por base um conceito descritivo e normativo:

Trata-se de uma especialização temática, consolidada no Brasil na última década do século XX, comprometida com uma qualidade de vida planetária e com a construção social de uma realidade mais justa e ecológica. Entre suas características estão: a contextualização socioambiental, a relação risco/limite, os processos longos, a incerteza científica e a complexidade técnica. Para puxar e interpretar todos estes fios com uma abordagem transversal que vai além das consequências em busca das causas e soluções, uma diversidade de fontes é sempre necessária. Assim como um profundo comprometimento ético com a profissão. Profissionalismo e engajamento andam juntos, em permanente tensão. (2015, p. 12)

O jornalista uruguaio Victor Bacchetta (2000) construiu uma definição de JA baseada em sua capacidade contributiva e seu potencial como elemento de conscientização. Bacchetta afirma que o Jornalismo Ambiental considera os efeitos da atividade humana, desde a ciência e a tecnologia em particular, sobre o planeta e a humanidade. Deve contribuir, portanto, para a difusão de temas complexos e para a análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. “É um jornalismo que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sobre sua forma de vida na Terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária.” (2000, p.18)

Já Garcia (2004) caracteriza o JA relacionando quatro pontos delimitadores: ênfase ao risco, duração indeterminada do processo, incerteza científica e complexidade técnica. Antônio Teixeira de Barros (2012) resume as ideias de Garcia:

A ênfase ao risco – contribui para dar força à matéria, devido ao teor dramático e apelo emocional. Afinal, quanto maior o potencial de risco, maior visibilidade e destaque ao fato, o que faz manter o tema na agenda dos media e nas instâncias de debate público.

A duração indeterminada do processo – acentua o teor dramático, ao gerar suspense entre os receptores e despertar interesse para acompanhar o desenrolar dos fatos. Em muitos casos, o noticiário segue quase a estrutura dos enredos de teledramaturgia, com a divulgação das notícias em formato de sequências ou episódios, com deixas de suspenses para os capítulos seguintes.

A incerteza científica – como há diversidade de interpretações por parte dos especialistas com acesso aos *media*, esse elemento provoca debate, com opiniões divergentes, o que acentua o interesse da opinião pública e prolonga a permanência do tema na agenda pública.

A complexidade técnica – esse fator pode ser desfavorável à cobertura, ao afastar o público leigo, além de representar um dos principais desafios para os jornalistas da área ambiental: como transmitir informações técnicas sobre áreas especializadas,

como energia nuclear, eco-epidemias e outros que exigem conhecimento prévio do receptor? (BARROS, 2012, p. 149)

Girardi e Loose (2020) sintetizaram os pressupostos epistemológicos do Jornalismo Ambiental em sete características principais:

1. Ênfase na contextualização – a expectativa de superar a fragmentação e a descontinuidade; destaque para uma contextualização ampla, profunda e crítica (tecendo relações de causas e consequências) e a perspectiva sistêmica.
2. Pluralidade de vozes – as notícias deveriam representar a pluralidade de vozes que estão envolvidas com a questão, inclusive aqueles que não detêm legitimidade científica, empresarial ou política.
3. Assimilação do saber ambiental – a compreensão disto propõe novos valores e uma nova consciência para a prática jornalística a partir de um olhar ambiental.
4. Cobertura próxima à realidade do leitor – trazer as questões ambientais para perto do cotidiano dos leitores e interconexão entre as escalas.
5. Comprometimento com a qualificação da informação – envolve engajamento e militância como atitudes críticas em defesa da sustentabilidade da vida.
6. Responsabilidade com a mudança de pensamento – o JA assume seu papel de contribuir para mudar o pensamento.
7. Incorporação do princípio da precaução – amplia o tempo de ação do jornalismo, orientando-o para o futuro na tentativa de alertar e evitar consequências negativas. (2020, p. 284-285)

Michael Frome esclarece que o Jornalismo Ambiental é diferente do jornalismo tradicional. O JA, na visão do autor, deve ser jogado segundo regras baseadas em uma consciência diferente daquela predominante na sociedade. Para Frome, o JA é mais do que uma forma de fazer reportagem e escrever, mas uma forma de viver, de olhar para o mundo e para si próprio. “Ele começa com um conceito de serviço social, dá voz à luta e às demandas e se expressa com honestidade, credibilidade e finalidade. Ele quase sempre envolve, de alguma forma, em algum lugar, riscos e sacrifícios.” (2008, p. 60)

O Jornalismo Ambiental, portanto, requer engajamento, contextualização, visão de sociedade e compromisso com o coletivo, entre outros requisitos. E precisa ser “revolucionário”, como adjetiva Bueno (2007, p. 17). Nos dias de hoje, porém, não é tarefa fácil para os jornalistas brasileiros. É o que lembram Girardi et al: “O dia a dia de quem produz as informações que sustentam as opiniões de toda uma sociedade sofre uma série de pressões, decisões editoriais e escolhas subjetivas que interferem no processo” (2011, p. 116).

Mas esses não são os únicos obstáculos. Com as redações ainda mais enxutas, com os jornalistas cada vez mais sobrecarregados de tarefas, chega ser quase impossível exercer a

profissão com a responsabilidade e a dedicação que se espera. O processo de enxugamento das redações iniciado na década de 2010 segue causando danos à produção jornalística, cada vez com menos profissionais experientes e cada vez mais sustentada por estagiários.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos os passos para a construção da metodologia que possibilitou responder ao problema de pesquisa: a cobertura do Jornal ZH sobre o avanço do agronegócio, em especial a soja, sobre o bioma Pampa contém informações para que os leitores percebam os danos desse processo para o meio ambiente e como isso pode impactar a sociobiodiversidade? Também apresentamos informações sobre o Jornal Zero Hora, veículo que foi escolhido para ser objeto desta dissertação.

5.1 Análise de Conteúdo

O primeiro passo foi a seleção do material publicado por Zero Hora em 2021. Para tanto, foram analisadas todas as edições impressas do jornal naquele ano, a partir da versão digitalizada disponível no site de GZH. Cada edição foi verificada, página por página, em busca das palavras-chave “Pampa”, “agronegócio” e “soja”.

Os textos encontrados foram tabulados no formulário de codificação “Análise de conteúdo – cobertura de ZH - bioma Pampa x soja” (Apêndice 1). O formulário identifica os seguintes itens: 1) Presença de ilustrações/explicações; 2) Gênero; 3) Formato; 4) Onde ocorre o fato abordado; 5) Conotação da mensagem; 6) Conteúdo da mensagem; 7) Abordagem sobre meio ambiente enfoca também o agronegócio; 8) Abordagem sobre agronegócio enfoca também o meio ambiente; 9) Fontes; 10) Local da foto; 11) Conotação da mensagem; 12) Conteúdo da mensagem; 13) Espaço concedido (centimetragem).

Esses dados, posteriormente, foram sintetizados em três quadros, especificando data, título, página, centimetragem (coluna x altura), tipo (notícia, reportagem, editorial ou opinião), ilustração (foto, gráfico ou tabela) e o(a) autor(a) do texto. Cada quadro lista o material encontrado conforme o tema Pampa, soja ou agronegócio.

Após a seleção dos dados, foi aplicada a metodologia de Análise de Conteúdo. Laurence Bardin assim define AC:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, p. 31)

Monica Martinez e Arquimedes Personi argumentam que a AC tem sido empregada com seriedade na grande maioria dos estudos na área do jornalismo, sugerindo maturidade da comunidade científica nacional como um todo. Para os autores, fica claro que o senso comum de que a análise de conteúdo produziria apenas resultados numéricos não se evidenciou em recente revisão de literatura, já que a maior parte dos trabalhos analisados (85%) se caracterizou por estudos mistos, isto é, que combinam abordagens qualitativas e quantitativas (2012, p. 6).

Já o limite da análise qualitativa, Martinez e Personi encontraram indícios de que continua a depender do arcabouço conceitual, da dedicação e da experiência do pesquisador. Para os dois analistas, “quanto mais o método for usado por um dado pesquisador, mais relevantes e profundas poderão ser as análises empreendidas” (2012, p. 6).

Para Bardin, a organização da análise é a fase de organização propriamente dita, um período de intuições. Assim, objetiva tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise (1977, p. 95).

Conforme Richardson, por sua natureza científica, a AC deve ser eficaz, rigorosa e precisa: “Trata-se de compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características [...], cognitivas, ideológicas etc., e extrair os momentos mais importantes. Portanto, deve basear-se em teorias relevantes que sirvam de marco de explicação para as descobertas do pesquisador” (1999, p. 224).

A partir dos textos de Bardin, Wilson Corrêa da Fonseca Junior (2006) enumera três fases cronológicas para a organização da Análise de Conteúdo:

(1) Pré-análise: consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise.

(2) Exploração do material: refere-se à análise propriamente dita envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. Se a pré-análise for bem-sucedida, esta fase não é nada mais do que a administração sistemática das decisões tomadas anteriormente.

(3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas (quando for o caso) permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos. A partir desses resultados, o analista pode então propor inferências. (FONSECA, 2006, p. 290)

Foram observados ainda os termos utilizados nos textos, a quantidade e a diversidade de fontes entrevistadas, o espaço concedido ou não às versões contraditórias, o apontamento de dados estatísticos divergentes. A partir dessa elaboração, somamos os referenciais bibliográficos para, desta forma, efetivar articulações pertinentes com base teórica.

5.2 A escolha por Zero Hora

Zero Hora é um jornal em formato tabloide com sede em Porto Alegre (RS) e pertence ao grupo RBS. Foi fundado em 4 de maio de 1964 e está entre os jornais mais premiados e de maior circulação do Brasil. Na versão impressa, as notícias agrícolas são publicadas nas páginas da seção Campo e Lavoura. Já as notícias envolvendo meio ambiente ficam em páginas sem identificação de editoria.

A opção por Zero Hora se justifica por seu um dos maiores jornais do País e o gaúcho com maior circulação impressa no Estado. Conforme dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), ZH também é o quinto jornal em circulação impressa do Brasil em 2022, com 41.425 exemplares. O periódico gaúcho somente é superado por O Globo (60.777 exemplares), Estado de S. Paulo (60.446), Super Notícia (48.215) e Folha de S. Paulo (48.084), todos publicados fora do Rio Grande do Sul.

ZH também está entre os jornais mais premiados do País. Conforme o site Jornalistas & Companhia (Portal dos Jornalistas, 2023), que elabora o Ranking dos +Premiados da Imprensa, o jornal gaúcho apareceu em 2022 na quarta posição, com 12.485 pontos e 375 premiações, atrás apenas da TV Globo (em 1º lugar, com 19.345 pontos e 498 prêmios), Folha de S. Paulo (em 2º, com 13.565 pontos e 293 prêmios) e o jornal O Globo (em 3º, com 12.800 pontos e 262 prêmios).

A ranking, conforme o próprio site do Jornalistas & Companhia³, segue critérios de soma dos pontos de todos os prêmios conquistados, excluindo as premiações internas promovidas pelos veículos, já que neste caso não há concorrência entre os demais jornalistas do país. O levantamento considera os resultados de 183 premiações. O ranking atribui de 10 a 100 pontos para cada prêmio, mas apenas os primeiros lugares são considerados na contagem (ficam de fora os segundos, terceiros colocados e as menções honrosas). Os concursos são classificados

³ Os critérios detalhados do ranking estão disponíveis em <https://www.portaldosjornalistas.com.br/ranking-j-cia-criterios-utilizados-criacao-ranking/>.

considerando aspectos geográficos e temáticos, cada um com suas subdivisões. No primeiro caso, premiações internacionais, por exemplo, recebem uma pontuação maior em relação aos nacionais ou regionais. No quesito temático, o mesmo vale para concursos com foco geral, como o Esso e o Embratel, em contrapartida aos de tema específico, como de Direitos Humanos, por exemplo.

A escolha por ZH também se ampara na transparência de seus critérios editoriais, especificados nas “Práticas editoriais de GZH” (GZH, 2023), disponível no site de notícias. No portal, por exemplo, GZH define “notícia” como:

[...] relato imparcial baseado em fatos observados ou verificados diretamente por um jornalista. O repórter inclui diferentes pontos de vista sobre o tema e não coloca a própria opinião ao texto. Na notícia, as informações são comprovadas ou refutadas com evidências objetivas”.

Na década de 1990, ZH editou uma publicação intitulada “Manual de Ética, Redação e Estilo”, que passou a ser utilizado por vários anos como balizador das decisões redacionais, de estilo e éticas, e que já não é mais utilizado. O documento, o único da empresa impresso e amplamente divulgado, era mais voltado ao dia a dia dos jornalistas de ZH do que propriamente a divulgação dos valores adotados pela empresa. Em formato de livro, o manual podia ser comprado em livrarias por qualquer interessado.

No capítulo sobre ética, o manual possui um item denominado “Imparcialidade”, com a seguinte redação:

Zero Hora não mantém índice de nomes ou assuntos proibidos para publicação. A reportagem deve abrir espaço a todos os lados envolvidos no assunto, sem qualquer preconceito, favorecimento ou perseguição.

Ao redigir um texto, o jornalista de ZH não pode ter qualquer motivação que não seja a de divulgar, com precisão e equilíbrio, um fato de interesse do leitor.

Quando o jornalista tiver algum tipo de envolvimento pessoal ou emocional com o fato ou entrevistado, deve declarar-se impedido de realizar a tarefa. O impedimento deve ser transmitido ao editor da área, que, em caso de dúvida, consultará o diretor de Redação ou o editor-chefe.

A condição de jornalista não autoriza qualquer integrante da Redação a obter vantagens, facilidades ou favores pessoais que não seriam concedidos a qualquer outro cidadão.

Os profissionais de Zero Hora não fazem por conta própria, acordo com colegas de outros veículos para publicarem ou não alguma informação. Propostas de acordos do gênero devem ser encaminhadas ao diretor de Redação ou ao editor-chefe. (1994, p. 17-18)

O documento de cunho normatizador, no item citado, objetiva mostrar como os jornalistas do impresso devem se postar durante o exercício da profissão. O primeiro tópico garante que ZH não tem tema proibido e nem personalidade “sem qualquer preconceito, favorecimento ou perseguição”.

Esse manual, no entanto, deixou de ser utilizado pela redação do jornal gaúcho. Os jornalistas da empresa, atualmente, tiram suas dúvidas sobre normas redacionais e estilo por meio de uma ferramenta online interna, que é restrito aos funcionários da RBS e não está à disposição de terceiros. Para os dilemas éticos, por sua vez, ZH disponibiliza à equipe e aos seus leitores o “Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística” (RBS, 2011), que pode ser acessado diretamente no site do Grupo RBS.

O Guia tem 52 páginas e é voltado às equipes de jornalismo da empresa, com apresentação assinada por Jayme Sirotsky, presidente emérito; Nelson Sirotsky, presidente; e Eduardo Sirotsky Melzer, vice-presidente executivo, cargos que ocupavam em 2011, quando o documento foi elaborado. Na apresentação, os três executivos ratificam que o “primeiro dever do jornalismo é a busca da verdade”, atestando o compromisso da RBS com a imparcialidade.

O capítulo 4 do Guia da empresa jornalística gaúcha trata exclusivamente sobre ética. Nesse item, destacamos os seguintes pontos:

[...] 4.1.4. CENSURA - A RBS rejeita qualquer tipo de censura e, portanto, não mantém índice de nomes ou assuntos proibidos para divulgação. [...] 4.1.11. IMPARCIALIDADE - A notícia deve buscar abrir espaço a todos os lados envolvidos no assunto, sem qualquer preconceito, favorecimento ou perseguição. 4.1.12. INDEPENDÊNCIA - Os critérios para produção e distribuição de conteúdos jornalísticos devem estar voltados para o interesse do público a que se destinam. Interesses isolados de empresas do Grupo, de seus proprietários e seus dirigentes, autoridades, anunciantes, fontes ou profissionais não podem prevalecer na escolha de temas e na difusão de informações corretas. (2011, p. 16-20)

Os três itens buscam fortalecer a imagem de empresa jornalística que não cede a pressões e que se diz totalmente independente, sem atender a interesses de terceiros. Conforme a empresa, seus veículos podem abordar todos os assuntos, envolvendo qualquer pessoa, em nome da verdade jornalística, como destacaram os três executivos da RBS.

Sobre a imparcialidade, um dos pontos mais polêmicos do jornalismo moderno, para alguns trata-se apenas de uma meta a ser atingida, para outros apenas um mito. Para Motta (2005), uma missão inalcançável, já que a narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta ou imparcial, é também fortemente determinada por um fundo ético ou moral. Os jornalistas só

destacam determinados fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem de algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural.

A RBS possui outro documento intitulado “Código de ética e conduta: integridade. Responsabilidade de Todos”. O manual de 33 páginas, que pode ser baixado em PDF, está organizado pelos seis valores da empresa: Fazer o que é Certo, Conexão Com as Pessoas, O Nosso Coração Pulsa, Todos Pelos Clientes, Realizar Crescimento Sustentado e Desenvolvimento Coletivo. Voltado mais ao público externo do que interno, o Guia resume os seis valores da RBS assim:

Fazer o que é certo: Uma empresa ética e que se orgulha do que faz; Conexão com as pessoas: Gente com brilho nos olhos. Relação de confiança e respeito recíproco; O nosso coração pulsa: Um ambiente vibrante e ousado. Busca da excelência, com disciplina, agilidade e simplicidade; Todos pelos clientes: Temos compromisso com os nossos públicos – consumidores (ouvintes, leitores, telespectadores e internautas), anunciantes e usuários. Toda a organização é dedicada a gerar as melhores soluções para os clientes; Realizar crescimento sustentado: Paixão por fazer mais e melhor. Compromisso com resultados consistentes em curto e longo prazos; Desenvolvimento coletivo: Orgulho da nossa contribuição para o país e para a sociedade, com forte senso de responsabilidade e de pertencimento às comunidades. (CÓDIGO DE ÉTICA RBS, 2015, p. 7)

Sobre a questão ambiental, o código da RBS tem apenas um parágrafo no ponto denominado Desenvolvimento coletivo:

O Grupo RBS respeita a legislação ambiental em todas as áreas, considerando a minimização de riscos e impactos ambientais. Procura ter equilíbrio e cuidado na utilização dos recursos naturais, combatendo formas de desperdício. O Grupo RBS deseja ter colaboradores, fornecedores e parceiros que atuem alinhados a esses princípios. (2015, p. 30)

Em “Práticas editoriais de GZH” não há menção sobre a questão ambiental, mas existe um item que trata da “Independência editorial”. Neste ponto, a RBS informa que:

Os critérios para produção e distribuição de conteúdos em GZH estão voltados para o interesse público. Interesses isolados de empresas do Grupo RBS, de seus proprietários e seus dirigentes, autoridades, anunciantes, fontes ou profissionais não prevalecem na escolha de temas e na difusão de informações corretas. (GZH, s.d.)

O grupo jornalístico, com o apontamento acima, quer fazer o leitor acreditar que não cede a pressões, colocando a informação acima de tudo. Neste sentido, nos faz crer que aborda temas importantes, como o meio ambiente, sem assumir lados ou versões. Supostamente, os fatos estariam acima de qualquer interesse.

6 O PAMPA X O AGRONEGÓCIO DA SOJA EM ZERO HORA

Neste capítulo apresentamos a análise da cobertura do jornal Zero Hora na abordagem do bioma Pampa, do agronegócio da soja e das demais áreas do agronegócio é enfocada neste capítulo. Em análise quantitativa e qualitativa, as citações do impresso gaúcho são contabilizadas a partir de diversos itens, como página, autor, tamanho, ilustrações, entre outros. Para tanto, recordamos os objetivos específicos que buscamos alcançar: : (1) identificar as fontes utilizadas nas notícias sobre o bioma Pampa e o avanço do agronegócio da soja; (2) observar qual o conteúdo com maior predominância, o da preservação ambiental ou o do agronegócio; (3) verificar os argumentos empregados em defesa da preservação ambiental e do agronegócio; e (4) averiguar se as matérias publicadas contribuem para ampliar a consciência ambiental do leitor em relação aos problemas enfrentados pelo bioma Pampa.

6.1 O espaço no jornalismo

Um dos problemas do jornalismo impresso diário é o espaço. O jornalista precisa definir o que será ou não publicado e o espaço reservado a cada editoria. É neste momento que o maior come o menor, como se diz popularmente nas redações. Ou seja: o editor precisa definir qual será a notícia que irá ocupar o espaço na página. Aqui entram em campo os valores-notícia, que são, na definição de Pierre Bourdieu, os “óculos” que o jornalista usa “para ver certas coisas e não outras” (apud TRAQUINA, 2008, p. 77).

Para o jornalista, é muito mais concreto ver com seus “óculos” o acidente de trânsito, a declaração política de grande repercussão, a pandemia em escala mundial, a vitória do time da cidade do que a destruição de uma área verde protegida que fica em local de difícil acesso. Essa é uma realidade do Pampa.

O bioma gaúcho, por se caracterizar por uma área de grande amplitude, ocupada em grande parte por campos e não por matas, acaba afastando do olhar do jornalista a ideia de espaço de preservação. É mais perceptível para o jornalista a devastação da Floresta Amazônica como área a ser defendida da exploração indevida.

Girardi et al observa que o Pampa é “um ambiente que ao longo dos anos foi sendo jogado ao esquecimento e visto como um lugar de pobreza, sujeito a soluções externas” (2011,

p. 115). Com essa lógica, o jornalista passa a ter a visão equivocada de que uma floresta de eucaliptos ou uma área semeada com soja não causam dano ambiental.

Em Zero Hora, o meio ambiente ganha espaço na versão impressa apenas diante de fatos relacionados a tragédias ou à divulgação de dados relacionados à destruição por órgãos oficiais ou de credibilidade indiscutível. Afinal, como revela Michael Frome, “com uma missão dominante em marketing de massas, a grande mídia transmite o evangelho de uma sociedade de consumo, apoiada pela economia de crescimento infinito”. (2008, p. 47)

A imprensa empresarial, conforme viu Hannigan, adota, cada vez mais, um discurso que apresenta o meio ambiente como uma oportunidade econômica. “A mensagem chave aqui é de que a diversidade ambiental pode ser transformada em engenho e produção humanos”, alertou o visionário (1995, p. 97). Permeia a ideia de que a classe empresarial pode agir livremente sem compatibilizar técnicas e tecnologias aos valores ecológicos.

Frome (2008, p. 53) observa ainda que imprensa, quando funciona bem, “força os sistemas político, social e econômico a continuamente se autoexaminarem e se renovarem”. Essa missão, porém, exige que a imprensa opte por priorizar em seus espaços os valores que considera importantes para sociedade, o que nem sempre está evidente para a própria sociedade.

6.2 O Pampa, a soja e o agronegócio em ZH

6.2.1 O Pampa

No levantamento quantitativo envolvendo o material editorial de ZH sobre o Pampa, a soja e o agronegócio já foi possível verificar os temas preferenciais da publicação. O bioma gaúcho apareceu em apenas seis ocorrências em 2021, sendo a primeira apenas em setembro daquele ano (Quadro 2).

Uma das citações, no entanto, é uma chamada de capa (09 e 10 de novembro), dois são artigos de opinião assinados não por jornalistas e sim por autores ligados a outras áreas de atividade. E uma das publicações é um editorial de ZH, justamente tratando da informação divulgada em setembro pelo Mapbiomas a respeito da destruição dos seis biomas brasileiros, com destaque para o Pampa.

Quadro 2 – Publicações sobre o Pampa em ZH - janeiro a dezembro de 2021

DATA	TÍTULO	PÁG.	CENTIMETRAGEM	GÊNERO	ILUSTRAÇÃO	AUTOR(A)
23/09	Pampa gaúcho perdeu 21,4% de vegetação nativa	19	10,2 cm x 33,5 cm	Notícia	- x -	Sem identificação
23/09	Patrimônio natural e economia	24	15,5 cm x 29 cm	Editorial	- x -	Opinião da RBS
09 e 10/11	Vida longa ao banhado do Maçarico	01	26,1 cm x 13 cm (Foto: 22,1 x 13 cm/ Texto: 4 cm x 13 cm)	Chamada	01 foto	- x -
09 e 10/11	Banhado do Maçarico	20 e 21	52,2 cm x 33,5 cm (Foto: 52,2 cm x 17,5 cm; Texto: 52,2 cm x 16 cm)	Reportagem	06 fotos	Isabela Sander
03/11	A proteção do bioma Pampa	21	15,5 cm x 17,3 cm	Artigo	- x -	Ana Maria Moreira Marchesan (procuradora de justiça)
20/12	Bioma Pampa: identidade que nos define	21	15,5 cm x 17,3 cm	Artigo	- x -	Henrique Luiz Viana (secretário de Meio Ambiente do RS)

Fonte: Elaborado pelo autor

Essa seleção de referências sobre o Pampa reflete o comportamento geral de ZH em relação às questões ambientais. O tema só ganha espaço no jornal diante de um grande desastre ambiental ou na divulgação de radiografias sobre o tema. Como lembra Garcia, “os jornalistas agem em função das preocupações reinantes num dado momento, sejam elas da comunidade como um todo, de setores específicos da sociedade ou das partes envolvidas em um conflito particular” (2004, p. 21).

A limitação dos relatos ambientais durante o processo editorial, após a apuração da notícia, que Hannigan (1995) apontava, se mantém. Trata-se do papel dos editores, que preferem histórias que representem controvérsia e conflito. Assim, o cuidado dá lugar ao sensacionalismo. E os “editores têm mais tendência a ser sensíveis a pressões exteriores de conselheiros associados e outros poderosos apoiantes do *status quo*” (p. 92).

No caso de ZH, Girardi et al observa que a “função pública do jornalismo parece ser reduzida quando se trata de mencionar problemas ligados à gestão do nosso mundo, à gestão de nossos próprios hábitos” (2011, p. 109). É mais fácil criticar a devastação quando ela ocorre do outro lado do mundo do que quando ela acontece na nossa cidade ou região, em outras palavras. Assim o jornalista corre menos risco de contestação.

É o caso da edição de 23 de setembro de 2021, quando Zero Hora trouxe na página 19 a matéria “Pampa gaúcho perdeu 21,4% de vegetação nativa” (Figura 3), a partir do relatório divulgado pelo Mapbiomas. O texto, sem identificação de autoria, foi editado como tema secundário na página, em duas colunas, e tendo ao lado uma matéria em três colunas sobre estudo elaborado pela Defesa Civil do município de Cachoeira do Sul (RS) a respeito da proliferação de piranhas no Rio Jacuí. Zero Hora considerou mais importante este estudo elaborado sem divulgar os critérios utilizados na análise a partir de apenas uma fonte ouvida do que o relatório do reconhecido Mapbiomas com o alerta sobre a perda de 2,5 milhões de hectares do bioma Pampa.

Cabe aos jornalistas não apenas identificar o que é importante, mas também tornar essa cobertura em algo interessante para o leitor. “A tarefa do jornalista é encontrar formas de transformar o significativo em interessante, em cada matéria, e encontrar a mistura exata do sério e do menos sério que oferece um relato do dia”, explicam Kovach e Rosenstiel (2003, p. 226). ZH, no caso da matéria analisada, parece justamente fazer o contrário, levando ao leitor um resumo de um tema que poderia ser aprofundado.

A reportagem de ZH ouve apenas uma fonte, o coordenador do mapeamento realizado pela Mapbiomas. Apesar do texto pontuar a redução da vegetação nativa pelo crescimento da área agrícola, nenhuma fonte oficial (política ou técnica) ligada à agricultura (o Ministério ou a Secretaria Estadual) foi ouvida. Tampouco foram ouvidas fontes oficiais do setor ambiental, como Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) ou Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), que deveriam prestar contas à sociedade sobre as ações empreendidas para evitar que a destruição relatada pelo mapeamento continue.

Figura 4 – Zero Hora de 23 de setembro de 2021

ZERO HORA, QUINTA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 2021 19

BIOMA

Pampa gaúcho perdeu 21,4% de vegetação nativa

Caracterizado por longas planícies e plantas de pequeno porte, o pampa gaúcho foi o que mais perdeu vegetação nativa nos últimos 36 anos, proporcionalmente ao total da sua área no Brasil. Esta conclusão é fruto da análise de imagens de satélites entre 1985 e 2020, feita pela rede MapBiomias, por meio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da GeoKarten.

Segundo menor bioma brasileiro, o pampa perdeu 21,4% de sua mata nativa, ou seja, 2,5 milhões de hectares, nos últimos 36 anos. Atualmente, a vegetação original responde por menos da metade (46,1%) do seu território.

Agricultura

A redução se deu, principalmente, devido ao avanço da agricultura, que ganhou mais de 1,9 milhão de hectares de área do bioma – a atividade ocupava 29,8% do pampa, em 1985, e usava 39,9% do território em 2020. Já as formações campestres ocupavam 46,2% da área em 1985, mas eram apenas 32,6%, em 2020.

– A substituição da formação campestre pela agricultura favorece a perda de biodiversidade e liberação de carbono na atmosfera, contribuindo para o efeito estufa. Mas é também um desvio de uma vocação econômica natural do pampa – alerta Heinrich Hasenack, coordenador do mapeamento.

Hasenack explica que, ao contrário da floresta Amazônica ou do cerrado, onde é preciso desmatar para criar gado, no pampa, a vegetação nativa é um pasto natural, o que permite que a pecuária se desenvolva preservando a paisagem. A atividade, contudo, tem perdido espaço.

– Apesar de estar na tradição gaúcha, na história da ocupação do bioma e de ser uma atividade que, no pampa, é mais alinhada aos desafios do século 21 de preservação da biodiversidade e redução das emissões de carbono, a pecuária sobre campo nativo está perdendo espaço para a agricultura, notadamente a soja – detalha Hasenack.

O avanço da agricultura sobre a vegetação nativa foi mais acentuado nas regiões da Fronteira Oeste, Planalto Médio/Missões, Zona Costeira e leste da Campanha. Os cinco municípios que mais perderam vegetação natural nos últimos 36 anos foram São Gabriel, Alegrete, Tupanciretã, Dom Pedrito e Bagé.

Menor proporção de unidades de conservação

O levantamento ainda indica que o pampa tem a menor proporção de unidades de conservação dentre todos os biomas brasileiros, com 3% do território protegido. Se forem descontadas as Áreas de Proteção Ambiental, uma categoria com menor grau de conservação, o percentual cai para 0,6%. Com isso, o risco é que o pampa perca a capacidade de restauração ecológica com as variantes genéticas típicas dessas regiões.

Os resultados do mapeamento do bioma também trazem resultados sobre as queimadas e a superfície de água. No pampa, ao contrário dos demais biomas, as queimadas têm pouca expressão, com uma média anual de 92,5 quilômetros quadrados, o que é explicado pela ausência de uma estação seca, o baixo acúmulo de biomassa na vegetação campestre por conta da atividade pastoril e o fato de o fogo não ser utilizado culturalmente como uma prática de manejo nas áreas rurais.

A dinâmica da superfície de água entre 1985 e 2020 mostra uma tendência de estabilidade ao longo dos 36 anos mapeados. Quase 10% do pampa é ocupado por água, com 1,8 milhões de hectares em 2020. A maior parte se concentra na Zona Costeira, caracterizada pela presença de inúmeras lagoas, sendo que a laguna dos Patos, a lagoa Mirim e a lagoa Mangueira armazenam 81% do total de superfície de água do bioma.

Aqui, os pressupostos do JA foram ignorados. A matéria não contextualiza, ignora a importância da pluralidade de vozes, não propõe uma nova consciência e não “envolve engajamento e militância como atitudes críticas em defesa da sustentabilidade da vida” (GIRARDI et al., 2020, p. 284-285). O texto apenas oferece uma radiografia dos danos ao bioma, sem discutir a questão, cobrar das autoridades fiscalizadoras ou buscar soluções.

Quando falamos em jornalismo, uma premissa básica é o rigor na apuração de informações, com cada fonte ajudando a montar um mosaico que auxiliará o leitor a compreender os sentidos presentes nas notícias. É como nos lembra Pereira Junior (2010):

Apurar pode resumir-se a um jogo de evidências confrontadas a outras. Só a consistência delas garante o relato, mesmo que saibamos que tal consistência só foi obtida pela sobreposição de relatos que corroborem uma mesma versão, como no caso da cobertura do 11 de setembro. Colocar evidências em confronto implica, por isso, critérios de escolha – critérios éticos, de aplicação sistemática – ou de realidade que virá à luz será apenas o reflexo, espiralado, sinuoso e sem fim, de espelhos colocados uns diante dos outros. (p. 72)

Não há como dizer que haja uma relação entre quantidade de fontes e qualidade do texto jornalístico. Nem manual de redação que estabeleça um número determinado de entrevistados para se chegar a um nível de excelência. Mas uma notícia precisa levar ao leitor condições que permitam uma análise abrangente dos fatos. Neste caso citado em ZH, não houve questionamentos acerca da responsabilidade dos órgãos públicos, sejam de fiscalização ou de regulamentação sobre o prejuízo ambiental revelado no levantamento. Neste mesmo dia, Zero Hora abriu espaço para o tema Pampa em seu editorial (Figura 5). Com o título “Patrimônio natural e economia”, o jornal discorre, primeiramente, sobre a importância do Pampa como bioma brasileiro. O editorial, no entanto, ainda no primeiro parágrafo direciona o texto para defender a conciliação entre ambiente e economia. O texto argumenta que:

A questão que se impõe é a necessidade de proteger os ambientes naturais e a biodiversidade, sem frear o progresso. É cada vez maior, em todo o mundo, a busca por modelos de desenvolvimento que conciliem atividades econômicas e preservação. E uma vocação natural do bioma presente no Estado é a pecuária. Há, hoje, uma série de legislações e normas, federais e estaduais, que tornam mais rigorosa a possibilidade de autorização para conversão do uso do solo nas áreas de campos naturais do bioma Pampa, transformando-as em lavouras, por exemplo. (ZERO HORA, 2021, p. 24)

Figura 5 – Zero Hora de 23 de setembro de 2021

ZERO HORA, QUINTA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 2021
24

OPINIÃO DA RBS

PATRIMÔNIO NATURAL E ECONOMIA

Quando se fala sobre a proteção aos biomas existentes no Brasil, logo vem à mente a situação da Amazônia, do Pantanal, do Cerrado e da Mata Atlântica. O Pampa, por não ter fauna e flora tão exuberantes e ser restrito ao Rio Grande do Sul no país, não costuma ser alvo de igual atenção. Mas, como grande patrimônio natural do Estado e onde também é possível conciliar preservação e atividade econômica, merece uma atenção especial dos gaúchos. Levantamento do projeto MapBiomias divulgado ontem e que mostra a redução do ambiente natural entre 1985 e 2020 é uma nova oportunidade de para reflexões e aprofundamento dos debates (leia mais na página 19).

O trabalho indica que, nesse intervalo de tempo, 21,4% da vegetação nativa foi suprimida, o maior percentual entre os biomas brasileiros. Predominantes, as formações campestres, por sua vez, representavam 46,2% da área 36 anos atrás e, agora, apenas 32,6%. São 2,6 milhões de hectares a menos. O levantamento, executado por meio de equipes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da empresa de tecnologia da informação GeoKarten, aponta que grande parte desse território com uso modificado foi ocupado por lavouras, especialmente de soja.

A conversão das planícies e coxilhas a perder de vista para o uso na agricultura não é novidade. É um fenômeno que se acelerou nas últimas duas décadas, quando a China surgiu no cenário mundial com grande apetite pela oleaginosa. As zonas de plantio, que se concentravam em maior proporção no norte do Estado,

se estenderam para a Metade Sul, onde predominam as áreas de pampa. É resultado, sobretudo, da remuneração muito superior da cultura da soja na comparação com a pecuária extensiva, atividade tradicional e que teve grande colaboração para forjar a figura do gaúcho.

A questão que se impõe é a necessidade de proteger os ambientes naturais e a biodiversidade, sem frear o progresso. É cada vez maior, em todo o mundo, a busca por modelos de desenvolvimento que conciliem atividades econômicas e preservação. É uma vocação natural do bioma presente no Estado é a pecuária. Há, hoje, uma série de legislações e normas, federais e estaduais, que tornam mais rigorosa a possibilidade de autorização para conversão do uso do solo nas áreas de campos naturais do bioma Pampa, transformando-as em lavouras, por exemplo. Uma alternativa a ser trabalhada é a agregação de valor à carne produzida de animais alimentados basicamente em pastagens nativas. Sem dispensar a incorporação de novas tecnologias e sistemas de manejo avançados para elevar a produtividade. Junto a isso, criar e consolidar uma espécie de marca do Rio Grande do Sul. Existem iniciativas nesse sentido, mas não há dúvida de que o potencial a ser explorado é imenso, pela preocupação cada vez maior do consumidor em procurar alimentos que unam preservação ao processo produtivo. É o típico caso em que políticas públicas e empreendedorismo precisam atuar de forma coordenada. Ganha a economia gaúcha, enquanto a natureza agradece, com a proteção a um patrimônio afetivo e natural do Estado.

A questão que se impõe é a necessidade de proteger os ambientes naturais e a biodiversidade do Rio Grande do Sul, sem frear o progresso

OPINIÃO DO LEITOR

leitor@zerohora.com.br - Instagram@gauchazh - WhatsApp (51) 99667-4125
Facebook facebook.com/gauchazh - Twitter@gauchazh

DESMATAMENTO DA AMAZÔNIA

O desmatamento traz graves prejuízos ambientais e à qualidade de vida. Engana-se quem pensa que desmatar é a única forma de fazer a economia girar na região amazônica. É um bioma único no mundo e que tem 60% de sua extensão no Brasil. É o coração pulsante do planeta. Regula o sistema climático global e espalha chuva para outras regiões do país. Mas a floresta está ameaçada por um projeto de governo que privilegia o lucro de empresas e criminosos, em vez do bem-estar de todos. Na melhor das hipóteses, manterá o desmatamento num patamar bem acima da média de anos anteriores.

DANILO GUEDES ROMEU
Aposentado - Porto Alegre

USINA DO GASÔMETRO

Tenho muitas dúvidas quando se fala em CPI. Cria-se uma expectativa inicial e termina num palanque político. O prefeito já mandou abrir uma sindicância. Orçado em pouco menos de R\$ 12 milhões para conclusão da reforma, agora serão necessários mais R\$ 8 milhões. Erro de orçamento, superfaturamento, sobrepreço? Os 250 anos de Porto Alegre aguardam a reabertura do nosso cartão-postal, ou teremos de esperar mais quatro anos.

ENIO TONET
Representante comercial - Porto Alegre

VACINA SEMPRE

Na ZH de 23/9 (Opinião do Leitor), o senhor Jorge Lisboa Goelzer comenta o desserviço que é duvidar da eficácia das vacinas. Compartilho da opinião. Não seria melhor também os meios de comunicação não publicarem mais os comentários dos que são contra as vacinas?

CARLOS ALBERTO GALLE
Tecnólogo - Esteio

HONORÁRIOS DE SUCUMBÊNCIA

Parabéns à nossa Assembleia, honorários de sucumbência nunca fizeram parte das carreiras de Estado. Daí a aposentadoria integral e outras benesses (muito discutíveis). O Judiciário, pouco a pouco, quer agregar o melhor do mundo estatal ao privado.

LÚCIA TOSTES MOTTIN
Dentista - Porto Alegre



Angélica Rossini

Nas proximidades da orla do Guaíba, o pássaro camuflado na árvore foi flagrado por **CARLA MARK**

Opiniões, fotos ou histórias de leitores devem ser endereçadas à seção Leitor com nome, profissão, endereço e telefone. Os textos devem ter, no máximo, 700 caracteres. ZH reserva-se o direito de selecioná-los e resumí-los para publicação.

Grupo RBS

Presidente Emérito:
Jayme Sirotsky

Fundador:
Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)

Conselhos de Acionistas e de Administração

Carlos Melzer	Jayme Sirotsky
Geraldo Corrêa	Luiz Lima
Gilberto Meiches (Presidente do Conselho de Acionistas)	Marcelo Sirotsky
Ibanor Polosso (Secretário)	Nelson Pacheco Sirotsky
	Pedro Sirotsky
	Sônia Pacheco Sirotsky

Comitê Executivo

Presidente: Claudio Toigo Filho
Jornalismo e Esporte: Marta Gleich
Entretenimento e Canais: Marco Gomes
Mercado: Patrícia Fraga
Estratégia e Transformação: Marcelo Leite
Finanças: Mariana Silveira
Comunicação: Carolline Torma

ZH

Fundada em 4 de maio de 1964
zerohora.com.br

Gerente de Jornalismo Jornais e Rádios: Nilson Vargas
Editora-chefe: Dione Kuhn
Diretor de TI e Operações: Pericles Cenço
Gerente-executiva de Assinaturas e Digital: Camilla Leães

RBS externa que não podemos “frear o progresso”, assumindo uma visão utilitarista e reducionista sobre o meio ambiente, em que o homem é o protagonista e a natureza passa a ter um papel secundário. O ambiente representa apenas um valor, como alerta Santos:

Na era da ecologia triunfante, é o homem quem fabrica a natureza, ou lhe atribui valor e sentido, por meio de suas ações já realizadas, em curso ou meramente imaginadas. Por isso, tudo o que existe constitui uma perspectiva de valor. Todos os lugares fazem parte da história. As pretensões e a cobiça povoam e valorizam territórios desertos. (2001, p.84)

O otimismo do jornal, ao usar a expressão, “ecologia triunfante” é digno de observação. Afinal, o gancho do editorial é justamente um levantamento sobre o BP e suas áreas destruídas, em motivos então para adjetivar um suposto triunfo por parte da ecologia. O termo, na verdade, lembra o discurso do agronegócio, que faz a crítica justamente aos defensores do meio ambiente e à legislação ambiental, que consideram rigorosa demais.

Já na edição de 09 e 10 de novembro, ZH publica a reportagem sobre o Banhado do Maçarico (Figura 6). Num primeiro olhar sobre a matéria, aparentemente estamos diante de um texto em defesa da preservação do banhado, área pertencente ao bioma Pampa, principalmente pela chamada de capa: “Vida longa ao banhado do Maçarico”. Há, porém, um desvio de enfoque no material produzido por ZH.

Com a cartola “Preservação”, o título se resume à identificação geográfica: “Banhado do Maçarico”. Contrariando as técnicas jornalísticas, o título é vago e não segue as recomendações do antigo manual de redação e estilo de ZH (já que o jornal não permite acesso ao atual manual): “Os títulos são o cartão de visita de uma notícia ou reportagem. Elabore-os com cuidado extremado para que sejam a expressão fiel do texto” (p. 71). Neste caso específico da reportagem, colocar apenas o nome do banhado equivale a entregar um cartão de visita apenas com o nome de seu portador, sem identificação da profissão, telefone e nem endereço.

Um título de jornal diário precisa passar uma informação. “Por ser um enunciado relâmpago e uma marca de identidade, todo título induz a compreensão do relato contido no texto – pois a síntese é sempre uma repartição seletiva de um todo”, esclarece Pereira Junior (2012, p. 148).

O Novo Manual da Redação do jornal Folha de S. Paulo, disponível no site do periódico, orienta que o título deve ser uma síntese precisa da informação mais importante do texto. E sempre deve procurar o aspecto mais específico do assunto, não o mais geral. A Folha oferece um exemplo: Banco Mundial propõe ensino pago em vez de Banco Mundial discute problemas educacionais.

No final da matéria, a jornalista destaca o trabalho da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura (Sema) do Governo Eduardo Leite, que pretende “criar estímulos para a produção de pecuária extensiva sustentável no local”. Ou seja, uma reportagem que aparentemente tinha como objetivo mostrar o Banhado do Maçarico como área preservada, transforma-se em instrumento para levantar a necessidade de promover a exploração através do desenvolvimento econômico do Pampa.

Frome alerta para os caminhos escolhidos pelos jornalistas. O autor cita Saul Alinsky: “Toma-se partido em tudo na vida. Não existe objetividade desapaixonada”. E prossegue afirmando que o que você decide escrever a respeito, quem você decide entrevistar, como as histórias são apresentadas e quando elas são publicadas, tudo reflete os preconceitos dos jornalistas, editores e diretores (2008, p. 65).

Como nos ensina Chaparro (2001, p. 19), quando o “jornalismo se acomoda, preguiçoso, no aconchego das fontes oficiais, e foge dos maus cheiros que atormentam os desprotegidos, ele próprio começa a cheirar mal”. E alguns odores são impossíveis de se livrar no jornalismo. Um deles é a fama de estar ao lado dos poderosos em detrimento daqueles que mais precisam de atenção.

Alsina (2009) escreve sobre essa complicada relação entre o jornalista e a fonte. Para o autor, os jornalistas de determinadas veículos de comunicação estabelecem uma série de relações com as suas fontes, que costumam ter regras no jogo. “Essas regras costumam restringir o poder da pesquisa dos jornalistas e quem não as respeitar pode perder o emprego, por exemplo” (p. 167).

Para Kovach e Rosenstiel, o jornalista deve ocupar uma função de guardião, com a missão de “afligir os confortáveis e confortar os aflitos” (2003, p. 197). Os dois autores consideram que não existe papel mais importante do que o de guardião, o que requer ao profissional de imprensa algumas habilidades especiais, um temperamento especial, uma vontade especial. Para eles, essa missão exige ainda um sério investimento de recursos, um desejo de cobrir assuntos sérios e uma imprensa independente de qualquer interesse – exceto o interesse do consumidor de notícias.

O jornalismo deve alertar o leitor sobre as questões que lhe são relevantes. Kovach e Rosenstiel lembram que a imprensa deve operar como um “guardião, para tirar as pessoas da letargia e oferecer uma voz aos esquecidos” (2003, p.31). O jornalismo precisa assumir o compromisso de ser um protetor dos bens públicos, dos interesses coletivos. O meio ambiente é o

maior dos nossos bens públicos e precisa ser defendido. O jornalismo deve ser feito também para confrontar interesses, defendendo aqueles que não tem voz. Como afirmou Erbolato em entrevista realizada em 1986, o jornalismo deve “servir ao povo, servir aos interesses do cidadão, ou os interesses daqueles que não têm quem os defenda” (BORELLI e MARCOLINO, 2001, p, 186).

6.2.2 O agronegócio

O Quadro 3, por sua vez, relaciona o item agronegócio em ZH e revela 21 registros sobre o tema naquele ano, sem incluir neste número os textos sobre soja, que serão tratados no item 6.2.3. O jornal reservou ao tema dois editoriais em 2021, ambos exaltando os benefícios do agro para a economia do país e já identificados nos títulos: “A força do campo” e “Impulso que vem do campo”.

Quadro 3 – Publicações sobre o agronegócio em ZH - janeiro a dezembro de 2021

DATA	TÍTULO	PÁG.	CENTIMETRAGEM	GÊNERO	ILUSTRAÇÃO	AUTOR(A)
31/12 e 1º/01	2021, o ano que poderá ser tri para a agropecuária	12	26,1 cm x 15 cm (Foto: 10,2 cm x 7 cm/ Texto: 16,1 cm x 8 cm)	Notícia	01 foto	Gisele Loeblein
19/01	Exportações em Rio Grande refletiram colheita no RS	15	26,1 cm x 15 cm (Gráfico: 10,2 cm x 14cm/ Texto: 15,5 cm x 15 cm)	Notícia	02 gráficos	Gisele Loeblein
02/02	Colheita de inverno no RS encolhe 12,5% em 2020	10	26,1 cm x 15 cm (Gráfico: 10,2 cm x 14cm/ Texto: 15,5 cm x 15 cm)	Notícia	02 gráficos	Fernando Soares
12/02	Exportações do agronegócio gaúcho caem 16,1% em 2020	18	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Fernando Soares
15/02	Carnes e máquinas puxam empregos no agro do RS	13	26,1 cm x 15,5 cm (Gráfico: 10,2 cm x 14,5cm/ Texto: 15,5 cm x 15,5 cm)	Notícia	02 gráficos	Fernando Soares
19/02	O mês que mudou o panorama da safra de grãos de verão no RS	12	26,1 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
04/03	Exceção à queda, agropecuária deve manter expansão neste ano	21	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
05/03	A força do campo	28	15,5 cm x 29 cm	Editorial	- x -	Opinião da RBS

08/03	Campo cresceu 10 vezes mais do que a média do país	11	26,1 cm x 15 cm (Gráfico: 10,2 cm x 14cm/ Texto: 15,5 cm x 15 cm)	Notícia	01 gráfico	Fernando Soares
16/03	A participação do RS na receita trilionária projetada para o agro	11	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
18/03	Agropecuária sai do radar de risco e é promessa positiva para o PIB	17	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
27/03	Impulso que vem do campo	26	15,5 cm x 29 cm	Editorial	- x -	Opinião da RBS
03 e 04/04	No ano, RS é o segundo Estado que mais criou vagas no agro	21	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Fernando Soares
13/04	Safra e cotações reforçam projeção de receita recorde da agropecuária	19	26,1 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
13/05	Um primeiro trimestre de efeitos positivos do agro	15	26,1 cm x 15 cm (Foto: 10,2 cm x 5 cm/ Texto: 15,5 cm x 15 cm)	Notícia	01 foto	Gisele Loeblein
18/05	Custos sobem, mas preços mantêm cenário favorável	11	26,1 cm x 16 cm (Foto: 10,2 cm x 15 cm/ Texto: 15,5 cm x 16 cm)	Notícia	02 gráficos	Gisele Loeblein
02/06	Agropecuária segue no ritmo de crescimento	13	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
08/10	Projeção reforça perspectiva de nova safra histórica no RS	15	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
11/11	A receita que fez o melhor terceiro trimestre das exportações do agro	13	26,1 cm x 15 cm (Gráfico: 10,2 cm x 7 cm/ Texto: 15,5 cm x 15 cm)	Notícia	01 gráfico	Gisele Loeblein
17/11	Números do porto de Rio Grande já superam os de 2020	13	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
10/12	Farsul vê alta de 0,58% no PIB do RS	14	26,1 cm x 15 cm (Tabela: 10,2 cm x 7 cm/ Texto: 15,5 cm x 15 cm)	Notícia	01 tabela	Bruna Oliveira

Fonte: Elaborado pelo autor

ZH, na primeira edição de 2021, já transmitia otimismo em relação ao agronegócio. A abertura da coluna Campo e Lavoura, página 12 da edição de fim de semana de 31/12/20 e 1º/01/21 (Figura 7), profetizava que 2021 poderia ser o primeiro ano da história da agropecuária brasileira com o valor bruto de produção superando casa do trilhão de reais. Apesar da previsão ter se confirmado (chegou a R\$ 1,129 trilhão), a notícia elaborada a partir de uma única fonte, novamente a Farsul, outras questões como os danos da alta cotação do dólar e o resultado da inflação no prato do brasileiro não são abordadas.

O texto usa termos como “otimismo”, “efeito multiplicador”, “espaço para expandir” e “safra recorde”, lança sobre a notícia uma aura de “pujança”, sem discutir os impactos sobre empregos e salários no setor. E sem levar em conta os interesses políticos da entidade, fonte da notícia, em ano eleitoral.

Girardi et al, em pesquisa anterior, já havia observado o enfoque prioritariamente econômico de pautas do agro em edições de ZH. Neste sentido, as autoras defendem que o jornalismo precisa buscar uma diversidade de olhares para cumprir de forma satisfatória com seu papel mediador. “Assim, o jornalismo pode ajudar a consolidar também o direito do cidadão de se informar” (2011, p. 117).

Figura 7 – Zero Hora de 31/12/20 e 1º/01/21

CAMPO E LAVOURA
GISELE LOEBLEIN
gisele.loeblein@zerohora.com.br

2021, o ano que poderá ser tri para a agropecuária

Sem parar
A agropecuária não parou durante a pandemia. A produção continuada garantiu o abastecimento do mercado interno e externo. E fez de 2020 um ano de marcas recordes. Confira abaixo alguns dos destaques do ano

Aposta na colheita ainda se mantém
A projeção de nova safra recorde no país é um fator que alimenta a perspectiva de um valor bruto da produção agropecuária histórico em 2021. No Estado, o período prolongado sem chuva já consolidou prejuízos na cultura do milho, que chegou a 92% da área total estimada, conforme levantamento semanal da Emater. Projeção da Farsul a partir de dados do IBGE aponta redução de 28,1% na produção total do grão. É o segundo ano seguido de recuo.

Expectativa por novo capítulo para a pecuária gaúcha
O passo à frente foi dado em 2020, com a decisão de não mais vacinar o rebanho bovino e bubalino do Rio Grande do Sul. Mas é a confirmação do novo status, de livre da aftosa sem vacinação, esperada para 2021, que poderá, de fato, abrir novas perspectivas para o Estado.

A PECUÁRIA BRASILEIRA TAMBÉM TEVE EM 2020 UM ANO DE DESTAQUE. O VALOR DO PRODUTO NO PAÍS FOI PULSADO PELA CARNE BOVINA (COM CRESCIMENTO DE 14,5%), SUÍNA (AVANÇO DE 23,3%) E PELOS OVINOS (AVANÇO DE 10,1%). O FATURAMENTO DO SETOR DEVERÁ SEGUIR EM ALTA, ESTIMADA EM 15,1%.

VERÃO DO CLUBE
O Clube do Assinante te acompanhará neste verão. Aproveite as ofertas e vantagens de parceiros selecionados!

Parceiros do seu verão:
PanVel, Uber, S7M, Gólio e Enata

Baixe o app e confira mais de 200 benefícios. Confira e registre-se no Clube do Assinante no site do Clube do Assinante.

Fonte: Zero Hora – p. 12

Para Kovach e Rosenstiel (2003, p. 274), os jornalistas devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade. E mais: os profissionais de imprensa, da redação à sala da diretoria,

têm uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa.

Sobre o processo de edição, Pereira Junior acredita que essa atividade revela muito do caráter de quem o assume. Não apenas do profissional, mas também da organização do trabalho e a cultura da comunidade jornalística em que o editor se movimenta. “Nas decisões editoriais, quase sempre falam mais alto os ‘parâmetros’ profissionais, os pressupostos técnicos, os limites do trabalho de edição” (2012, p. 27).

Mas a pauta ambiental, conforme Bueno,

(...)precisa, fundamentalmente, desempenhar uma função pedagógica, sistematizando conceitos, disseminando informações, conhecimentos e vivências, ou seja, dando condições para que o cidadão comum participe do debate. (...) a pauta ambiental deve esclarecer, dialogar, indicar caminhos, buscando aproximar-se daqueles que fazem as coisas acontecerem. (2007, p.42-43)

Em sua edição de 09 e 10 de novembro daquele ano, ZH abria sua página 14 com a notícia “Farsul vê alta de 0,58% no PIB do RS” (Figura 8). Apesar do texto abordar uma previsão por parte da entidade ligada ao agronegócio de elevação do PIB abaixo do esperado no Estado, a notícia, com apenas duas fontes e ambas ligadas à Farsul, enaltece a projeção de crescimento da área pelo setor agrícola e eleva a previsão de aumento da área plantada no Rio Grande do Sul.

Figura 8 – Zero Hora de 10 de dezembro de 2021

CAMPO E LAVOURA

CISELE LOEBLEIN

GZH

Safra e cotações reforçam projeção de receita recorde da agropecuária

Maio de que esta reportagem foi publicada, o faturamento da agropecuária em 2021, o valor bruto da produção agropecuária em 1289 milhões de reais, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Soja (ABRAPS), é o maior resultado em uma década (o R\$ 112,6 bilhões de 2010 não considera mais de 12,4 milhões de toneladas de soja produzidas em 2010).

De acordo com o Conselho Nacional de Produção e Comercialização de Soja (CNPES), a safra de 2021 é a maior em uma década, com 128,9 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 10% em relação a 2020. A safra de 2021 é a maior em uma década, com 128,9 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 10% em relação a 2020.

Colheita cheia

De acordo com a ABRAPEL, a safra de 2021 é a maior em uma década, com 128,9 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 10% em relação a 2020.

Farsul vê alta de 0,58% no PIB do RS

Assimilativas

Setor	Brasil	RS
Agropecuária	1,02%	0,29%
Indústria	0,92%	0,74%
Serviços	0,62%	0,67%
Outros	0,04%	0,29%

PIB 2021

Setor	Brasil	RS
Agropecuária	1,02%	0,29%
Indústria	0,92%	0,74%
Serviços	0,62%	0,67%
Outros	0,04%	0,29%

Brasil parado

O aumento do PIB nacional pelo Índice de Farsul em 2021 é de 0,58%, o mesmo índice de crescimento registrado em 2020. O PIB do RS cresceu 0,58% em 2021, o mesmo índice de crescimento registrado em 2020.

Denúncia expõe alerta de entidade

Denúncia feita pela Associação Brasileira de Transportadores Agropecuários do Rio Grande do Sul (ABRATA-RS) alerta para o risco de acidentes com caminhões que transportam produtos agrícolas.

NO RADAR

Por conta do acidente que aconteceu entre um caminhão e uma embarcação de pesca no rio São Francisco, a entidade de produtores de soja do Rio Grande do Sul alerta para o risco de acidentes com caminhões que transportam produtos agrícolas.

O GAÚCHA SPORTS BAR ESTÁ DE VOLTA E COM NOVIDADE

O lugar onde os amigos, os esportes e a Gaúcha se reencontram. GASTRONOMIA - CONTEÚDO ESPORTIVO - ENTRETENIMENTO

Nesse clima de retomada, o Gaúcha Sports Bar e o Brechó do Futebol agora jogam juntos.

Local: Vivo Open Mall, Av. Dr. Nilo Peçanha, 3228.

GAÚCHA SPORTS BAR

BRECHÓ DO Futebol

KTO Claror GAÚCHA TORNABK

6.2.3 A soja

O tema soja, como mostra o Quadro 4, apareceu em 32 citações durante 2021 em ZH, superando inclusive o número de textos sobre o tema agronegócio. O levantamento mostra que a oleaginosa resultou em uma manchete de ZH, destacando a safra recorde daquele ano (em 26 de março). O assunto também foi abordado em uma reportagem de três páginas (em 10 e 11 de abril) na edição de fim de semana do jornal.

A matéria do dia 26 de março enaltece a possibilidade de safra recorde de soja em 2021 (Figura 9). Na capa, a manchete: “Projeção indica safra recorde de soja no RS, com 20,2 milhões de toneladas”. O texto da página 20 se restringe a duas fontes: a Emater-RS e o secretário da Agricultura do Estado daquele ano. As estimativas são otimistas. O presidente da Emater-RS, Geraldo Sandri, arrisca um palpite, afirmando que a agropecuária iria puxar a economia do Estado, inclusive com o crescimento do PIB acima do índice nacional. O texto foi publicado em março, faltando ainda nove meses para o final do ano.

Fonte: Zero Hora – p. 14

Girardi et al, ao analisar a cobertura de ZH em relação ao crescimento do plantio de eucaliptos no Pampa Gaúcho, alerta que o “enfoque exclusivamente econômico acaba deixando de lado questionamentos importantes relativos às questões de sociedade e cidadania” (2011, p. 116). Doze anos depois desse estudo, o jornal segue assumindo versões e ignorando pontos importantes a serem abordados quando o tema é meio ambiente.

Figura 9 – Zero Hora de 26 de março de 2021



Fonte: Zero Hora – p. 01, 20 e 21

A soja foi tema de uma grande reportagem por ZH em 10 e 11 de abril de 2021, com foto predominante na chamada de capa e três páginas de material (Figura 10). A reportagem na edição de final de semana do jornal destaca a expansão e a safra recorde da oleaginosa. As fontes são oficiais, Mapa, Seapi RS e Emater RS.

Figura 10 – Zero Hora de 10 e 11 de abril de 2021

LEI GIZZO
Lei de Segurança Nacional e epidemia de quando corrermos?

MARCELO REICH
A polarização política prejudica a saúde pública

CRISTINA BONOMO
A aventura que era um mundo sem WhatsApp

MARTHA MEDeiros
A aventura que era um mundo sem WhatsApp

SÁBADO, 10 E 11 DE ABRIL DE 2021 | PORTAL | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24

ZERO HORA

A safra das safras

Os produtores brasileiros na competição com o Grupo 10000, porém com expectativas. Até o final de abril, a safra deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

Piratini flexibiliza restrições na economia

Novas regras anunciadas pelo governador Eduardo Leite passam a valer a partir deste sábado e beneficiam supermercados, restaurantes, bares, academias, templos, parques, comércio não essencial e sistema de transporte coletivo. Apesar das mudanças, RS segue em banda larga. | 18 a 19

AÇÕES MUNICIPAIS QUE CONSEGUIRAM AVANÇAR APESAR DA COVID-19

ORDEN DE CRIAÇÃO DE CPI PRODUÇÃO DE BIOMASSA EM BRASÍLIA

OFICINAS ABERTAS NESTE SÁBADO

GRATIS | **GRATIS**

AGROBÔNICO NO RS

Safra recorde e bem rentável

Após estagiar prejudicar lavouras em 2020, Estado deve colher mais de 20 milhões de toneladas de soja pela primeira vez

Produção em Colinas, no Rio Grande do Sul. João Cesar Dalla Corte Sobrinho (abaixo) prepara o solo para a safra de soja em suas propriedades.

PRODUÇÃO

O Brasil tem um potencial enorme para a produção de soja. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

COMEMORAÇÃO

Mais adiante, no primeiro dia de maio, a colheita começa. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

RENTABILIDADE

O valor bruto da produção de soja em 2020 foi de R\$ 10,5 bilhões, o que representa um aumento de 10% em relação a 2019. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

ZERO HORA, SÁBADO E DOMINGO, 10 E 11 DE ABRIL DE 2021

Preço firme durante colheita

Quando a oferta de uma produção no mercado aumenta, o preço tende a cair. No entanto, a safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

Produtividade acima da expectativa inicial

Mesmo em lavouras que inicialmente foram consideradas de baixa produtividade, os produtores brasileiros conseguiram obter resultados acima das expectativas. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

ZERO HORA, SÁBADO E DOMINGO, 10 E 11 DE ABRIL DE 2021

Renda extra nos municípios

O Brasil tem um potencial enorme para a produção de soja. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

PIB gaúcho deverá subir acima da média do país

A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços. A safra brasileira deve atingir 23,2 milhões de toneladas de soja, volume recorde em um momento de alta de preços.

Fonte: Zero Hora – p. 01, 22, 23 e 24

A reportagem traz as fontes que atestam a defesa do agronegócio por parte do jornal: produtores e entidades como Farsul, Aprasoja, Fecomércio e Fecoagro. O texto, assinado pelo jornalista Fernando Soares, é pontuado por termos como “intenso”, “recorde”, “avanço”, “otimismo” e “favorável”, entre outros. Não se discute questões como monocultura, uso de agrotóxicos ou crescimento das invasões de áreas protegidas do Pampa. Não traz fontes contestando os dados, tampouco. O objetivo é enaltecer a nova safra e os seus benefícios para a economia gaúcha.

Bueno (2008) adverte que o JA não pode comprometer-se com a isenção, porque participa de um jogo amplo de interesses. Ao contrário, deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só assim conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidade e instituto de pesquisas, muitos deles patrocinados ou reféns de grandes interesses.

A imprensa precisa promover um fórum para discussão dos temas fundamentais, como dizem Kovach e Rosenstiel. Os dois jornalistas lembram que milhões de dólares são gastos, todos os anos, na tentativa de atrair a opinião pública, “quase sempre empregando meias verdades e às vezes puras mentiras” (2003, p. 207), como é o caso do agronegócio.

O agro busca incutir a ideia de que é ele que alimenta o país. Não diz, porém, que o plantio da soja e milho, usadas como ração animal, predomina sobre outras culturas e que a maior parte da oleaginosa é exportada. Se fosse verdade, o Brasil não teria voltado ao Mapa da Fome em 2022 da Organização das Nações Unidas (ONU), com 33,1 milhões de pessoas sofrendo com a insegurança alimentar (AGÊNCIA SENADO, 2022).

Muitos das notícias listadas no Quadro 4 são notas, a maioria com apenas uma fonte, publicadas na coluna Campo e Lavoura, assinada pela jornalista Gisele Loeblein ou de seu interino naquele período, Fernando Soares. O título da maioria dessas notas já identifica o enfoque favorável ao tema. Alguns exemplos: “RS já vendeu 40% da safra de soja antecipadamente”; “Os fatores que aproximam a soja de nova marca no Estado”; “Recorde com resultado positivo também no Sul”; “Soja duplamente valorizada na safra”; e “Porto tem melhor mês da história antes mesmo do ‘efeito da soja’”.

Quadro 4 – Publicações sobre soja em ZH - janeiro a dezembro de 2021

DATA	TÍTULO	PÁG.	CENTIMETRAGEM	GÊNERO	ILUSTRAÇÃO	AUTOR(A)
06/01	Melhor preço da soja em dólar desde 2014	13	10,2 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
01/02	Com volta da chuva, soja se desenvolve bem no Estado	13	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Fernando Soares
06/02	RS já vendeu 40% da safra de soja antecipadamente	14	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Fernando Soares
17/02	RS pode colher 20 milhões de toneladas de soja em 2021	17	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Fernando Soares
18/02	Soja “responsável”	14	10,2 cm x 21,5 cm (Foto: 10,2 cm x 8 cm/Texto: 10,2 cm x 13,5 cm)	Notícia	01 foto	Gisele Loeblein
06/03	Soja a uma chuva de garantir a safra	20	10,2 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
12/03	No sentido da colheita	19	15,5 cm x 12 cm (Foto: 15,5 cm x 6 cm/ Texto: 15,5 cm x 6 cm)	Notícia	01 foto	Gisele Loeblein
25/03	Os fatores que aproximam a soja de nova marca no Estado	17	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
26/03	Projeção indica safra recorde de soja no RS, com 20,2 milhões de toneladas	01	26,1 cm x 5 cm	Manchete	- x -	
26/03	Produção recorde de soja à vista	20	26,1 cm x 33,5 cm (Foto: 10,2 cm x 12 cm/Gráfico: 10,2 cm x 12 cm/Texto: 21,5 cm x 14,7 cm)	Reportagem	01 foto e 02 gráficos	Fernando Soares
26/03	Peso do resultado histórico vai além do volume a ser colhido	21	15,5 cm x 21,5 cm	Reportagem	- x -	Gisele Loeblein
27/03	Recorde com resultado positivo também no Sul	24	26,1 cm x 15 cm (Foto: 10,2 cm x 14 cm/Texto: 15,5 cm x 15 cm)	Notícia	02 gráficos	Gisele Loeblein
02/04	Tempo seco deve acelerar colheita	21	10,2 cm x 12 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
10/04	A safra das safras	01	26,1 cm x 18 cm (Foto: 26,1 cm x 16 cm/Texto: 26,1 cm x 2 cm)	Chamada	01 foto	
10/04	Safra recorde e bem rentável	22	26,1 cm x 33,5 cm (Foto: 26,1 cm x 16 cm/Texto: 26,1 cm x 17,5 cm)	Reportagem	02 fotos	Fernando Soares
10/04	Preço firme durante a colheita	23	26,1 cm x 33,5 cm	Reportagem	01 foto e 04 gráficos	Fernando Soares

			(Foto: 10,2 cm x 7 cm/Gráfico: 10,2 cm x 33,5 cm/Texto: 15,5 cm x 28,8 cm)			
10/04	Renda extra nos municípios	24	26,1 cm x 33,5 cm (Foto: 15,5 cm x 13 cm/Gráfico: 10,2 cm x 16 cm/Texto: 15,5 cm x 27,3 cm)	Reportagem	01 foto e 01 gráfico	Fernando Soares
20/04	Isenção para importar soja e milho de volta	15	10,2 cm x 21,5cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
22/04	No rastro da soja	18	10,2 cm x 21,5 cm (Foto: 10,2 cm x 7 cm/ Texto: 10,2 cm x 14,5 cm)	Notícia	01 foto	Gisele Loeblein
23/04	Colheita vai confirmando recorde	12	10,2 cm x 7 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
26/04	Soja duplamente valorizada na safra	13	10,2 cm x 21,5 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
30/04	Colheita de soja avança e fica a 20% do final	12	10,2 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
12/05	Soja vai ao maior valor em dólar desde 2012	18	10,2 cm x 13 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
14/05	Na rota do armazém	12	10,2 cm x 21,5 cm (Foto: 10,2 cm x 7 cm/ Texto: 10,2 cm x 14,5 cm)	Notícia	01 foto	Gisele Loeblein
15/05	Porto tem melhor mês da história antes mesmo do “efeito da soja”	22	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
11/06	Alta do PIB na largada do ano eleva expectativa por “trimestre da soja”	13	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
16/06	Área de soja em rotação com arroz triplica no RS	15	20,8 cm x 15 cm (Gráfico: 10,2 cm x 14 cm/ Texto: 10,2 cm x 15 cm)	Notícia	01 gráfico	Gisele Loeblein
17/06	Espaço para a soja	17	10,2 cm x 21,5 cm (Foto: 10,2 cm x 6 cm/ Texto: 10,2 cm x 15,5 cm)	Notícia	01 foto	Gisele Loeblein
16/07	O que trouxe diferença de R\$ 4 mil por hectare na produção de soja	17	15,5 cm x 17 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
28/07	A combinação de culturas que ajuda a reduzir custos no arroz	15	15,5 cm x 15 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
18/08	O elemento polêmico que entra na próxima safra de soja do país	13	15,5 cm x 14 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein

22/11	Entre a soja e o trigo nas exportações do RS	11	10,2 cm x 14 cm	Notícia	- x -	Gisele Loeblein
-------	----------------------------------------------	----	-----------------	---------	-------	-----------------

Fonte: Elaborado pelo autor

6.2.4 Prioridades

ZH, em 2021, praticamente ignorou o bioma Pampa. O Quadro 2 revela que, naquele ano, o jornal publicou apenas cinco textos sobre o tema, sendo que dois deles artigos de opinião e um editorial, mais uma chamada de capa. A centimetragem totalizou 3.415,5 centímetros quadrados (cm²), com sete fotos. A título de comparação, uma página inteira do jornal tem 874,35 cm² (26,1 cm de largura x 33,5 cm de altura). O tema Pampa, em 2021, ganhou do jornal o equivalente a 3,9 páginas inteiras.

Além da notícia sobre o estudo do Mapbiomas, publicado em 23 de setembro de 2021, o jornal produziu apenas uma pauta sobre o Pampa, uma reportagem especial sobre o Banhado do Maçarico, em 9 e 10 de novembro. Nenhuma outra notícia ou reportagem sobre o bioma gaúcho ganhou as páginas do impresso naquele ano.

Essa pequena amostra comprova que o tema BP foi quase ignorado por Zero Hora. E isso se deu apesar do estudo divulgado pelo Mapbiomas relevando que o Pampa era, entre os seis biomas brasileiros, o mais devastado nos últimos 36 anos.

Em contraposição, o Quadro 3 mostra que, neste mesmo período analisado, o impresso reservou espaço para 21 textos com o assunto agronegócio, com duas fotos, 10 gráficos e uma tabela. O tema agronegócio representou 7.104.65 cm² na centimetragem do periódico naquele ano. ZH reservou ao tema o equivalente a 8,12 páginas inteiras.

O tema agronegócio rendeu dois editoriais entre os 21 textos dedicados ao tema. O primeiro foi publicado em 05 de março, com o título “A força do campo”, e o segundo poucos dias depois, em 27 do mesmo mês, intitulado “Impulso que vem do campo”. Em ambos, elogiando o desempenho econômico da agricultura gaúcha.

Dos três temas analisados, a soja obteve o maior espaço do jornal, conforme o Quadro 3. Foram 30 notícias/reportagens, além de uma manchete e uma chamada de capa. A

centimetragem sobre esse assunto em ZH foi de 9.672,45 cm² em 2021. 12 fotos e 12 gráficos. Isso representa espaço equivalente a onze páginas inteiras do jornal.

Naquele ano, o impresso dedicou duas reportagens ao tema soja. A primeira em 26 de março, com direito à manchete e duas páginas inteiras de conteúdo, exaltando uma previsão de a produção recorde naquela safra. A segunda reportagem foi publicada poucos dias depois, em 10 de abril, com uma chamada de capa com foto predominante e três páginas. Com o título da chamada de “Safras das safras”, novamente destacando a produção inédita da soja.

No Quadro 5, um resumo dos dados apurados na pesquisa. Se forem somados os espaços concedidos ao Agronegócio e à Soja, totalizam 51 textos em 2021 no jornal analisados. ZH, importante considerar, mantém uma editoria especial para os temas rurais: Campo e Lavoura, o que justifica a quantidade de textos. Ao contrário, o impresso não possui editoria de Meio Ambiente, o que faz com que os assuntos relacionados disputem espaço com Educação, Saúde, Cidades, Habitação, entre outros.

Com a soma da centimetragem dos três temas chegamos a um total de 20.192,6 cm². Importante destacar que o Pampa, deste total, representa pouco mais de 16%. O dado pode parecer significativo, principalmente na comparação com o número de matérias relacionadas, mas temos que destacar que uma única matéria sobre o Pampa, a do banhado do Maçarico (Figura 6), que totaliza 1.748,7 cm², como colocamos nas páginas 66 e 67, mais defende a exploração econômica do local do que a sua preservação.

Quadro 5 – Tabulação de espaços em ZH por tema – janeiro a dezembro de 2021

TEMA	TEXTOS	CENTIME- TRAGEM	FOTOS	GRÁFICOS	TABELAS
Pampa	05	3.415,5 cm ²	07	-x-	-x-
Agronegócio	21	7.104,65 cm ²	02	10	01
Soja	30	9.672,45 cm ²	12	12	-x-

Fonte: Elaborado pelo autor

Se entre o papel do jornalismo está o de dar voz para os sem voz, como destacam Kovach e Rosenstiel (2003), ZH parece confortável no papel de ampliar a voz a quem já tem um grande destaque na sociedade, como as entidades ligadas ao agronegócio.

Quando o assunto é mídia, essa passa a ser a grande dificuldade de quem se dispõe a lutar em defesa da vida: conquistar um lugar de fala nos veículos de comunicação. Uma luta

árdua levando-se em conta que a imprensa hegemônica privilegia a abordagem econômica e política.

Sobre o objetivo primeiro dessa dissertação, que é analisar se Zero Hora em sua cobertura disponibiliza aos leitores elementos que levem à percepção dos danos causados pelo avanço da soja sobre o bioma, a constatação é que o jornal não conseguiu cumprir sua função de dar informações suficientes para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que serve o jornalismo? Há muitas respostas possíveis para essa pergunta, mas podemos nos arriscar na mais elementar das opções: informar. É a partir da informação que o leitor/ouvinte/usuário/telespectador toma decisões, mesmo que seja em um caso trivial, como evitar uma rua bloqueada pela queda de um poste, ou mais relevante, como definir seu voto no segundo turno de uma eleição presidencial. Ou ainda levar o leitor a apoiar a expansão da fronteira agrícola sobre um bioma que resiste com os mínimos percentuais de áreas conservadas. Assim, firma seus conceitos sobre os mais variados temas, o que, de uma forma ou de outra, interfere em sua vida.

Em uma sociedade com superoferta de informação, o jornalismo da grande imprensa ganhou ainda mais relevância, seja na tarefa de dirimir dúvidas até a definitiva consagração como única fonte confiável. Ou seja: se não saiu neste ou naquele veículo então a notícia não procede. Em tempos de ceticismo, credibilidade passa a ser importante moeda, valorizada cada vez mais, neste múltiplo mercado da informação.

O que ocorre, no entanto, é que dar apenas a notícia, sem contextualização, sem abordar o fato em seus vários ângulos e em edições seguintes (continuidade), torna o papel do jornalista um mero divulgador de fatos. As funções deste profissional vão além: é levantar questões, buscar fontes que representem as várias dimensões constituintes dos acontecimentos, trazer estudos complexificados, mostrar ao consumidor de notícias a relevância desse ou daquele assunto para as suas vidas e das suas comunidades.

Zero Hora perdeu uma grande oportunidade de jogar luz sobre a devastação do Pampa Gaúcho em 2021, quando o Mapbiomas tornou público o seu levantamento. Por que o jornal, após a divulgação do mapeamento, não investiu mais no assunto? Por que não destacou uma equipe para investigar os dados do estudo? Por que não buscou histórias que comprovassem os danos alertados pelo estudo? Por que não tentou levar ao seu leitor informações detalhadas e inéditas sobre o maior bioma gaúcho? São perguntas que apenas a cúpula editorial do jornal poderia responder.

Alguns veículos, e esse é o caso de ZH, costumam reservar um espaço para falar com seus leitores, normalmente destacando determinada reportagem produzida pelo jornal naquela semana. O impresso gaúcho, em suas edições de final de semana, mantém a coluna “Carta da Editora”, assinada pela editora-chefe da publicação. Neste espaço, a jornalista compartilha

bastidores do trabalho elaborado pelos jornalistas, quase sempre relacionado à reportagem de maior repercussão publicada naquele período de sete dias.

O que os jornais não fazem, infelizmente, é justamente o que poderia nos ajudar a elucidar algumas das perguntas formuladas e os motivos que levam um diário a ignorar certos assuntos ou minimizar temas que são relevantes em detrimento de outros não tão significativos de forma transparente. Com exceção de alguns poucos jornais brasileiros que possuem *ombudsman*, que não é o caso de ZH, nossos veículos não costumam se autocriticar, pois entendem que assim depreciam o próprio produto e acabam rendendo munição para os seus críticos. E assim ficamos sem respostas para muitas indagações relacionadas à produção de notícias na imprensa hegemônica.

O objetivo geral dessa dissertação é analisar como o ZH tratou a destruição do Pampa nas matérias sobre o avanço do agronegócio e, em especial, a cultura da soja sobre o bioma. A primeira constatação é que o jornal não abordou de forma aprofundada, em 2021, a questão do Pampa em seus textos sobre a ampliação geográfica da soja.

O crescimento das áreas cultivadas com a oleaginosa foi tratado como um elemento positivo para o desenvolvimento da economia gaúcha. Os textos destacaram a produção ou produtividade recorde, safra cheia ou avanço em relação aos números da cultura em outros anos. ZH ofereceu ao leitor a ideia de que a soja é um fenômeno de sucesso para a agricultura gaúcha omitindo (portanto incompleto no mínimo/jornalismo precário se for jornalismo) o uso de agrotóxicos e outros contaminantes, número de empregos gerados em relação a outras culturas, áreas preservadas do bioma invadidas para o plantio da soja não foram consideradas pelo jornal.

ZH, em 2021, não publicou nenhuma matéria sobre o BP até a divulgação do Mapbio-mas, em novembro daquele ano. O maior bioma gaúcho, que ocupa 68,8% da área total do Estado, não suscita o interesse do impresso, a não ser que surja uma denúncia ou um fato alarmante e sem relacionar a responsabilidade da sojicultura e do agronegócio. Ter em seus quadros pelo menos um jornalista ambiental pode contribuir para que o jornal tenha uma cobertura mais crítica em relação ao tema ambiental. Como também fazer com que os jornalistas incorporem o olhar ambiental em todas as suas editorias.

As novas tecnologias levaram os veículos a mudar as suas estruturas. A RBS, por exemplo, lançou um novo produto chamado GZH, que reúne jornalistas produzindo conteúdo não mais para um veículo específico, mas sim para diversas plataformas. Com isso, muitas editorias

do impresso foram suprimidas. O diário, praticamente, relegou a um segundo plano a ideia de tornar seus profissionais especialistas em determinados assuntos, com poucas exceções, como as editorias de Esporte, Economia, Política e Campo e Lavoura, que sobreviveram ao novo organograma da redação.

Há, porém, alguns profissionais de ZH conhecidos pela especialização em determinado tema. Jornalistas que cobrem segurança pública, ou contas públicas, ou assuntos internacionais. Não há em ZH em 2023, porém, um jornalista identificado e conhecido pela cobertura das temáticas ambientais, o que comprova que não se trata de uma das prioridades da RBS.

Monitorar o BP, portanto, deveria ser agenda preponderante dos jornais gaúchos, inclusive emitindo alertas sobre escassez dos recursos naturais como a água, da qual a sojicultura depende através da irrigação. E, ao constatar o mínimo prejuízo antrópico ao ambiente natural, que inviabiliza a própria sobrevivência de comunidades como em razão do abastecimento urbano, devem advertir a sociedade sobre esses danos e esclarecer sobre a importância da sua preservação.

Para isso, os jornalistas deveriam ser mais engajados em defesa da vida. Um jornalismo engajado na preservação ambiental seria fator fundamental para a proteção do bioma. Esse princípio é um dos elementos do Jornalismo Ambiental (Girardi e Loose, 2020, p. 284-285), que defende a pluralidade das fontes e o compromisso com a preservação da vida em todas as suas formas.

Sobre o objetivo específico (1) de identificar as fontes utilizadas nas notícias sobre o bioma Pampa e o avanço do agronegócio da soja, verifica-se que na lista de matérias divulgadas por ZH em 2021 sobre o Pampa, conforme o Quadro 1, foram identificadas fontes como um representante do Mapbiomas, um biólogo e consultor ambiental, dois produtores rurais e o secretário municipal de Meio Ambiental da cidade de Rio Grande. Não há dados sobre a fiscalização de órgãos públicos como Fepam ou Ibama, nem argumentos mais detalhados sobre os danos à fauna e à flora do bioma, muito menos qualquer relação dessa destruição com as mudanças climáticas.

No caso dessa pesquisa, observou-se que ZH, quando o assunto é soja, utiliza como fontes entidades ligadas ao agronegócio, como Farsul, Aprosoja e Fecoagro, ou ainda empresas públicas, como Emater-RS ou Embrapa, entidades com conhecimento em extensão rural ou pesquisa. Quando o tema é soja, o jornal gaúcho privilegia o enfoque econômico, sem discutir

questões ambientais ou sociais. A soja, nas páginas do diário, é apenas uma mercadoria (commodity), uma fonte de riqueza, um produto.

ZH precisa ampliar o leque de suas fontes para tratar temas como a devastação do BP, a Mata Atlântica ou qualquer tema ligado à ecologia. A diversidade de fontes representa, antes de tudo, levar ao leitor a ampliação de argumentos e posicionamentos, indispensável no processo da formação de opinião.

A tendência do jornalismo brasileiro é pelo oficialismo, muitas vezes resultado dos prazos apertados do processo industrial e da facilidade em encontrar entrevistados ligados aos órgãos públicos, dispostos a garimpar espaços midiáticos. Autoridades, governos, representantes do poder público aparecem como fontes prioritárias nos jornais diários hegemônicos. Por isso, outras fontes não oficiais são relegadas a espaços menores e quase sempre em função complementar. Tornam-se meros exemplos para dar um sentido humano ao texto. A declaração oficial é privilegiada em relação ao depoimento de quem sofre diretamente as consequências.

O jornal não discute o problema da monocultura, tampouco os problemas advindos do crescimento da área da oleaginosa em relação à diminuição de outras culturas. O periódico, tampouco, analisa a proporção de empregos gerados pela soja em relação com outras espécies agrícolas e o quanto representa em arrecadação de impostos para o Estado.

Se quando no tema soja a questão ambiental não aparece, quando o enfoque é o Pampa, a visão econômica ganha destaque, como no caso da reportagem sobre o Maçarico. Os argumentos em defesa do agronegócio estão sempre ligados ao sucesso da safra, ao crescimento econômico, e especificidades como aumento do PIB e dos indexadores que podem não fazer sentido ao grande público. Para a imprensa hegemônica, nada pode frear o desenvolvimento econômico, mesmo que isso represente menos qualidade de vida para a comunidade em que está geograficamente vinculada.

O equilíbrio entre as partes envolvidas, que ZH tanto apregoa, nem sempre representa imparcialidade. O que se constata, muitas vezes, é que as versões de quem negligenciou na fiscalização ou de quem é acusado de ser o culpado pela destruição ambiental acabam ocupando até mais espaço que os maiores prejudicados com a ação danosa.

Em relação ao segundo objetivo específico, que é observar qual o conteúdo com maior predominância, o da preservação ambiental ou o do agronegócio, comprovamos através do Quadro 4, que os temas soja e agronegócio foram predominantes na comparação com o bioma

Pampa. Por manter uma editoria específica para o agronegócio (Campo e Lavoura) e não ter uma para Meio Ambiente já se identifica quais são as prioridades deste diário do RS.

Considerando-se a maior predominância nas páginas do jornal, há um evidente conflito entre a redução de área do BP e o crescimento do cultivo da soja nas áreas preservadas. ZH, nesta disputa, esqueceu-se do equilíbrio e da imparcialidade ao tomar o partido do agro, do lado lucrativo e influente politicamente.

Verificar os argumentos empregados em defesa da preservação ambiental e do agronegócio (3) é outro objetivo específico. No caso de ZH, os elementos em favor do agronegócio foram expostos como indicadores econômicos, preço da commodity, novos mercados exportadores e as consequências para a elevação do PIB. O agronegócio foi apresentado como “porto seguro da economia do Estado” (ZH, 23/04/21, p. 12), para utilizar expressão usada pelo próprio diário.

Não há como a imprensa tratar a questão ambiental nem a econômica sem contextualizar ou não é jornalismo. Nenhum tema é um fato isolado e sem consequências. Essa talvez seja a maior crítica que se possa fazer à imprensa brasileira quando aborda o meio ambiente: coberturas parciais nas informações, nos argumentos, nas fontes e, conseqüentemente, no viés ideológico.

Os jornais deveriam, sempre, contextualizar, apresentando aos leitores uma análise crítica dos fatos. O histórico, o momento, os interesses em jogo, as múltiplas facetas devem ser reveladas. No caso da devastação do Pampa, ZH nunca reproduziu a fala de órgãos fiscalizadores para cobrar uma explicação. Assim, confirma a ideia de que as questões ambientais são tratadas de forma fragmentada e ocasional em vez de complementares com as informações das demais editorias.

A nossa resposta é negativa para o objetivo quatro, sobre se as matérias publicadas por ZH contribuem para ampliar a consciência ambiental do leitor em relação aos problemas enfrentados pelo bioma do RS, considerando o pouco interesse do jornal pelo tema. Como mostra o Quadro 1, a publicação praticamente ignorou a devastação do Pampa. A única matéria posterior à denúncia do Mapbiomas sobre o BP foi uma reportagem sobre uma pequena área do bioma, o banhado do Maçarico. Mesmo assim, o enfoque foi sobre como meio ambiente e o agro podem conviver de maneira harmônica, o que é uma falácia segundo o próprio estudo reportado do Mapbiomas (2021).

A prática jornalística baseia-se numa visão sistêmica para reportar como forma de ampliar os enfoques de interesse dos públicos leitores. Ser sistêmico é abordar uma pauta com todas as suas causas, consequências e soluções. É aprofundar um tema expondo-o com suas várias facetas e versões.

Jornais não podem perder o foco no cidadão e na sociedade. Outros interesses, como políticos, econômicos ou pessoais, não podem interferir na missão de informar. No caso do meio ambiente, sempre há várias questões paralelas relacionadas. Esses interesses não podem interferir no jornalismo.

Desta forma, podemos resumir que o jornalismo contribui com a preservação do bioma Pampa, primeiramente, engajando-se na defesa da vida, ampliando e diversificando as fontes, incorporando em seus discursos uma visão sistêmica, levantando questões em prol dos interesses coletivos considerando as populações que têm a vida precarizada e constituem a maioria no nosso país. Trata-se de fazer assim um jornalismo voltado ao cidadão, focado na função social a ele atribuída pela sociedade, que a presente pesquisa mostra não ser o caso de ZH.

É o que se almeja: um jornalismo sem amarras, sem vínculos, sem interesses, em que o único objetivo seja cumprir sua missão de informar com qualidade, com independência, transparência e honestidade. Todas essas qualidades que nos fizeram ingressar na profissão e que, por culpa do processo industrial, do medo ou da comodidade, acabamos relegando a um plano secundário. Ou até terciário.

Zero Hora, que se propõe a ser um jornal que “respeita a legislação ambiental em todas as áreas, considerando a minimização de riscos e impactos ambientais” (CÓDIGO DE ETICA RBS, 2015, p. 30), deveria se interessar mais por essa temática em suas páginas. A reduzida quantidade de notícias relacionadas à questão ambiental comprova que o veículo de comunicação não coloca esse assunto como uma de suas prioridades.

O desinteresse pelo tema evidencia que ZH busca evitar o confronto com o poder econômico e político. A predominância do agronegócio e suas fontes nos espaços editoriais é comprovada nesta dissertação, atestando que o jornal busca repassar a ideia para o seu leitor da importância do setor para a economia gaúcha e brasileira, numa lógica ultrapassada de que há um preço a ser pago pelo progresso e o desenvolvimento, seja poluição ou a destruição ambiental.

O impresso praticamente ignorou a devastação do bioma Pampa em 2021. Não aprofundou o levantamento do Mapbiomas, o que daria ao leitor de ZH uma visão mais contextualizada da questão. Principalmente seus efeitos sobre o clima no Estado, o que atinge a todos os rio-grandenses. Ou ainda sobre a questão da monocultura da soja e suas consequências na economia. Ou mais: a ilegalidade dessas tomadas de espaços no bioma e a omissão dos governos para impedir que o problema se aprofundasse e ficasse cada vez mais crítico nesses 36 anos de devastação.

O jornalismo tem a função social de informar, alertar, contextualizar, defender o cidadão e a cidadania e, principalmente, buscar a verdade. Por meio desse processo em busca da verdade nos acontecimentos é que o jornalismo comprova sua independência e autonomia em relação a interesses particulares e que sabe contemplar os interesses coletivos/que correspondem/atendem a maior parcela da população/etc. E é assim que fortalece o seu bem maior, a credibilidade.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

ÁREA cultivada com transgênicos no Brasil cresce 2% em 2018. Portal Udop, 2019. Disponível em: [https://www.udop.com.br/noticia/2019/08/28/area-cultivada-com-transgenicos-no-brasil-cresce-2-em-2018.html#:~:text=Diversas&text=O%20Brasil%20cultivou%2051%2C3,segunda%2Dfeira%20\(26\)](https://www.udop.com.br/noticia/2019/08/28/area-cultivada-com-transgenicos-no-brasil-cresce-2-em-2018.html#:~:text=Diversas&text=O%20Brasil%20cultivou%2051%2C3,segunda%2Dfeira%20(26).). Acesso em: 17 nov. 2022.

BACCHETTA, Victor L. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Victor L. (coordenador). **Ciudadanía planetária: temas y desafíos del periodismo ambiental**. Paris, IFEJ-FES, 2000.

BARCELOS, Gabriel Pagnussatt, e BONETTI, Luiz Pedro. **Os pioneiros no cultivo da soja no Rio Grande do Sul**. XXIV Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2019. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2019/XXIV%20SEMINARIO%20INTERINSTITUCIONAL/Mostra%20de%20Iniciacao%20Cientifica/Ciencias%20Exatas,%20agrarias%20e%20engenharias/TRABALHO%20COMPLETO/OS%20PIONEIROS%20NO%20CULTIVO%20DA%20SOJA%20NO%20RIO%20GRANDE%20DO%20SUL%20-%209205.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BARROS, Antônio Teixeira de. **O interlocutor jornalístico: representações imaginárias do leitor do Estadão**. Revista Contracampo, v. 24, n. 1, p.140-158, jul.2012. Disponível em: <<https://goo.gl/US3gfT>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BELMONTE, Roberto Villar. **A história do jornalismo ambiental brasileiro**. In: 10º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10, Porto Alegre. Porto Alegre: ALCAR, 2015.

BENCKE, Glayson Ariel; CHOMENKO, Luiza; SANT'ANNA, Danilo Menezes. O que é o Pampa. In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. (Org.). **Nosso Pampa desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, p. 61-75, 2016.

BONZI, Ramón Stock. **Meio século de Primavera Silenciosa: um livro que mudou o mundo**. Desenvolvimento e meio ambiente, n° 28, p. 207-215, jul.-dez. 2013. Editora UFPR.

BORELLI, Dario Luís, e MARCOLINO, Eliana Martins. Mario Erbolato: uma vida dedicada ao jornalismo. In: **Comunicação e Sociedade**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. v. 23, n. 36, p.183- 202, 2001. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CSO/article/download/4260/3962>. Acesso em: 25 dez. 2022.

BRAGA, Geraldo Magela e KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação Rural Discurso e Prática**. Imprensa Universitária, Viçosa: 1993.

BRASIL exporta US\$ 14,8 bilhões em produtos do agronegócio em agosto. Portal Gov.br, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2022/09/brasil-exporta-us-14-8-bilhoes-em-produtos-do-agronegocio-em-agosto#:~:text=A%20China%20%C3%A9%20a%20principal,%2C%20Jap%C3%A3o%2C%20Tail%C3%A2ndia%20e%20Turquia>. Acesso em: 22 dez. 2022.

BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1988.

BRUM, Argemiro Luís. **Mercado e cadeias produtivas no desenvolvimento brasileiro: estudos de caso**. Verlan: Saarbücken (Alemanha), 2013.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação e jornalismo ambiental**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

BUENO, Wilson da Costa. As síndromes do Jornalismo Ambiental brasileiro. In MELO, José Marques de. **Mídia, Ecologia e Sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21**. In: Meio ambiente no século 21. Rio: Sextante, 2003.

CARTA aberta à sociedade gaúcha pela proteção do Pampa: diretrizes e ações para uso sustentável e conservação do Bioma. Coalização pelo Pampa, 2022. Disponível em: <https://oeco.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Carta-Aberta-Coalizao-Pampa.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Orgs.). **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Editora Minerva: Coimbra, 2001.

DOMINGUES, Karol. **Pampa é o bioma brasileiro que mais perde vegetação natural**.

Portal EcoDebate. 22 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/09/22/pampa-e-o-bioma-brasileiro-que-mais-perde-vegetacao-natural/>.

Acesso em: 06 jan. 2022.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão (SE): editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FROME, Michael. **Green Ink**: Uma introdução ao jornalismo ambiental. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GARCIA, Ricardo. **Sobre a Terra**: Um guia para quem lê e escreve sobre o ambiente. Lisboa: Público, 2004.

GENRO, Adelmo Filho. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Editora Ortiz, 1989.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**.

Portal metodista de periódicos científicos e acadêmicos. São Bernardo do Campo, SP, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/2972/3136>. Acesso em: 19 dez. 2021.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Jornalismo ambiental**: teoria e prática (livro eletrônico) – Dados eletrônicos. Porto Alegre: Metamorfose. 2018.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas; BELMONTE, Roberto Villar; MASSIERER, Carine. **A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.279–291, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.2053>.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB Reges; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa Beling. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. *Comun Soc.* 2012;34(1):131-52.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; SIRENA, Mariana Silva; PEDROSO, Rosa Nívea. **Jornalismo Ambiental na Construção da Cidadania**. In **Comunicação, informação e cidadania**: refletindo práticas e contextos. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

PRÁTICAS editoriais em GZH. Portal GZH, 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/praticas-editoriais/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GUEDES, Aline. **Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos**. Fonte: Agência Senado Agência Senado.gov, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso em: 22 dez. 2022.

HANNIGAN, John A. **Sociologia ambiental**: a formação de uma perspectiva social. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

IBGE. **Biomass e sistema costeiro-marinho do Brasil**: compatível com a escala 1:250 000. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE. **Os indígenas no censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.

IMPrensa conhece em primeira mão novo produto do Grupo RBS. Coletiva.net, Porto Alegre, 18 set. 2017. Disponível em: <https://www.coletiva.net/noticias/imprensa-conhece-em-primeira-mao-novo-produto-do-grupo-rbs,229057.jhtml>. Acesso em: 23 mar. 2021.

IRETON, Cheryl e POSETTI, Julie. **Jornalismo, fake News & desinformação**: manual para educação e treinamento em jornalismo. Paris (França); Unesco, 2019.

IRGA. **Boletim de resultados da safra 2020/2021 em terras baixas: arroz irrigado e soja**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://irga.rs.gov.br/upload/arquivos/202109/27151231-boletim-de-resultados-da-safra-2020-2021-compressed.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. Tradução de São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LEMOS, Gabriel da Silva; RIZZI, Rodrigo. **A expansão da soja no bioma Pampa e sua interação espaço-temporal com arroz e campo.** Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 35, p. 9-26, 2020.

LOCKWOOD, Alex. **The Affective Legacy of Silent Spring.** Environmental Humanities, v. 1, n. 1, p. 123-140, 2012. Disponível em: https://sure.sunderland.ac.uk/id/eprint/3026/3/Lockwood_A%2C_The_Affective_Legacy_of_Silent_Spring.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.

MANDARINO, Diego. **Laudo aponta deriva de herbicida utilizado na soja em três municípios da Serra.** GZH, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/economia/noticia/2019/11/laudo-aponta-deriva-de-herbicida-utilizado-na-soja-em-tres-municipios-da-serra-11889808.html#:~:text=Foram%20atingidos%20cultivos%20de%20ma%C3%A7%C3%A3%2C%20uva%20e%20pastagem&text=Os%20primeiros%20resultados%20deste%20ano,Serra%20foram%20atingidas%20pelo%20produto>. Acesso em: 17 nov, 2022.

MAPBIOMAS. **Área plantada com soja no Brasil é maior que a Itália.** Mapbiomas: 20 out. 2021. Disponível em: <https://mapbiomas.org/area-plantada-com-soja-no-brasil-e-maior-que-a-italia>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MAPBIOMAS. **Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra no Pampa – Coleção 6,** Mapbiomas, 2022. Disponível em: https://mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com/Fact_Sheet_3.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

MAPBIOMAS. **Vegetação nativa perde espaço para a agropecuária nas últimas três décadas.** Mapbiomas: 27 ago. 2021. Disponível em: <https://mapbiomas.org/vegetacao-nativa-perde-espaco-para-a-agropecuaria-nas-ultimas-tres-decadas>. Acesso em: 04 jan. 2022.

MARS, Amanda. **Casa Branca defende que há “fatos alternativos” para falsear a realidade.** El País, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/22/internacional/1485111258_732145.html. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARTINEZ, Monica e PESSONI, Arquimedes. **O Uso da Análise de Conteúdo em Jornalismo:** pesquisas feitas com o método na Intercom de 1996 a 2012. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, 2 a 5 set. 2014.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosóficos.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

MASSIERER, Carine. As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerqueira de. **Ecos do Planeta: Estudos sobre informação e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2011.

MAZURANA, Juliana; DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016.

MORAES, Rodrigo Fracalossi de. **Agrotóxicos no Brasil: padrões de uso, política da regulação e prevenção da captura regulatória**. Brasília, Ipea: 2019.

MORIGI, Valdir Jose; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. **Comunicação, Informação e Cidadania: Refletindo práticas e contextos**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1995.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa**. Brasília: Casa das Músicas, 2005.

NOVO Manual da Redação da Folha de S.Paulo. São Paulo, 1996. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/manual_edicao_t.htm. Acesso em: 08 jan. 2023.

OLIVEIRA, Gustavo e HECHT, Susanna. **Sacred groves, sacrifice zones and soy production: globalization, intensification and neo-nature in South America**. The Journal of Peasant Studies, v. 43, p. 251-285, março, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03066150.2016.1146705>. Acesso em: 28 dez. 2022.

PECUÁRIA sustentável está em risco no Pampa, na região Sul do Brasil. Site da revista Exame, São Paulo, 17 out. 2022. Disponível em: <https://www.exame.com/negocios/pecuaria-sustentavel-esta-em-risco-no-pampa-na-regiao-sul-do-brasil/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

PEIXOTO, Ariane Luna; PUJOL, José Roberto; BRITO, Marcia Aparecida de (org.). **Conhecendo a biodiversidade**. Brasília: MCTIC, CNPq, PPBio, 2016. https://ppbio.inpa.gov.br/sites/default/files/conhecendo_a_biodiversidade_livro.pdf idem.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 4ª edição, 2012.

PEREIRA, Leonel Molero. **Modelo de formação de preços de commodities agrícolas aplicado ao mercado de açúcar e álcool**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2009.

PILLAR, Valério De Patta, e LANGE, Omara. **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos-UFRGS, 2015.

PINTO, Elaine. **Levantamento constata deriva de 2,4-D em 87,13% das amostras na safra atual**. Seap RS, 2020. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/levantamento-constata-deriva-de-2-4-d-em-87-13-das-amostras-na-safra-atual#:~:text=Levanta-mento%20constata%20de-ri-va%20de%202,Pecu%C3%A1ria%2C%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Sus-tent%C3%A1vel%20e%20Irriga%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 17 nov. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2006.

RBS. **Código de ética e conduta: integridade. Responsabilidade de todos**. Porto Alegre, RBS Publicações, 2ª edição, 2015.

RBS. **Guia de ética e autorregulamentação jornalística**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2011.

RBS. **Práticas editoriais em GZH**. Porto Alegre, RBS, s.d. Disponível em: <https://gauhazh.clicrbs.com.br/praticas-editoriais/>. Acesso em: 12 set. 2022.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do Jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SILVA, Danielle Viturino da; MACIEL, Kleciane Nunes. **A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, da Rede Globo de Televisão, como difusora da propaganda sobre o agronegócio no Brasil**. Revista Eptic, vol. 21, nº1, jan.-abr. 2019, p. 46-61.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Zaira Bomfante dos; OLIVEIRA, Ueber José de; GUALBERTO, Clarice Lage. **O discurso midiático do agronegócio no Brasil sob um olhar da Análise Discursiva Crítica e da Semiótica Social**. *Diálogo das Letras, Pau dos Ferros*, v. 8, n. 1, p. 159-178, jan.-abr. 2019.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo, Gaia: 2003.

SILVA, Marcelo Dutra da. Pampa. **O cultivo da soja é a maior ameaça**. (Entrevista concedida ao portal da revista Humanitas). Santos, João Vitor. São Leopoldo, Unisinos, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/565901-pampa-o-cultivo-de-soja-e-a-maior-ameaca-entrevista-especial-com-marcelo-dutra-da-silva>. Acesso em: 05 jan. 2023.

SOARES, Fernando. **Ranking 2022: Os +Premiados Veículos da História**. Portal dos Jornalistas, 2023. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/ranking-2022-os-premiados-veiculos-da-historia/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SOYBEANS. Union of Concerned Scientists, 2015. Disponível em: <https://www.ucsusa.org/resources/soybeans>. Acesso em: 19 fev. 2021.

TEIXEIRA, Dinair Velleda. Reflexões sobre o discurso ético no jornal Zero Hora acerca das mudanças climáticas. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de. **Ecos do Planeta**: estudos sobre informação e jornalismo ambiental. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume II**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2008.

TRIGUEIRO, André. **15 pontos para entender os rumos da desastrosa política ambiental no governo Bolsonaro**. Portal G1, 03 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/andre-trigueiro/post/2019/06/03/15-pontos-para-entender-os-rumos-da-desastrosa-politica-ambiental-no-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 03 jan. 2022.

YAHYA, Hanna. **Jornais impressos: circulação despencou 16,1% em 2022**. Poder 360, 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-impressos-circulacao-despenca-161-em-2022/>. Acesso em: 10 jan, 2023.

APÊNDICE A

ANÁLISE DE CONTEÚDO – COBERTURA DE ZH - BIOMA PAMPA X SOJA					
FORMULÁRIO DE CODIFICAÇÃO					
Data da publicação: 00/00/2021				Nº:	
Grupo:		Codificador:			
Página(s):		Título da matéria:			
Área total da página (cm/cl):		Área total da matéria (cm/cl):		%	
%		%		%	
% da matéria:		Área de texto (cm/cl):		Área de foto (cm/cl):	
%		%		%	
1. Presença de ilustrações/explicações:					
<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Fotografias	<input type="checkbox"/> Box	<input type="checkbox"/> Gráficos	<input type="checkbox"/> Ilustrações
2. Gênero:					
<input type="checkbox"/> Nota		<input type="checkbox"/> Notícia secundária		<input type="checkbox"/> Notícia principal	
3. Formato					
Editoria		<input type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Economia
<input type="checkbox"/> Ciências		<input type="checkbox"/> País	<input type="checkbox"/> Educação	<input type="checkbox"/> Política	<input type="checkbox"/> Mundo
<input type="checkbox"/> Outra:		<input type="checkbox"/> Encarte		<input type="checkbox"/> Suplemento	
<input type="checkbox"/> Outros					
ANÁLISE DE TEXTO					
4. Onde ocorre o fato abordado:					
<input type="checkbox"/> RS		<input type="checkbox"/> Outro Estado		<input type="checkbox"/> Outro país	
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Defesa do meio ambiente		<input type="checkbox"/> Defesa do agronegócio		<input type="checkbox"/> Mensagem neutra	
6. Conteúdo da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Devastação do bioma Pampa		<input type="checkbox"/> Devastação de outro bioma		<input type="checkbox"/> Produção de soja	
<input type="checkbox"/> Pecuária		<input type="checkbox"/> Produção de outras culturas		<input type="checkbox"/> Turismo	
<input type="checkbox"/> Outro:					
7. Abordagem sobre meio ambiente enfoca também o agronegócio:					
<input type="checkbox"/> Sim			<input type="checkbox"/> Não		
8. Abordagem sobre agronegócio enfoca também o meio ambiente:					
<input type="checkbox"/> Sim			<input type="checkbox"/> Não		
9. Fontes (marcar uma ou mais opções):					
<input type="checkbox"/> Ambientalistas		<input type="checkbox"/> Produtores rurais		<input type="checkbox"/> Servidores públicos	
<input type="checkbox"/> Fiscais		<input type="checkbox"/> Economistas		<input type="checkbox"/> Biólogos	
<input type="checkbox"/> Povos originários		<input type="checkbox"/> Povos tradicionais			
<input type="checkbox"/> Outras fontes:					
ANÁLISE DE FOTO					
10. Local da foto:					
<input type="checkbox"/> Rio Grande do Sul		<input type="checkbox"/> Outro Estado		<input type="checkbox"/> Outro País	
11. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Defesa do meio ambiente		<input type="checkbox"/> Defesa do agronegócio		<input type="checkbox"/> Mensagem neutra	
12. Conteúdo da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Devastação do bioma Pampa		<input type="checkbox"/> Devastação de outro bioma		<input type="checkbox"/> Produção de soja	
<input type="checkbox"/> Turismo		<input type="checkbox"/> Produção de outras culturas		<input type="checkbox"/> Pecuária	

ANEXO A



MAPEAMENTO ANUAL DA
COBERTURA E USO DA TERRA
NO BRASIL (1985 - 2020)

DESTAQUES PAMPA

Destaques do mapeamento anual de cobertura e uso da
terra no Pampa entre 1985 a 2020

MapBiomias Coleção 6

Para saber mais: mapbiomas.org





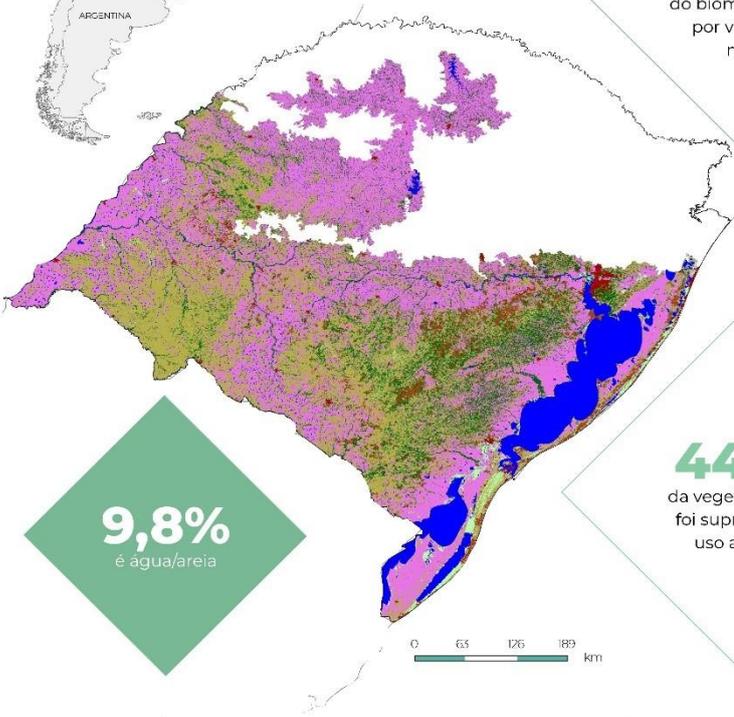
PAMPA EM 2020

2



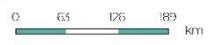
Os mapeamentos realizados de 1985 a 2020 mostram que o bioma tem sofrido **profundas transformações**

46,1%
do bioma é coberto por vegetação nativa



9,8%
é água/areia

44,1%
da vegetação nativa foi suprimida para uso antrópico



11,8%
Formação florestal

1,5%
Área Pantanosa

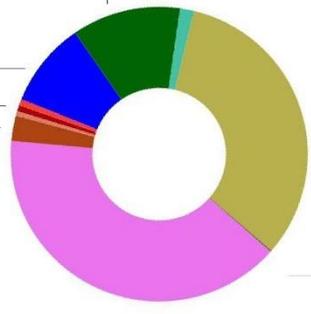
9,3%
Água

32,6%
Formação Campestre

1,9%
Outros

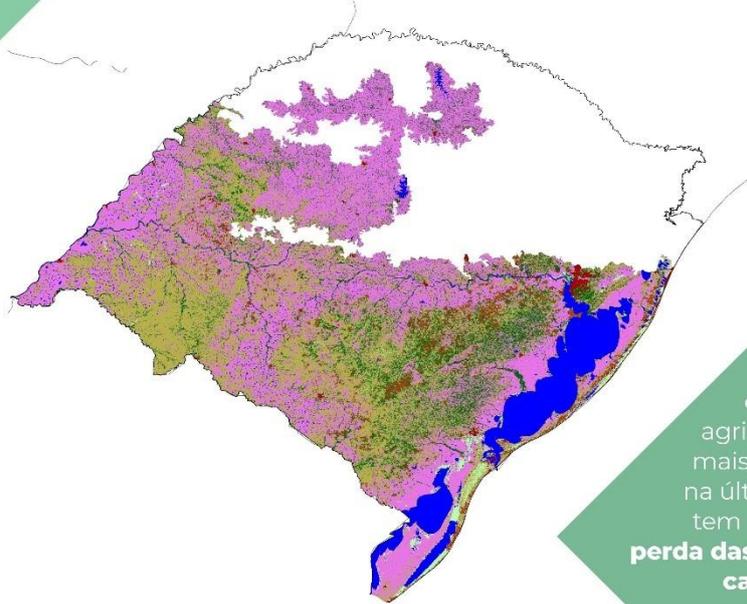
2,8%
Silvicultura

39,9%
Agricultura/
Pastagem plantada



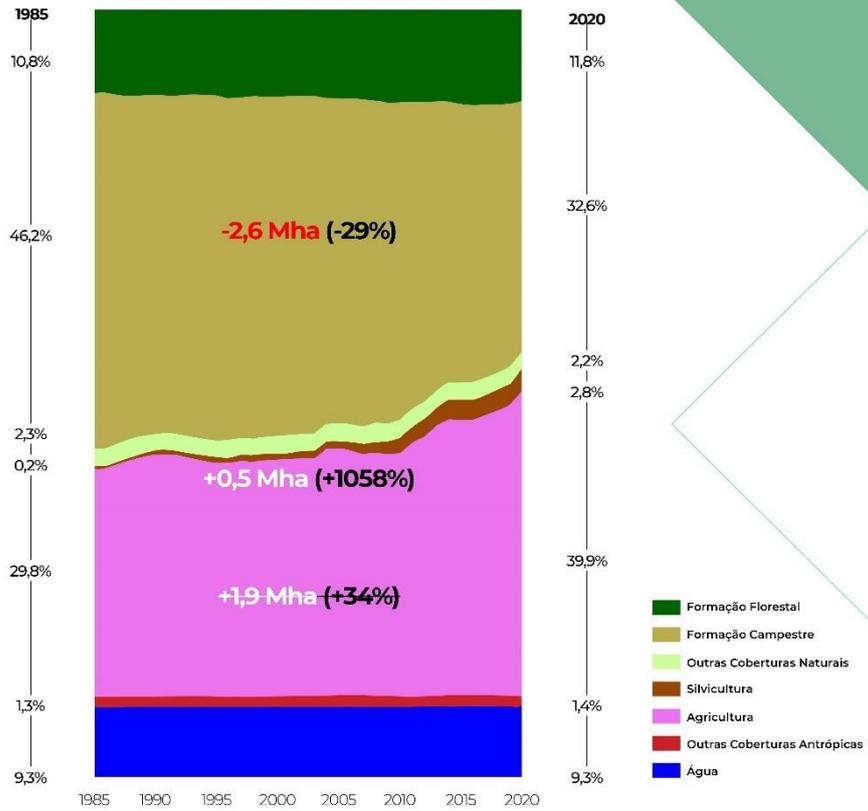
COBERTURA E USO DA TERRA - PAMPA

3



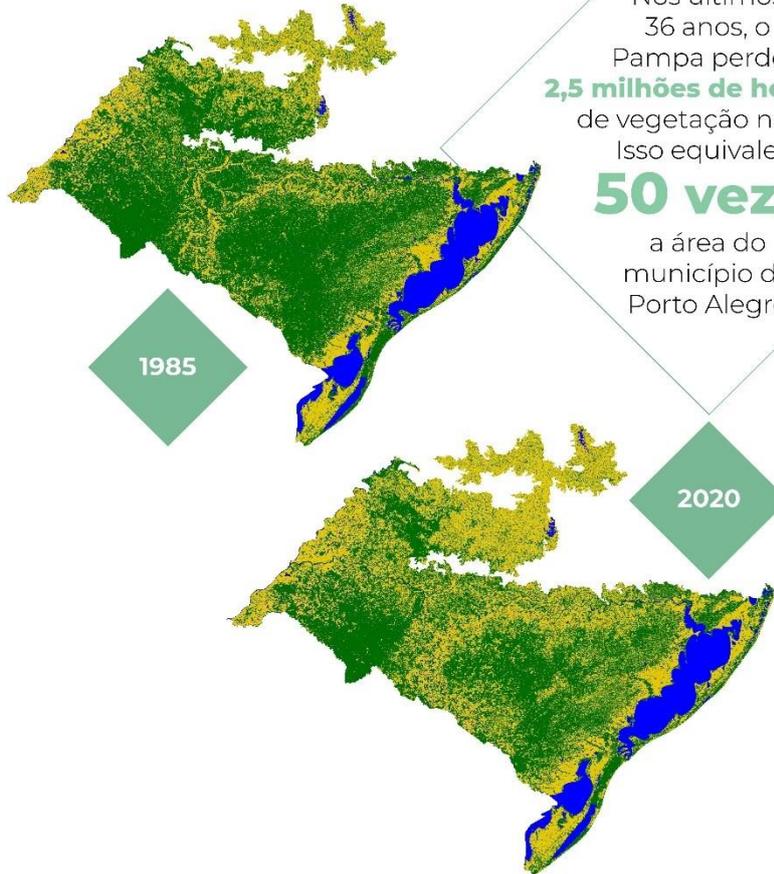
O avanço crescente da agricultura, com mais intensidade na última década, tem resultado na **perda das formações campestres**, a vegetação nativa típica do bioma

COBERTURA E USO DA TERRA

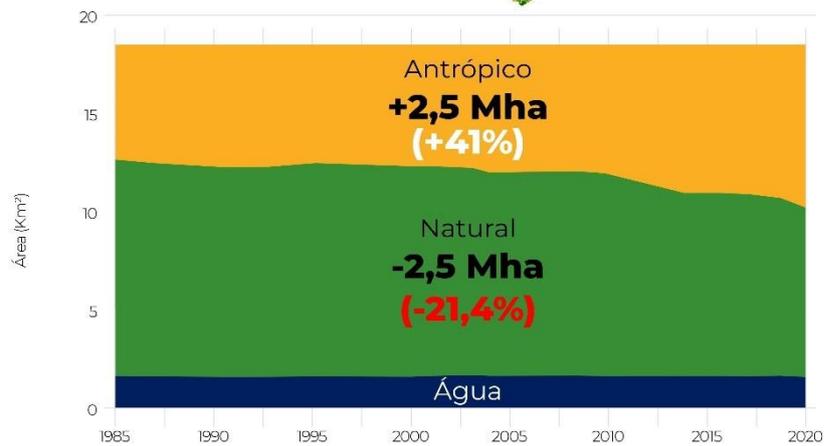


ÁREA ANTRÓPICA E NATURAL NO BIOMA PAMPA (1985-2020)

4



Nos últimos 36 anos, o Pampa perdeu **2,5 milhões de hectares** de vegetação nativa. Isso equivale a **50 vezes** a área do município de Porto Alegre

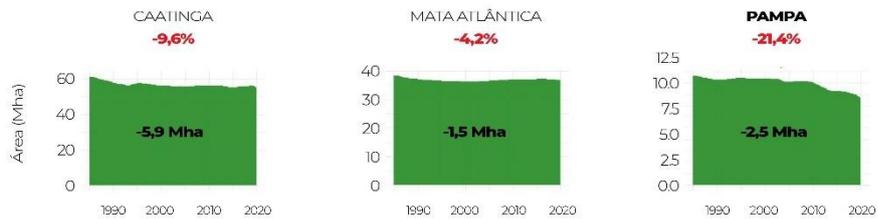
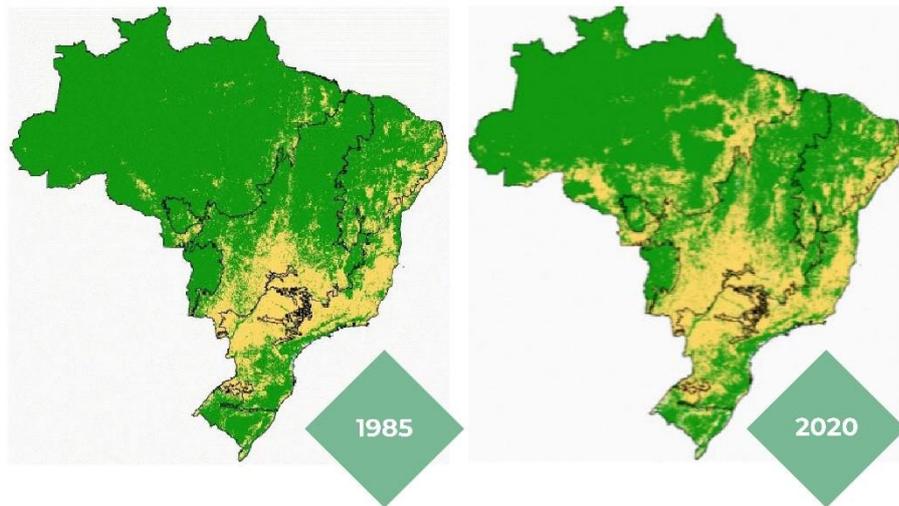


PERDA DE VEGETAÇÃO NATIVA NOS BIOMAS (1985-2020)

5

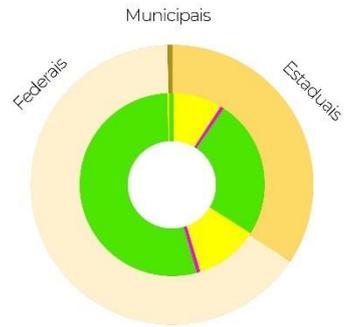
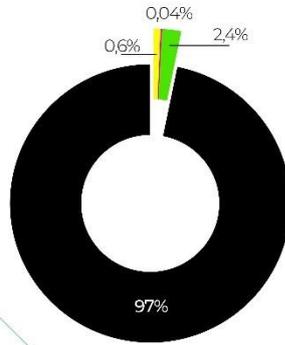
Em termos proporcionais, o Pampa foi o bioma que **mais perdeu vegetação nativa** entre 1985-2020

A redução foi de **21,4%** do que havia em 1985



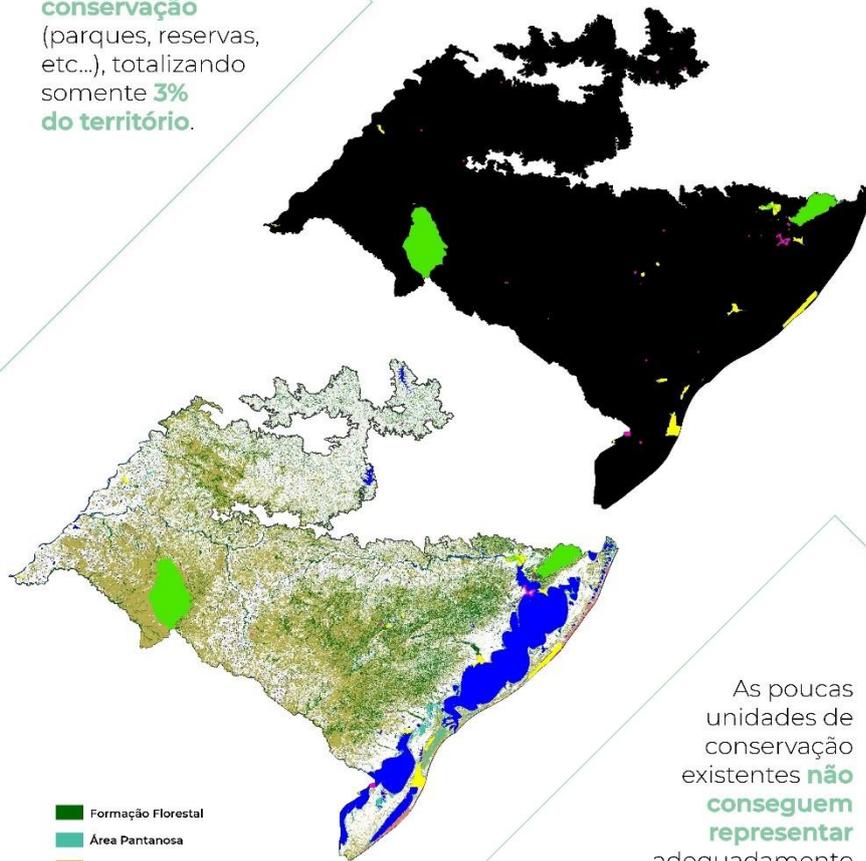
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

6



O Pampa é o bioma brasileiro com a **menor proporção de unidades de conservação** (parques, reservas, etc...), totalizando somente **3% do território**.

- Proteção Integral
- Uso Sustentável (APA)
- Uso Sustentável (exceto APA)
- Bioma sem UC



- Formação Florestal
- Área Pantanosa
- Formação Campestre
- Antrópico
- Praia, Duna e Areal
- Afloramento Rochoso
- Rio, Lago e Oceano

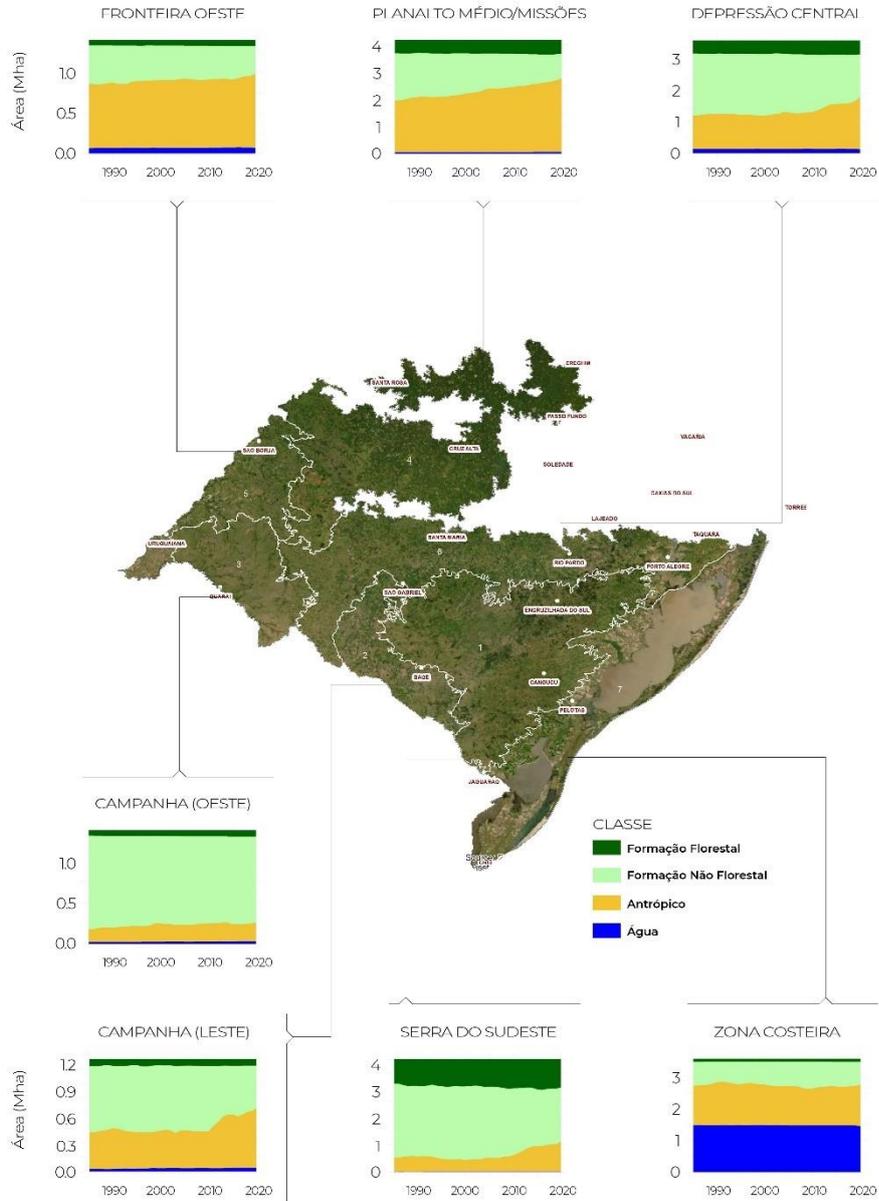
As poucas unidades de conservação existentes **não conseguem representar** adequadamente toda a biodiversidade regional do bioma



REGIÕES* DO PAMPA

*com base nos sistemas ecológicos de Hasenack et al (2010)

7



O Pampa apresenta diferenças regionais no relevo, nos solos, na hidrografia, na vegetação e nos usos antrópicos.

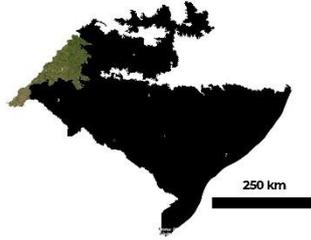
Com isso, algumas regiões já sofreram grandes transformações.

Enquanto outras ainda preservam as suas características naturais.

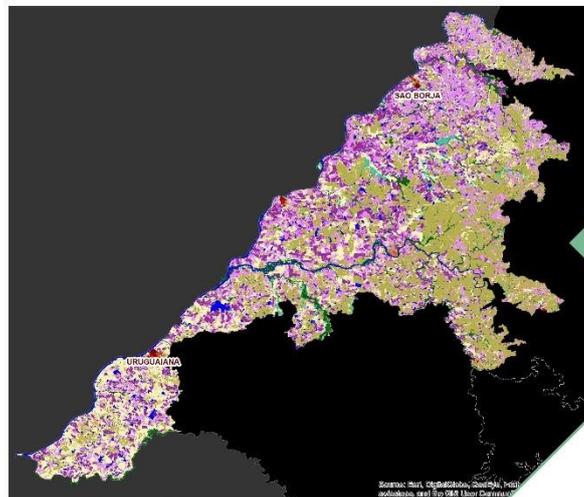
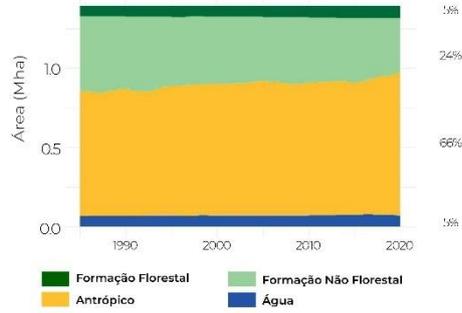


EVOLUÇÃO DA VEGETAÇÃO NATIVA NAS REGIÕES DO PAMPA 1985-2020

8

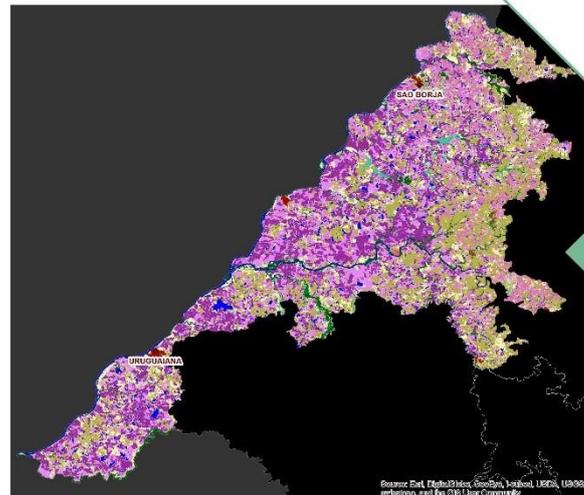


FRONTEIRA OESTE



1985

A **Fronteira Oeste** é a região com a maior perda proporcional da vegetação nativa.

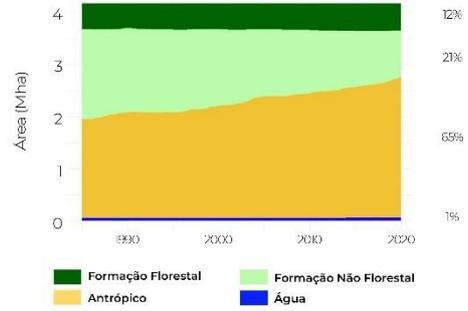
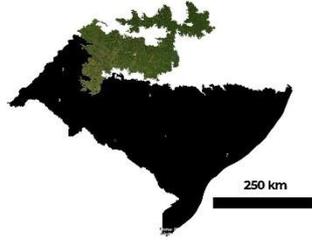


2020

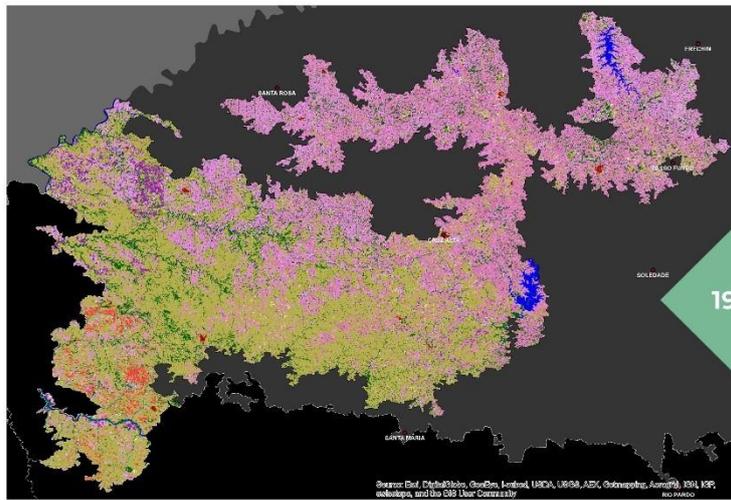


EVOLUÇÃO DA PAISAGEM - REGIÕES DO PAMPA 1985-2020

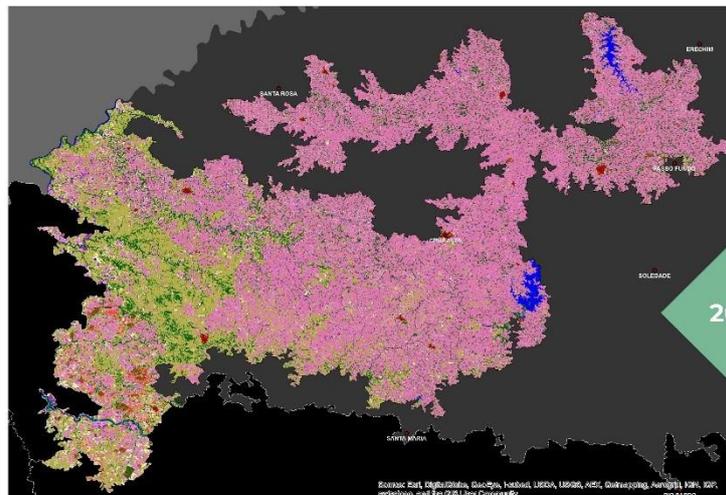
9



PLANALTO MÉDIO/MISSÕES



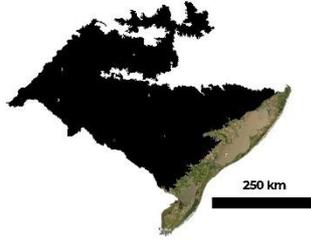
No **Planalto Médio/Missões** houve a maior perda absoluta da área de vegetação nativa no período mapeado.



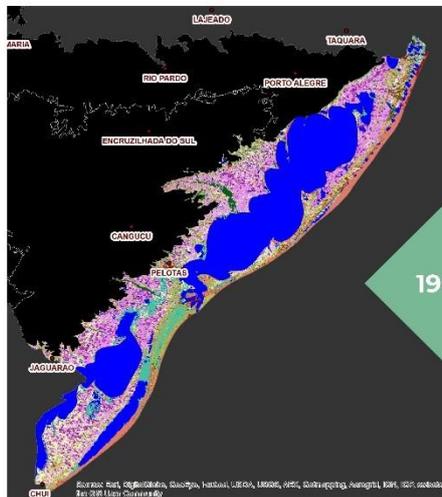
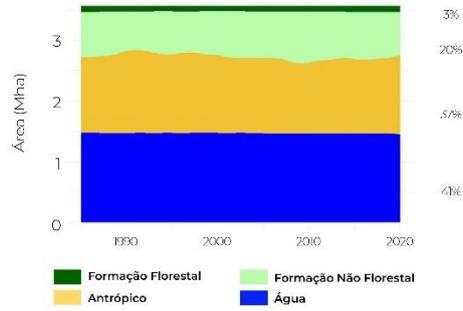


EVOLUÇÃO DA PAISAGEM - REGIÕES DO PAMPA 1985-2020

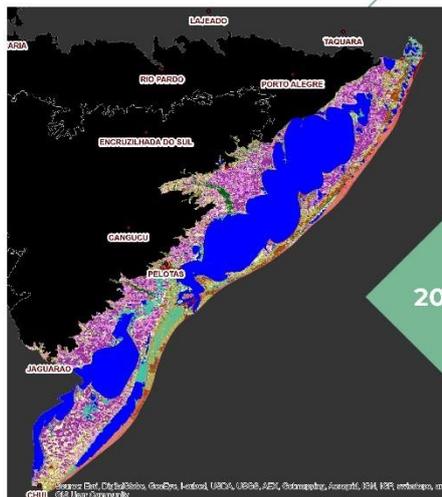
10



ZONA COSTEIRA



1985



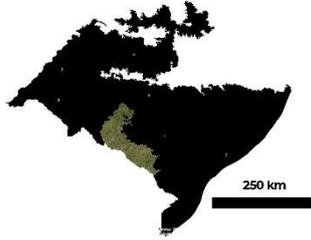
2020

Na **Zona Costeira**, as principais transformações da paisagem foram anteriores a 1985. Durante o período mapeado, foi a região com a menor dinâmica de perda de vegetação nativa.

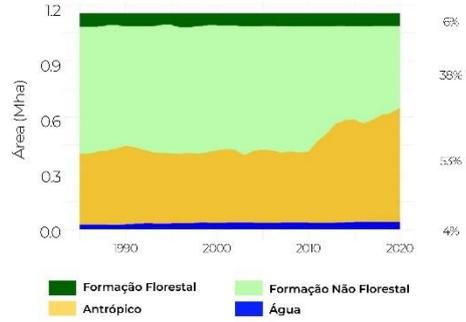


EVOLUÇÃO DA PAISAGEM - REGIÕES DO PAMPA 1985-2020

11

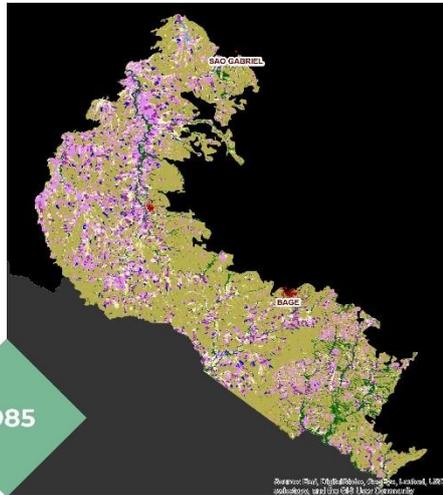


CAMPANHA (LESTE)

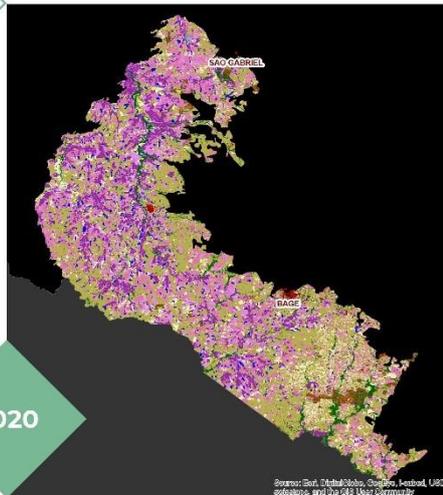


O leste da Campanha teve uma transformação expressiva da paisagem, especialmente na última década.

1985

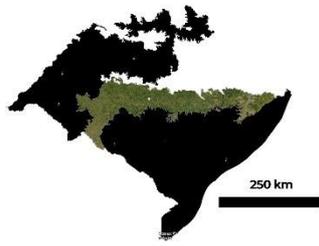


2020

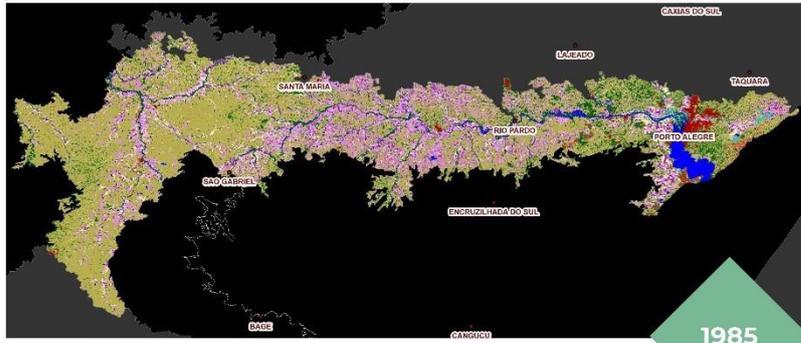
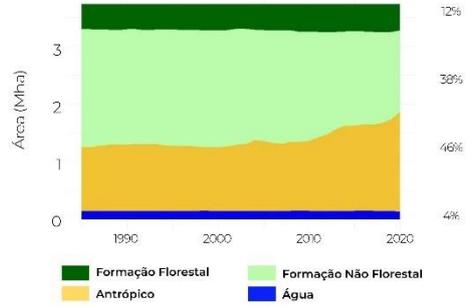




EVOLUÇÃO DA PAISAGEM - REGIÕES DO PAMPA 1985-2020

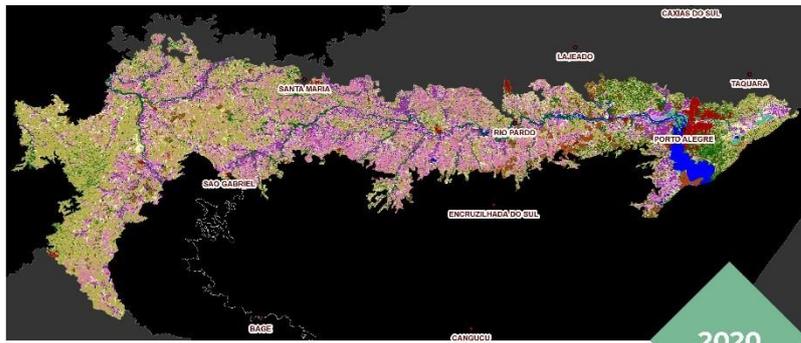


DEPRESSÃO CENTRAL



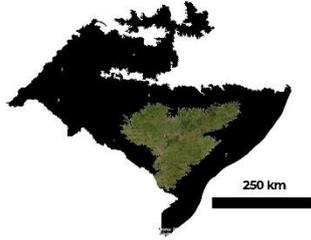
1985

A **Depressão Central** ocupa o segundo lugar em área de remanescentes de vegetação nativa, mas por outro lado, teve a segunda maior perda absoluta nos últimos 36 anos.

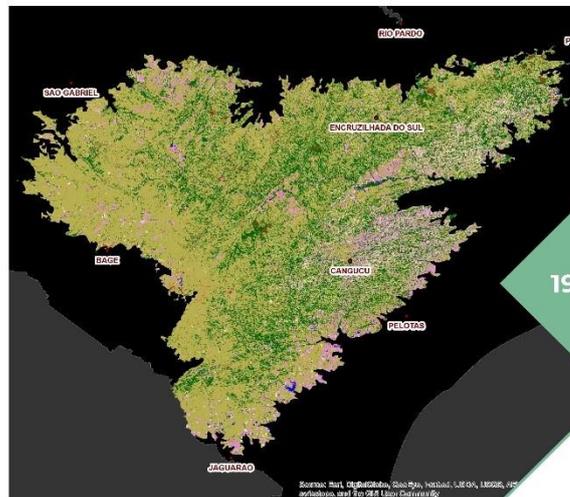
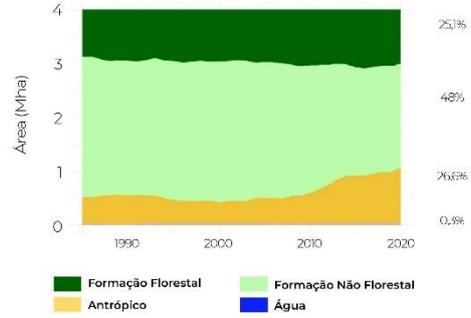


2020

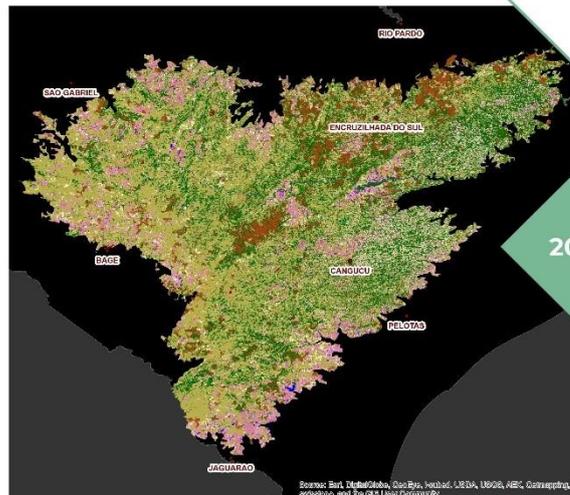
EVOLUÇÃO DA PAISAGEM - REGIÕES DO PAMPA 1985-2020



SERRA DO SUDESTE



1985



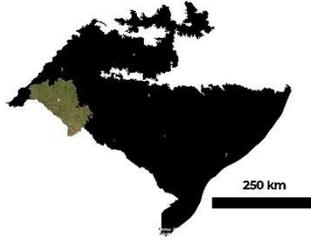
2020

A **Serra do Sudeste** é a região do Pampa com maior quantidade de vegetação nativa em termos absolutos.

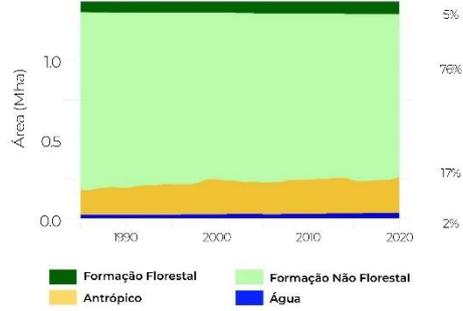


EVOLUÇÃO DA PAISAGEM - REGIÕES DO PAMPA 1985-2020

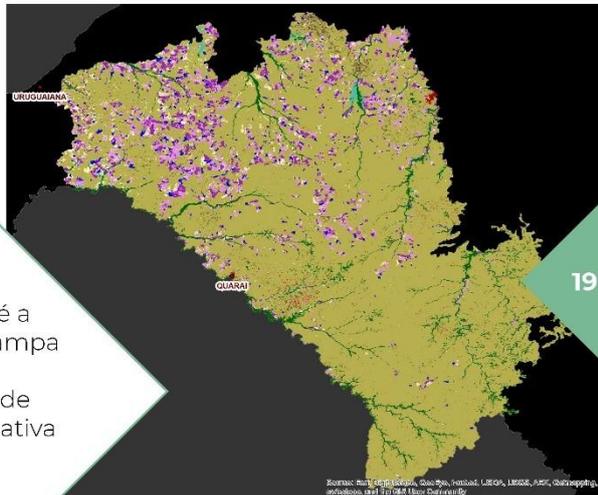
14



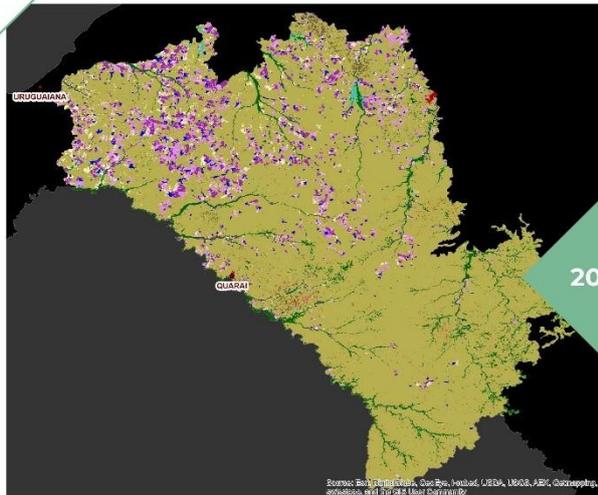
CAMPANHA (OESTE)



O oeste da Campanha é a região do Pampa com maior quantidade de vegetação nativa em termos relativos.

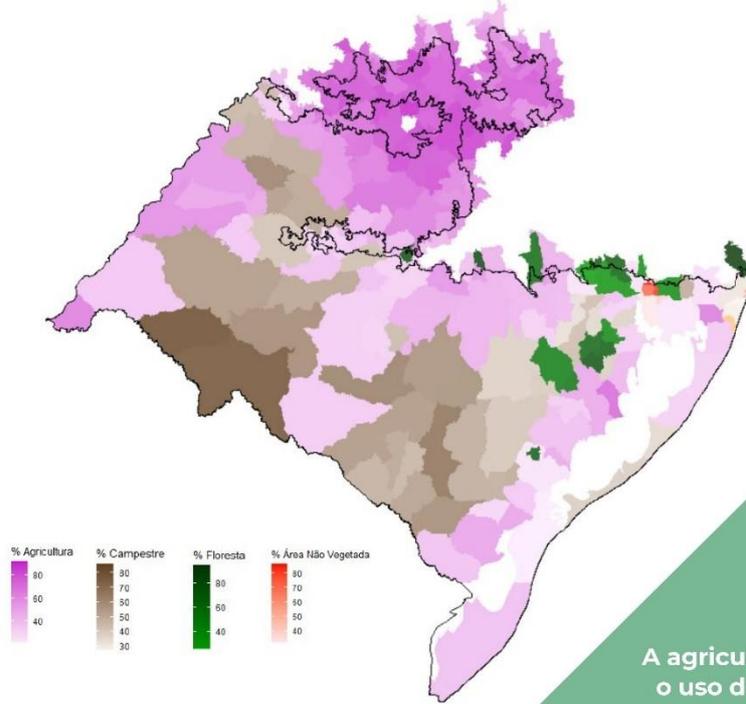


1985

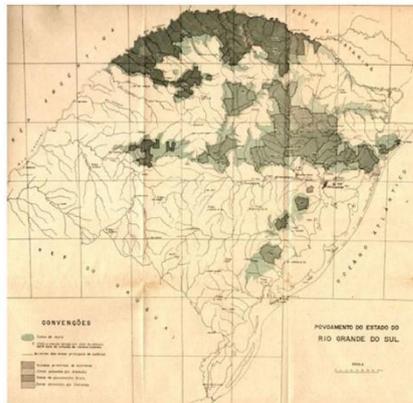


2020

USO E COBERTURA DA TERRA PREDOMINANTE POR MUNICÍPIO NO PAMPA - 2020

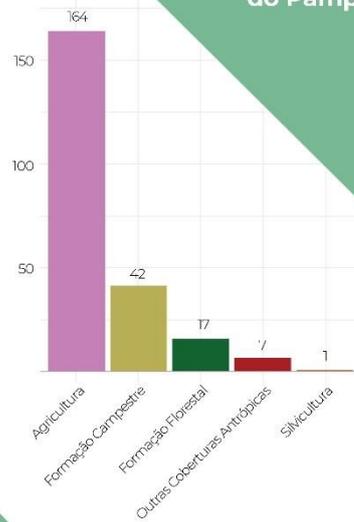


A agricultura é o uso da terra predominante na maioria dos municípios do Pampa.



13. Zonas de mata do Rio Grande do Sul, no mapa Povimento do Estado do Rio Grande do Sul, Nilo Bernardes, 1935. Arquivo: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

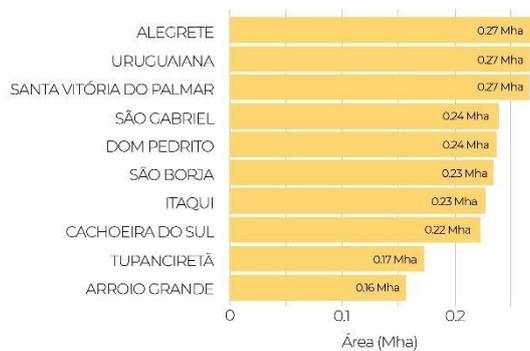
IHGRGS (2008)



RANKING DE MUNICÍPIOS POR CLASSES DE COBERTURA E USO — 2020

16

RANKING DE AGRICULTURA + SILVICULTURA



RANKING DE ÁREA URBANIZADA



RANKING DE VEGETAÇÃO NATIVA

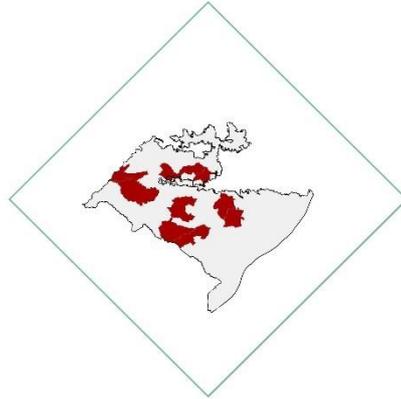
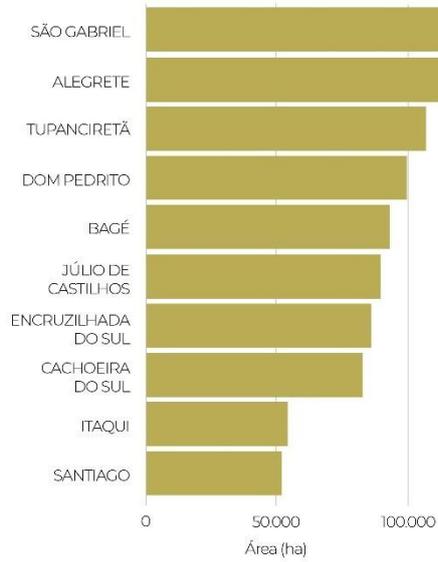




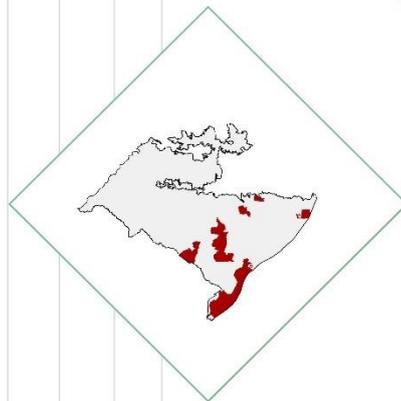
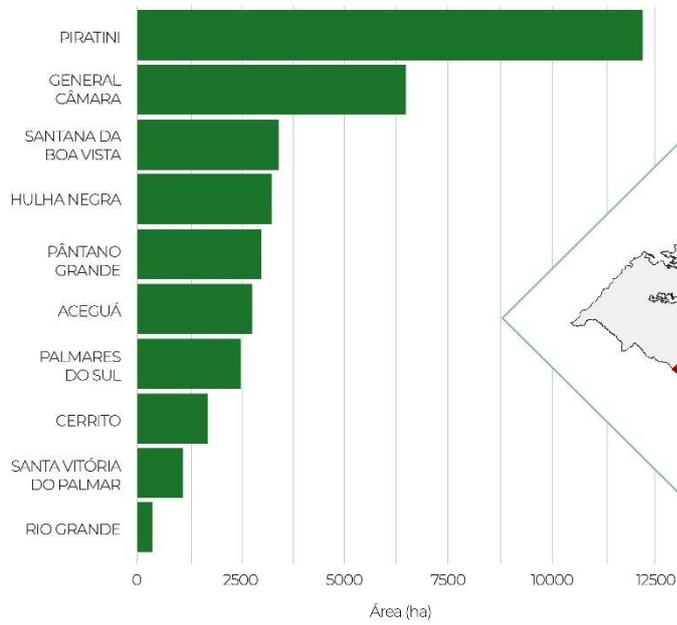
MUNICÍPIOS QUE MAIS PERDERAM ÁREAS NATURAIS, POR CATEGORIA

17

FORMAÇÃO CAMPESTRE



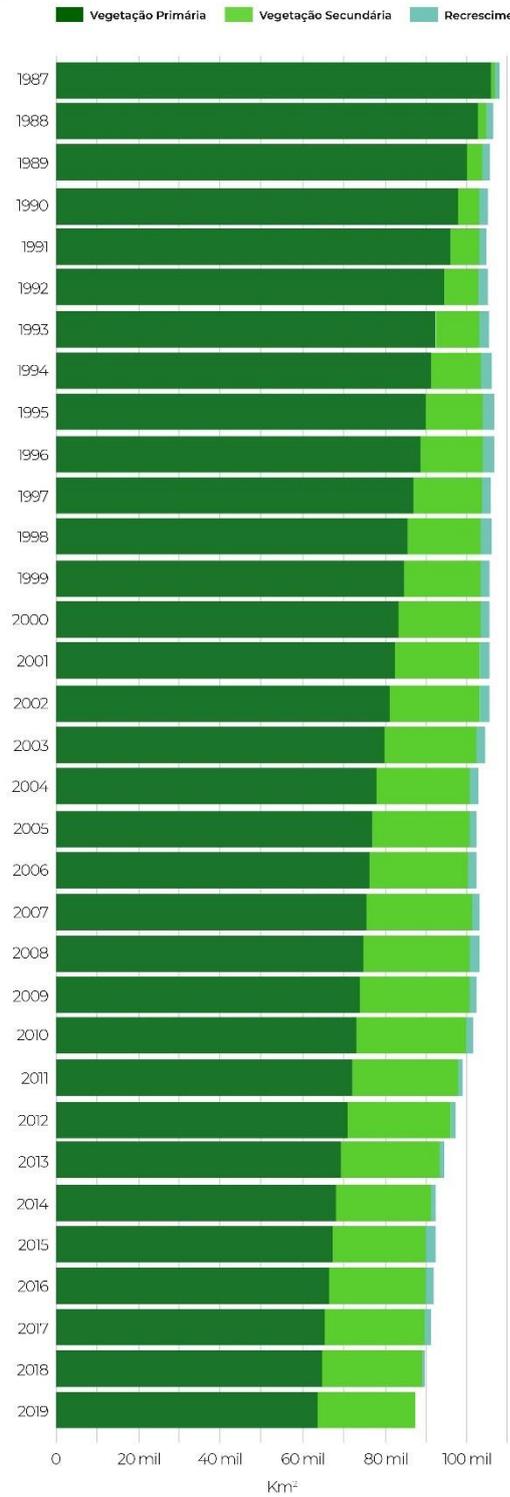
FORMAÇÃO FLORESTAL





VEGETAÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA NO PAMPA DE 1987 - 2019

18

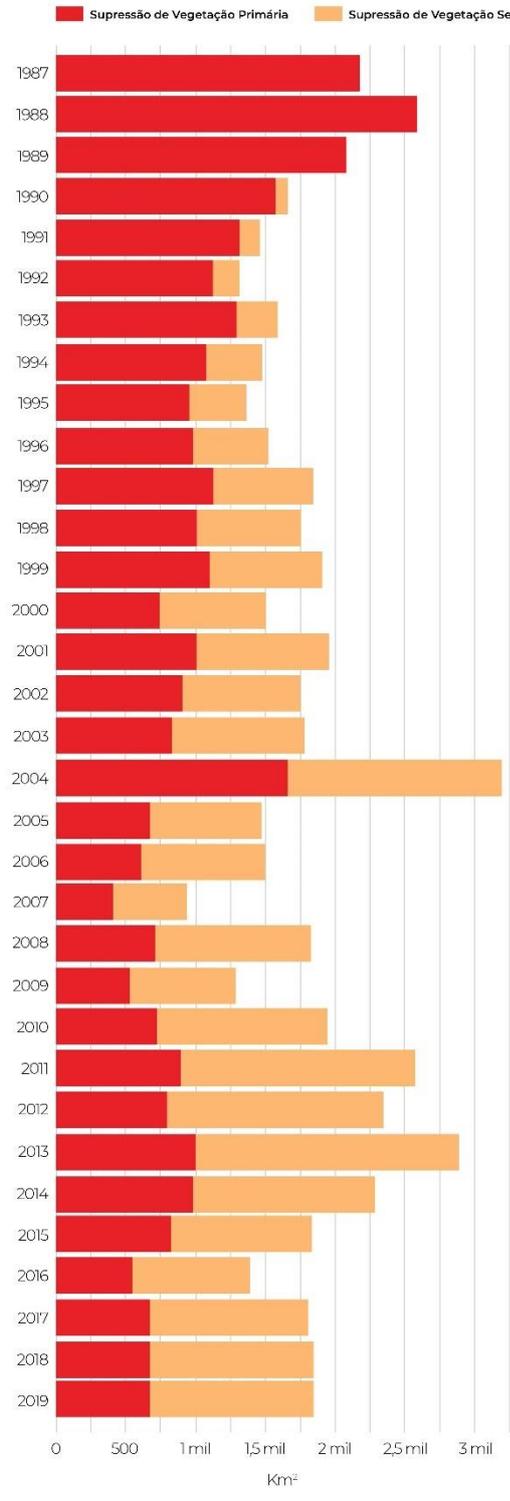


Vegetação Primária em 2019
6.357.836 ha

Perda de Vegetação Primária 1987-2019
- 40 %
- 4.238.454 ha

Vegetação Secundária em 2019
2.363.306 ha

SUPRESSÃO DA VEGETAÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA



Supressão
Vegetação
Secundária em 2019
118.241 ha

Vegetação Primária
em 2019
66.7704 ha

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DO MÉTODO

20



Acrescentar abaixo da figura: A descrição completa da metodologia aplicada na Coleção 6 do MapBiomas pode ser acessada em <https://mapbiomas.org/download-dos-atbds>

Os dados do MapBiomas são públicos, abertos e gratuitos sob licença Creative Commons CC-CY-SA e mediante a referência da fonte observando o seguinte formato:

COMO CITAR:

“Projeto MapBiomas – Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra no Pampa - Coleção 6, acessado em [DATA] através do link: [LINK]”

Saiba mais em mapbiomas.org

